20 anos sem Ian Curtis • Capital acústico

SHOWBIZZ

15 anos

#181/1 EDIÇÃO 178 ANO 15 Nº 5 MAIO 2000 R$ 5,00

No Doubt
Gwen abre o coração em bate-papo exclusivo

The Cult
O retorno do rock com alma

Os shows de **Morrissey** no Brasil

Fernanda Takai, do Pato Fu, e João Gordo, do Ratos de Porão

Que disco mudou sua vida?

Do **pop** ao **punk**, 40 artistas apontam os sons que fizeram sua cabeça

ED. 178 ABRIL

E mais: Hanson • Plebe Rude • Sonic Youth

Este é o Max de Castro.

A nova música brasileira já tem nome.

"Eis aqui o primeiro produto de artista iniciante da geração 2000 na música popular brasileira."
Pedro Alexandre Sanches - Folha de São Paulo
"... resultando num belo trabalho que flerta com o passado para seguir rumo ao futuro universal."
Rodrigo Carneiro - O Estado de São Paulo
"Seu Caldeirão brasileirissimo oferece uma degustação de vários sabores... e revela novos paladares em cada audição."
Ramiro Zwetsch - Isto É Gente
"Fusion is the key to the most exciting new music - and Max de Castro boasts plenty of fusion."
Time Out - London
"Samba Raro é um primor de produção."
Marcelo Ferla - Zero Hora
"Max revela uma identidade de funky melodista refinado (onda diferente) e uma pegada sensual (1 flash) de quem ainda pode edificar uma voz própria, descolada dos monstros sagrados."
Tárik de Souza - Jornal do Brasil

TRAMA

Já à venda nas melhores lojas.

Original jeans. Original people.
LEVI'S
www.levi.com

Editorial&Sumário

Gordo lança seu olhar de reprovação sobre a escolha de Fernanda

Foto de Capa - Rui Mendes

Foi em outubro de 1987. Um colega da escola descolou o novo disco do Cult, *Electric*, e, claro, toda a turma quis gravar sua fitinha. Eu, que já tinha o anterior (*Love*) e posava de psicodélico, não acreditei no que ouvi. Parecia uma mistura dos AC/DCs e Zeppelins que meus primos mais velhos escutavam – e que eu execrava, argumentando que aquilo não era do meu tempo, que eles estavam por fora e coisa e tal. Graças a este disco, porém, minha cabeça se abriu. Passei a me interessar pelos sons dos anos 70 e, depois, fui segmentando minha curiosidade cada vez mais, com estilos sem nenhuma relação com o Cult: funk, soul, jazz, reggae... *Electric* não foi marco de p* nenhuma, mas teve esse valor para mim. É assim que um disco muda a vida de alguém, e não por ser o melhor álbum que a pessoa tem em casa, o mais inovador ou o mais radical. Os artistas que responderam à questão desenterraram a trilha sonora que embalou seus primeiros beijos, suas primeiras festas, ou que despertou neles a vontade de serem músicos ou formarem suas bandas. Um trabalho que mexeu com a memória afetiva de quem falou, de quem escreveu e, tenho certeza, de quem lerá os depoimentos. Porque é muito melhor ser sincero do que bancar o "cool".

Tchau e bênção,

Emerson Gasperin

Parada da redação

Os discos que mudaram nossas vidas foram...

Angel Dust, Faith No More
"As letras, as sonoridades distintas, o melhor vocalista dos anos 90, minha pré-adolescência." (*José Flávio Júnior*)

Still Life, Rolling Stones
"Em 82, já carregava meu *Tattoo You*, quando um amigo me mostrou o *Still Life*. Aí eu chapei: essa é a minha banda." (*Dalton Flemming*)

Suede, Suede
"Mais exatamente quando vi o clipe de 'Animal Nitrate' e fui para a Inglaterra. Pela primeira vez, me senti 'em casa'. O álbum, a banda, as ruas de Londres. Era a materialização do que eu sentia na adolescência." (*Fabiana Batistela*)

Live Rust, Neil Young
"É só ouvir e acompanhar o refrão: 'Hey, hey, my, my! Rock and roll can't never die'." (*Roberto Morgan*)

Garotos Do Subúrbio, Inocentes
"Eu era normalzinha, mas, depois que ouvi esse disco..." (*Adriana Amaral*)

22 O disco que mudou sua vida
O rock que pirou o garoto nordestino; o samba que fazia as mesmas críticas sociais do rap de hoje; o hardcore que mandou a coleção do Kiss para o sebo: escolhas da nata do pop rock nacional

36 A volta do Cult
Levamos um papo com a banda de rock que emplacou os riffs mais rascantes dos anos 80 e que encerrou atividades no Brasil

40 Abril Pro Rock
O duradouro festival recifence abre as portas para tendências modernas, abrigando shows de Otto, Aterciopelados, Shivas Las Vegas, sem se esquecer dos caranguejos locais

46 No Doubt
A vocalista Gwen Stefani mudou a cor dos cabelos, mas manteve a meiguice nas composições do novo álbum, *Return Of Saturn*

48 Senhores Tempo Bom – parte II
Mais um lote de talentosos artistas que foram esquecidos pelo público, apesar de sua importância no desenvolvimento do soul e do funk na terra de Cabral

56 Capital Inicial desplugado
Apostando na crueza e nos seus poucos hits, chega a vez dos brasilienses "revisitarem a carreira" no formato acústico

sempre em showbizz

12 Bizzes
O retorno definitivo (?) da Plebe Rude; um papo com o Bloodhound Gang; 20 anos sem Ian Curtis, do Joy Division

60 Democracia
O trio Bojo ensina o caminho da internet; os candangos do Bois De Gerião sopram forte

62 Crítica
O discurso do Asian Dub Foundation; Lou Reed no vermelho; pacote de discos de country alternativo

74 Ao Vivo
O império de Morrissey, Rollins Band em Londres

82 Discoteca Básica
Daydream Nation, do Sonic Youth

MACHINA
the machines of God

THE SMASHING PUMPKINS

www.virgin.com.br

em CD Virgin

Cartas

Pouco acorde, muito peso

Stiff Upper Lip, do AC/DC, não teve a nota que merecia, segundo leitor

Decepcionante a nota 6 que o AC/DC recebeu na seção de críticas da edição de abril. Claro que o *Stiff Upper Lip* não é o melhor álbum da banda, mas quem gosta desse estilo musical pode escutar da primeira à última faixa sem tirar o sorriso do rosto. Sobre os "ingredientes sonoros utilizados por esse bando de australianos", só tenho uma coisa a dizer: não importa quantos acordes você toca, o importante é o que você consegue fazer com esses acordes. O AC/DC pode se orgulhar de ser uma das poucas bandas que nunca se rendeu a modismos, fazendo sempre seu som pesado e pulsante. Interessante que só bandas da moda (do tipo que sempre tocam em rádios FMs ou passam na MTV) ganham notas altas. Se essa crítica fosse publicada depois do álbum vender milhões, com certeza a nota seria maior.

Alexandre Eidelwein – Estrela, RS

Só nas comunitárias

Sou assinante da SHOWBIZZ há alguns anos e pela primeira vez escrevo para fazer um comentário. Tenho 20 anos, não curti o estouro do rock nacional nos anos 80, mas sou apaixonado por esse estilo musical, tanto que faço um programa só de rock nacional em uma rádio comunitária, o *Made In Brazil*, há dois anos. E, de um tempo pra cá, tenho me interessado muito por essa nova aventura do Lobão. Já o admirava muito pelo que fez no passado, mas com o lançamento de seu último disco, *A Vida É Doce*, ele se tornou um tipo de porta-voz dos artistas. Não é qualquer um que tem a disposição de bancar um disco independente sozinho, só com a cara e a coragem, tendo de criar um selo próprio e numerar os discos (coisa que muitos artistas deveriam fazer), para ter certeza de quantas cópias foram vendidas. Além disso, Lobão é uma das poucas vozes (senão a única) defensoras das rádios comunitárias, as únicas que realmente prestam serviços à comunidade e que divulgam seu novo disco. É com imenso prazer que, ao tocar a faixa "A Vida É Doce", abro o microfone e digo: "essa você só escuta aqui". Na minha opinião, é uma das melhores músicas dele ("...E do nada/ o telefone toca/ E é você do outro lado/ me ligando/ Devolvendo minha insônia..."), ao lado de "Canos Silenciosos" e "O Eleito". Que venham mais 50, 100 mil cópias! Valeu Lobão! Parabéns aos críticos que elegeram Lobão o artista do ano, e parabéns aos leitores que esqueceram os Titãs (meus ídolos), que precisam voltar a ser os Titãs de *Cabeça Dinossauro* e *Titanomaquia*, a melhor banda do Brasil.

Rômulo Walace de Souza – Volta Redonda, RJ

Parabéns, Rômulo. Pelo bom gosto e pelo trabalho prestado à sua comunidade!

Engraçadinho

Comprei a edição de março atraído pela capa. Pensava que iria degustar uma grande entrevista com o Red Hot Chili Peppers. Buáááá! Foi a vontade de chorar que primeiro veio à minha cabeça. Pensei melhor. Devemos rir de piadas. E essa votação dos melhores de 1999 só pode ser piada. Ou o pop/rock tupiniquim foi para o beleléu. Senão, vejamos... Los Hermanos e "Anna Júlia"? Brega, brega *über alles*. Rodolfo e Fernanda, melhores vocalistas? Só numa clínica de surdos-mudos. Legião Urbana, melhor disco??? Desculpe-me, Dado Villa-Lobos, é necrofilia, sim, e você tem culpa no cartório. Você e o Bonfá fazem Renato Russo se revirar no caixão. Aliás, quem quer saber do disco novo do Bonfá? Charlie Brown Jr., melhor banda? Confiscou neles! Pelo menos os infames Titãs foram ignorados. Isso é só o começo, mas não tenho mais saco pra falar de algo que já morreu e apodreceu. E, por favor, esqueçam a Legião. Chega. Deixem os mortos em paz. Depois de tudo isso, a minha vontade de chorar sumiu. Quá-quá-quá...

Estênio Brasilino – Recife, PE

Pedrada mitológica

Emocionante a matéria em três partes sobre o rock de Brasília. Mesmo morando aqui no Nordeste, no Recife, eu e "minha turma" vivemos essa história também. A Legião Urbana foi a trilha sonora de nossas vidas. Aquelas músicas estavam relacionadas às nossas descobertas: drogas, sexualidade, o nosso mundo adolescente... Os shows da Legião no Circo Voador, no mesmo Recife antigo que hoje é um lugar modernoso e reformado, foram inesquecíveis. Os ataques de Renato Russo no palco também aconteceram por aqui. Lembro-me de um episódio no Galpão do Centro de Convenções, em Olinda, no qual tubos de ensaio e seringas atiradas no palco e nos músicos fizeram o poeta buscar uma pedra e ameaçar jogá-la. Fiquei ali, paralisado. Eu sabia que ele não jogaria aquela pedra no público. E, se jogasse, não importava. Eu seria apedrejado por Renato Russo... Quanto isso seria mitológico?! A terceira parte desta matéria me fez chorar e senti saudade. Aqueles foram meus anos incríveis. E nenhuma outra banda conseguiu me ensinar tanto, me empurrar tanto para a vida, me emocionar tanto. Que pena que eu cresci e já não escuto Legião do mesmo jeito. Mas tem de ser assim! Como dizia outro poeta: o tempo não pára. Estou ansioso pelo trabalho-solo do Bonfá. E quem sabe continuar essa história, mesmo sem Renato tão perto.

Suami Cavalcanti de Oliveira – Recife, PE

Valeu! Valeu! Valeu!

Parabéns! Parabéns! Parabéns! Me faltam palavras para definir e acabo caindo no comum, que é dizer "parabéns", quando um trabalho é bem-feito (e MUITO bem-feito, por sinal). A História do Rock de Brasília é (foi?) simplesmente demais! Contada de uma forma que prende a atenção do leitor, como se fosse um romance policial ou um ótimo filme de suspense. Quando tudo isso aconteceu, eu ainda era pequena e é muito bom saber como tudo começou e terminou. Vocês estão de parabéns, matéria muitíssimo bem escrita. Muito obrigada por toda a explicação!

Renata Paes - Santo André, SP

Obrigado a todos os leitores que escreveram agradecendo a trilogia do rock de Brasília. Foram muitas cartas e e-mails, o que nos deixou deveras lisonjeados.

Trégua, por favor

Eu escrevo esta carta para todos os leitores da SHOWBIZZ, pedindo para que parem de criticar as bandas de todos os estilos. Não estou de acordo com as críticas que andaram fazendo a esses grupos. Cada um deve respeitar o gosto do outro e não atacá-lo com conversinhas banais. Aposto que esses jornalistas idolatram alguma banda que eu detesto, mas não é por isso que eu irei atacá-los, ofendendo a "bandinha" favorita deles. Eu sou da seguinte opinião: gosto é igual a c*, cada um tem o seu. Em vez de perderem o seu tempo escrevendo críticas e atacando os fãs desta determinada banda, escrevam cartas elogiando os artistas que gostam. É muito mais saudável evitar "brigas" como estas do que prolongar ainda mais essa "rivalidade musical". Espero que a SHOWBIZZ publique esta carta para todos os leitores, que lhes sirva para alguma coisa construtiva, pois o mundo já está violento e nós podemos evitar esse tipo de violência aceitando os gostos e respeitando cada um.

Valéria Russo – Taboão da Serra, SP

The Wall dez anos

Sou colecionador da revista SHOWBIZZ desde o ano de 1990 e até hoje procuro edições anteriores, mas nunca mandei uma carta ou e-mail para a Redação. Desta vez foi inevitável. Não mando mensagem para reclamar, mando para pedir, implorar de joelhos: capa da edição de junho para o Pink Floyd. Em junho comemoramos 10 anos do megaconcerto *The Wall* (21/06/90) em Berlim, que, além de boa música, apresentou a realização de um sonho, o de Roger Waters: ver aquele muro desgraçado que separava as Alemanhas no chão. Já faz 10 anos e poucos lembram disso. Mas quem é fã sabe quanto foi importante aquele concerto, aquela luta, aquele maravilhoso álbum de 1979 (*Dark Side Of The Moon* foi o melhor, mas *The Wall* foi histórico) e aquele filme do Alan Parker (que é um dos mais raros de se encontrar em vídeo). Amo a revista e sei que não decepcionarão os fãs da banda mais amada do mundo, depois dos Beatles, é claro.

Régis Zaglia – São Paulo, SP

Ok, Régis. Recado muito bem dado. Realmente o evento merece comemoração. Faremos o possível para prestar a devida homenagem a Mr. Waters e companhia.

Correções

•Na matéria *O Teto Que Eles Pisam*, edição de abril, Adam Clayton saí creditado como baterista do U2 e Larry Mullen, como baixista, exatamente o contrário.

•O disco do Supreme Beings Of Leisure foi lançado pela Trama, diferentemente do que saiu na página 74, da edição 177.

FALE COM A SHOWBIZZ

POR CARTA: **Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000**
ATENDIMENTO AO LEITOR: e-mail: **showbizz@simbolo.com.br**
Telefone: **(0xx11) 284-2422**. Fax: **(0xx11) 287-4979**
ASSINATURAS podem ser obtidas pelo telefone: **(0xx11) 3990-2112** (Grande São Paulo), **0800-552112** (outras cidades), ou pelo e-mail: **abrilsac@email.abril.com.br**

Editora Símbolo

Diretora-Presidente
Joana Woo
Vice-Presidente Editorial: Roberto Melo
Vice-Presidente Comercial: Yara Grottera

Diretora de Circulação: Regina Bucco
Diretora de Publicidade: Dilu Freire Ruth
Diretora Jurídica: Henriqueta Pezelli

SHOWBIZZ

Diretora Divisão Segmentadas: Laís de Castro
REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flávio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Colaboradores: (TEXTO) Adalberto Rabello Filho, Alexandre Matias, André Barcinski, Bernardo Araújo, Bia Abramo, Camilo Rocha, Carlos Eduardo Oliveira, Carlos Marcelo, Celso Pucci, César Carpanez, Daniel Oliveira, Fabiana Batistela, Jaime Biaggio, Luciano Vianna, Marcelo Ferla, Marcos Bragatto, Pedro Só, Renato Vada, Ricardo Alexandre, Sérgio Barbo (FOTOS) Alex Silveira, Anderson Schneider, Marcelo Vitorino, Marcelo Ximenes, Marcos Bragatto, Moira Seadon, Rui Mendes, Valéria Rossi (ILUSTRAÇÃO) Sérgio Barbo, Walkyria Garotti
(REVISÃO) Ângela Maria Cruz

Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Florence Hu (Nova York)
Produção Gráfica: Andréa Levorin
Símbolo Press: Ana Carolina Oliveiro

PUBLICIDADE
Gerente de Publicidade: Liliane Santos
Executivas de Negócios: Telma Damásio, Fernanda Perez Costa, Rosana Garcia Mendes
Contato Publicitário: Fabiana Zuanon
Gerente de Publicidade de Representantes Regionais: Kleber Gomes
Gerente de Publicidade (RJ): Marta Pimentel
Contato (RJ): Anaide Franco
Escritório • Rio de Janeiro: R. Voluntários da Pátria, nº 45 - GR 401/402, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22270-000, tel. (0xx21) 579-2230, fax (0xx21) 579-2240 **Representantes • Interior de SP:** F&Campos Consultoria e Assessoria S/C Ltda., R. Caramuru, 1280, cj. 106, Ribeirão Preto, SP, CEP 14030-000, tel./fax (0xx16) 635-5137 • **Brasília:** JCZ - Comunicações Ltda., SRTVS, quadra 701, bloco C, sala 330, Brasília, DF, CEP 70340-907, tel. (0xx61) 322-2034, fax (0xx61) 314-1541 • **Ceará:** A.G. Holanda Comunicação Ltda., R. Pedro Borges, 135, 10º andar, sala 1001, Fortaleza, CE, CEP 60055-110, tel. (0xx85) 253-4141, fax (0xx85) 231-4761 • **Paraná:** Yahn Representações Comerciais Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 488, cj. 808, Curitiba, PR, CEP 80530-060, tel. (0xx41) 232-3466, fax (0xx41) 232-0737 • **Rio Grande do Sul:** Isoppo & Cia. Ltda., Av. Getúlio Vargas, 1593, 6º andar, sala 607, Porto Alegre, RS, CEP 90150-004, tels. (0xx51) 231-8183 e 233-1513, fax (0xx51) 233-1587 • **Novo Hamburgo:** Angela Blauth Representações Ltda., R. Tupinambá, 55, sala 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93310-220, tel. (0xx51) 582-4120, fax (0xx51) 594-4089 • **Santa Catarina:** Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, sala 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel./fax (0xx48) 222-4155

MARKETING
Gerente de Marketing: Maria de Moraes

FINANÇAS E ADMINISTRAÇÃO
Gerente Financeiro: Reinaldo Brito
Gerente Administrativo: Fátima Faria
Gerente de Produção Gráfica: Fernando Levorin
Gerente de Sistemas: Marcelo Aytes

Fotolito Eletrônico: A. R. Fernandez
Impressão: Globo Cochrane Gráfica e Editora – Vinhedo
Papel: Inpacel

ANER IVC

Showbizz é uma publicação mensal da Editora Símbolo Ltda. ISSN 0104-1649. Edição 178, maio de 2000. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (0xx11) 284-2255, fax (0xx11) 287-4979. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque), solicite através de seu jornaleiro ao preço da última edição em banca. **Showbizz** não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

USINA DO SOM. O 1º SITE INTERATIVO DE MÚSICA.

FINALMENTE UM SITE ONDE VOCÊ ENCONTRA TUDO SOBRE MÚSICA, DO JEITO QUE VOCÊ QUER E NA HORA QUE QUISER.

MINHA RÁDIO — CRIE UMA RÁDIO QUE É A SUA CARA E MONTE UMA PROGRAMAÇÃO SÓ COM O QUE VOCÊ GOSTA DE OUVIR.

NOTÍCIAS E ENTREVISTAS — BIOGRAFIAS, BASTIDORES, DISCOGRAFIA E AGENDAS DE SHOWS.

MINHA BANDA — CRIE UMA PÁGINA EXCLUSIVA COM TODAS AS INFORMAÇÕES SOBRE A SUA BANDA E AS SUAS PRÓPRIAS MÚSICAS.

GALERIA DE RÁDIOS PESSOAIS — RÁDIOS PESSOAIS DOS USUÁRIOS E DE ARTISTAS FAMOSOS.

USINA DO SOM. O SEU ESTILO. AS SUAS MÚSICAS. A SUA PROGRAMAÇÃO.

www.usinadosom.com.br

USINA DO SOM

PATROCINADOR FUNDADOR: mercadoLivre Submarino

APOIO TECNOLÓGICO: UOL

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP
E-mail: showbizz@simbolo.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Dash, nota Dash

Gostaria muito que vocês me dessem qualquer informação sobre a banda Dash. Procuro CDs e informações, mas nunca acho nada. Gostaria de saber onde posso encontrar registros musicais da banda. Por favor, me ajudem!

Pietro Berardinelli – Angra dos Reis, RJ

O Dash atuou no cenário independente carioca entre 1992 e 1999 e foi uma das bandas brasileiras elogiadas por Dave Grohl, do Foo Fighters, na SHOWBIZZ de novembro de 1996. "Me lembro também de conhecer bandas ótimas como Pin Ups e Dash", disse ele, comentando sua experiência no Brasil, em 1993, com o Nirvana. Gravaram apenas um álbum, *Ooh La La*, que saiu em 1997 pela Swindle Records. Contou com Simone na guitarra e vocal (hoje, baixista do Autoramas), Formigão (do Planet Hemp) no baixo, Diba na guitarra e Kadu (ex-Second Come) na bateria. Ainda pensam em lançar uma demo com o material que têm guardado. Para mais informações, inclusive de como conseguir o álbum, mande uma mensagem para o e-mail simone@autoramas.com.br.

A voz de Santana

Gostaria de saber a data de nascimento dos integrantes da banda Matchbox20, o que eles andam fazendo e quando lançarão um novo trabalho.

Rosi Rosieti Rodrigues – Curitiba, PR

Rob Thomas (guitarra e vocal) nasceu em 14 de fevereiro de 1972; Kyle Cook (guitarra), em 29 de agosto de 1975; Adam Gaynor (guitarra), em 26 de novembro de 1964; Brian Yale (baixo), em 24 de outubro de 1968; Paul Doucette (bateria), dia 22 de outubro de 1972. A banda, que mudou seu nome de Matchbox20 para (pasme!) Matchbox Twenty, lançará seu novo álbum, *Mad Season*, no dia 23 deste mês, e já anunciou uma miniturnê, que deve começar dia 19 em Atlanta, EUA. Em seguida, o grupo viaja para a Europa para tocar em vários festivais de verão. O primeiro single de *Mad Season* é "Bent" e estreou nas rádios americanas dia 12 de abril.

Balada do R.E.M

Em que disco se encontra a música "So. Central Rain", do R.E.M.?

Mauricio Antunes Ariede – Rio Negro, PR

"So. Central Rain", ou "Southern Central Rain (I'm Sorry)", é do segundo álbum da banda, *Reckoning* (1984). A balada, primeira da banda a figurar nas paradas das rádios universitárias americanas, também pode ser encontrada na coletânea *The Best Of R.E.M.*, de 1991.

Ainda Young

Queria muito que vocês publicassem a discografia desse artista fantástico que é o Neil Young.

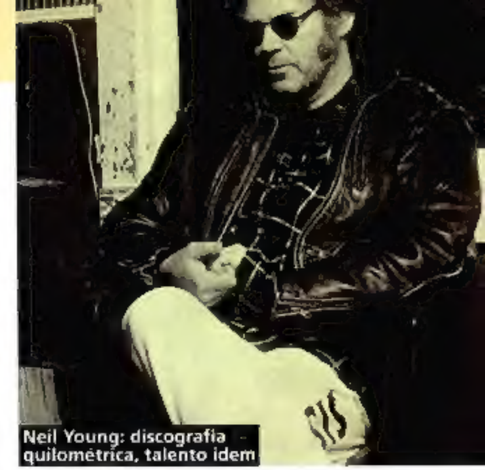
Ana Carolina S. de Medeiros – Jundiaí, SP

Neil Young (1969); *Everybody Knows This Is Nowhere* (1969); *After The Goldrush* (1970); *4 Way Street* (1971); *Harvest* (1972); *Journey Through The Past* (1972); *Time Fades Away* (1973); *On The Beach* (1974); *Tonight's The Night* (1975); *Zuma* (1975); *Long May You Run* (1976); *American Stars 'N' Bars* (1977); *Decade* (1978); *Comes A Time* (1978); *Crazy Moon* (1978); *Rust Never Sleeps* (1979); *Live Rust* (1979); *Hawks & Doves* (1980); *Re.Ac.Tor* (1981); *Trans* (1982); *Everybody's Rockin'* (1983); *Old Ways* (1985); *Landing On Water* (1986); *Life* (1987); *This Note's For You* (1988); *American Dream* (1988); *Freedom* (1989); *Ragged Glory* (1990); *Weld* (1991); *Arc* (1991); *Harvest Moon* (1992); *Lucky Thirteen* (1993); *Unplugged* (1993); *Sleeps With Angels* (1994); *Mirror Ball* (1995); *Broken Arrow* (1996); *Dead Man* (trilha sonora, 1996); *Year Of The Horse* (1997). Para abril, estava previsto o lançamento de *Silver & Gold*.

Só uma ponta

Gostaria de saber se a banda Virgulóides ainda existe e sua discografia.

Rafael Bernardi – Uberlândia, MG



Neil Young: discografia quilométrica, talento idem

Gostaria de saber, por favor, por onde andam os Virgulóides. A banda acabou?

Rafael Bernardi – Uberlândia, MG

O grupo Virgulóides gravou dois álbuns: *Virgulóides?* (1996), que vendeu 200 mil cópias por causa da infernal "Bagulho No Bumba", e *Só Pro Quem Tem Dinheiro* (1997). Graças ao fracasso do segundo disco, eles foram dispensados da gravadora Polygram e sumiram. Recentemente, assinaram contrato com a BMG e estão gravando material novo.

Ficha: THE CLASH

A pedido da leitora **Mayara Morokawa**, de Curitiba, PR

Clash: temperando os três acordes do punk

Importância

"Morte ou Glória" eram os pilares para o trabalho dos roqueiros do Clash. Protestantes, apoiavam várias causas políticas. Suas letras falavam sobre racismo, brutalidade policial e privação de direitos civis. Mas foi na sua forma de abordar o punk que o Clash deixou seu maior legado. A banda mostrou que o estilo não precisaria se limitar aos três acordes protocolares, temperando sua música com dub, reggae, soul e rockabilly. Depois deles, só os moicanos mais desinformados permaneceram obtusos.

Biografia

A banda foi formada em 1976 por Joe Strummer (vocais, guitarra), Mick Jones (guitarra, vocais), Paul Simonon (baixo), Terry Chimes (bateria) e começou a despontar para o estrelato quando excursionou com os Sex Pistols, abrindo a turnê *Anarchy In The UK*. Muito mais enérgico que o da banda principal, o punk do Clash não se limitava só às músicas. O que o público daquela turnê presenciava era consciência política, ideologia de vida e toda a ira e angústia de uma geração. Em 1977, assinam com a CBS e o LP de estréia chega a 12º lugar na parada britânica. Após o lançamento, Crimes foi substituído por Topper Headon. No ano seguinte, *Give 'Em Enough Rope* obteve o segundo posto da parada britânica. Em dezembro de 1979 veio *London Calling*, que além de ser um sucesso de público e crítica na Inglaterra, conquistou os EUA, onde ficou entre as trinta mais. Segue-se o triplo *Sandinista!*, marcado pelas experiências com dub. Apresentava canções brilhantes, apesar de algumas serem muito longas e outras parecerem estar inacabadas. Com *Combat Rock* alcançaram seu maior êxito, ficando entre os dez mais na parada norte-americana em 1983. Depois do lançamento, Headon deixou a banda, sendo substituído por Peter Howard. Ainda nesse ano, Mick Jones foi expulso por Strummer e Simonon. Com dois novos guitarristas, Vince White e Nick Sheppard, gravaram Cut The Crap no outono de 1985. O novo trabalho foi um fracasso comercial e abalou as estruturas da banda. No começo de 1986, o Clash já não existia mais. Em 1991, um comercial de jeans coloca a música "Should I Stay Or Should I Go" no topo da parada britânica.

Discografia

The Clash (1977), *Give 'Em Enough Rope* (1978), *The Clash* (1979), *London Calling* (1979), *Black Market Clash* (1980), *Sandinista!* (1980), *Combat Rock* (1982), *Cut The Crap* (1985), *The Story Of Clash Volume I* (1988), *Clash On Broadway* (caixa com três CDs - 1991), *The Singles* (coletânea - 1991), *Super Black Market Clash* (1994), *Live From Here To Eternity* (primeiro álbum ao vivo oficial, 1999).

Bizzes

Philippe, Gutje, Jander e André X (da esq. para a dir.): indefinição

Plebe Rude volta com a formação original para turnê e disco ao vivo, sem saber que bicho isso vai dar

Até quando continuar?

Jander Dornellas está farto do rock'n'roll. Desde que saiu da Plebe Rude, há dez anos, jamais voltou a empunhar uma guitarra elétrica. Preferiu tocar um instrumento tipicamente brasileiro: a viola. A fascinação é tanta que ele abandonou os sobrenomes de guerra Ameba e Bilaphra. Agora, dá autógrafos como Jander R-10, referência às dez cordas do instrumento. "Nunca estudei guitarra, não sei fazer riff, nada disso. Sou um aprendiz de violeiro", diz o vocalista da banda brasiliense, antes de fazer uma revelação: na casa onde mora em Mendes (RJ), não há sequer um CD de rock. Os LPs de Dead Kennedys, The Clash e outros foram trocados pelos acordes caipiras de Pena Branca & Xavantinho, Zé Mulato & Cassiano e Roberto Corrêa.

Mas, por mais uma das ironias que rondam o destino da Plebe Rude, foi exatamente na guinada de Jander em direção às dez cordas que surgiu a maior novidade do CD ao vivo que a banda brasiliense gravou no fim do ano passado, no Rio de Janeiro, e que acaba de ser lançado pela EMI. "O som mais rascante da viola enriqueceu algumas músicas antigas, fazendo um contraponto interessante com a guitarra do Philippe (Seabra, guitarrista e vocalista da banda)", observa o baixista do grupo, André Mueller, o mais entusiasmado com a utilização do novo instrumento em músicas como "Um Outro Lugar" e "Este Ano".

Pelo modo traumático como tinha sido afastado da banda, por meio de um seco telefonema, recrutar Jander foi o momento mais delicado da volta da formação original da Plebe Rude. O primeiro reencontro, poucas horas antes do show diante de 10 mil pessoas em agosto de 1999 no encerramento do festival Porão do Rock, em Brasília, foi no susto, mas acabou dando certo. Só que para gravar um disco inteiro ao vivo, ainda que dentro dos estúdios da EMI, no Rio de Janeiro, era necessário muito mais afinação. Dos instrumentos e também entre os quatro integrantes. "Aceitei voltar porque achei que valia a pena registrar em CD um som que a juventude ainda pode ouvir e não é supérfluo, não é descartável", acredita Jander, que nos últimos anos sobreviveu fazendo direção de palco para turnês de Fernanda Abreu, Gabriel O Pensador, Lulu Santos e Engenheiros do Hawaii.

Com o relançamento em CD dos três discos que a banda lançou nos anos 80 (o clássico mini-LP *O Concreto Já Rachou*, mais *Nunca Fomos Tão Brasileiros* e *Plebe Rude*) e a proposta de gravação de um álbum ao vivo seguido de uma turnê pelas principais capitais do Brasil, as animosidades do passado foram deixadas temporariamente de lado. Os quatro – Jander, Philippe, André e o baterista Gutje Woortman – se trancaram em estúdio no Rio de Janeiro para ensaiar o repertório calcado nos sucessos acumulados em 15 anos de carreira.

"Nunca ensaiamos tanto na vida: 28 dias sem parar", enumera André. Fã de música eletrônica e cético em relação ao rock atual, o baixista é enfático em descartar uma volta da Plebe em tempo integral, para gravação de um disco com inéditas e retomada da carreira. Mas nem ele nem os outros três integrantes conseguem responder com exatidão o que pode acontecer se a Plebe decolar novamente e criar uma legião de fãs adolescentes, muitos que nem eram nascidos quando a banda começou em 1981, em Brasília.

"Sinceramente, não sei o que pode acontecer", diz Philippe Seabra, enquanto Gutje garante: "Esse disco leva ao público a essência da Plebe, que sempre foi uma banda mais ao vivo do que de estúdio. Quem não conhece vai saber agora exatamente como a Plebe Rude é em cima do palco".

Carlos Marcelo

Divulgação

O Bloodhound Gang só quer ser idiota e festejar

Anderson Schneider

Escrotinhos de boa índole

Antes do terceiro disco sair no Brasil, o Bloodhound Gang já provocava muito bafafá nos Estados Unidos com o clipe de "The Bad Touch", do eclético e, segundo eles, idiota álbum *Hooray For Boobies*. Tudo por causa de cenas em que os integrantes degustam vermes, cospem fezes e simulam relações sexuais entre dois "macacos do mesmo sexo", ao som do refrão "nós dois não passamos de mamíferos, então vamos fazer como eles fazem no canal Discovery". Com o pé na estrada, o guitarrista Lupus Thunder conta a SHOWBIZZ que eles nunca tiveram intenção de causar polêmica, muito menos ofender alguém. "O humor é característica marcante da banda, mas às vezes as pessoas nos levam a sério."

Apesar da polêmica, "The Bad Touch" é transmitido sem cortes pela MTV americana e pela brasileira também. O que aconteceu?
Nós editamos o vídeo, justamente porque a MTV queria evitar problemas. Eles iriam exibir a versão sem a cena dos macacos tendo relações, mas alguém da emissora se atrapalhou e a versão original foi ao ar. Não ficamos muito preocupados, pois o erro foi deles.

Vocês misturam riffs de metal, bases eletrônicas, acordes de punk e batidas de hip-hop. É esse o segredo do sucesso, misturar vários elementos?
Quando eu era mais jovem, nunca ouviria um álbum como o nosso. Naquela época, se você ouvia metal, era só metal. Eu cresci ouvindo Slayer. Hoje, ouço Depeche Mode e acho que é a banda que mais nos influenciou. A garotada está melhorando nesse sentido. Eles estão mais abertos para vários estilos, pelo menos nos Estados Unidos. No nosso caso, é o humor das letras que nos faz ser o Bloodhound Gang. Não digo que a música é menos importante, mas ela serve como uma base para encaixar o que está sendo dito.

***Hooray For Boobies* é mesmo um álbum idiota?**
Ah, sim. É tudo muito idiota. Nós não queremos salvar o mundo, não temos uma mensagem pra passar. Queremos nos divertir, ser idiotas. Estamos todos com quase 30 anos e, quando tocamos, é como se pudéssemos ter 18 de novo. Nós não somos o Rage Against The Machine, não estamos tentando trazer algo maravilhoso a este mundo. Só queremos festejar, conhecer vários lugares, ir para o Brasil e encontrar lindas garotas brasileiras.

Fabiana Batistela

Anderson Schneider

Creed: platina e hit na trilha sonora de *Pânico 3*

Terror rock'n'roll

Se cada vez que rola "What If", da banda americana Creed, no rádio seu gás aumenta para pegar uma sessão de *Pânico 3*, desacelere. O embaço continua e o fim da trilogia de terror que mais fez sucesso na década de 90 só deve chegar às telas brasileiras em 7 de julho. Enquanto isso, o quarteto da Flórida, que encabeça a trilha sonora da película, segue vendendo milhares de discos. *My Own Prison*, segundo deles, alcançou a marca de platina tripla nos EUA com apenas cinco meses de loja. Considerado uma cópia escarrada do Pearl Jam, o Creed caminha para uma popularidade cada vez maior, perigando até ultrapassar a da turma do titio Eddie Vedder, que continua fugindo da mídia como Sidney Prescott foge da máscara branca.

Saudoso suicida

Há 20 anos, morria Ian Curtis, alma do Joy Division

Em maio de 1980, o Joy Division estava prestes a se tornar a maior banda da Inglaterra. A moral dos caras estava tão alta que eles nem se dignaram a responder à oferta de 1 milhão de dólares que a Warner americana fizera para contratá-los. O grupo havia gravado *Closer*, seu segundo álbum, e o compacto de "Love Will Tear Us Apart" já estava causando furor no programa de rádio de John Peel, na BBC. No dia 19 de maio, o Joy Division embarcaria para sua primeira turnê na América. Um dia antes, Ian Curtis, o vocalista da banda, resolveu se matar. Foi assistir ao filme *Stroszek*, do alemão Werner Herzog, voltou para casa e se enforcou. Curtis não era um cara normal. Sujeito talentosíssimo, mas de alma torturada. Excepcional com o microfone na mão, encarnou de tal maneira o papel do mártir romântico e atormentado que não conseguiu separar ficção da vida real. Ele se tornou o que cantava. E o que o Joy Division cantava era o rock mais melancólico e desesperado já feito; canções dilacerantes sobre incompreensão, incapacidade de amar, falta de comunicação, amores rompidos, e toda sorte de desgraça. Os títulos diziam tudo: "Isolamento", "Ela Perdeu o Controle", "Almas Mortas", "Desordem"... O que mais se poderia esperar de uma banda batizada em homenagem a um grupo de prostitutas de campo de concentração nazistas? O som do Joy Division revolucionou o planeta: um rock com cérebro, com uma certa elegância mórbida. Não é à toa que o grupo fez sucesso igual entre punks, góticos, darks, e toda espécie de deprimidos. Depois da morte de Curtis, os remanescentes Bernard Sumner, Stephen Morris e Peter Hook fundaram o New Order, quase que como uma continuação do Joy Division. Tanto que os dois primeiros compactos do New Order, "Ceremony" e "In a Lonely Place", ainda faziam parte do repertório da antiga banda. E hoje, duas décadas depois da morte de Ian Curtis, os discos do Joy Division ainda são viscerais, como se tivessem sido gravados ontem. As grandes bandas são como o vinho...

André Barcinski

Aqui se trabalha!

Confira as bandas brasileiras que estão preparando seus novos discos:

BANDA	SITUAÇÃO	PREVISÃO DE LANÇAMENTO
Cidade Negra	Em abril, os integrantes da banda se trancaram em uma casa (que ninguém sabe onde é) para compor novo material	Por volta de setembro
Ultraje A Rigor	Roger está concentradíssimo na composição de novas letras	O vocalista acredita que só estará pronto no fim do ano
Sepultura	Num estúdio na Vila Madalena (SP), Andreas Kisser, Paulo Jr., Igor Cavalera e Derrick Greene preparam inéditas e algumas covers para o sucessor de *Against*	Algum dia do segundo semestre deste ano
Jota Quest	Na reta final	Os garotos Fanta que não são laranjas soltam o terceiro disco em julho
Planet Hemp	D2 esteve em Los Angeles mixando o novo trabalho da banda	Mês que vem a esquadrilha da fumaça já deve estar com seu terceiro petardo nas prateleiras
Skank	Os mineiros estão em Nova York mixando seu quinto rebento	Junho
mundo livre s/a	Fred 04 e gangue estão trabalhando duro no estúdio desde o fim de março	Segundo semestre

No circo tem Los Hermanos? Tem, sim, senhor

Primavera no circo

Conhecidos por entrar em crise uma vez por semana, os cariocas do Los Hermanos resolveram assinar, eles mesmos, o roteiro de "Primavera", segundo clipe de sua breve carreira. Gravado no fim de março, o vídeo teve a direção de três cineastas iniciantes (Marco Valle, Maurício Irita e Alfredo Maney), e supervisão geral de Joel Pizini, todos escolhidos pela própria banda. Segundo o vocalista, Marcelo Camelo, os hermanos ficaram alheios ao processo de produção do vídeo de "Anna Júlia" e insatisfeitos com o resultado final. Queriam que "Primavera" fosse feito por pessoas que entendessem a proposta da banda e interpretassem o roteiro de uma forma mais "jovem" (assim como eles), sem vícios de linguagem de clipe. Os cinco dias de gravação foram circenses, já que os garotos interpretaram personagens da grande lona: Camelo virou mágico, Amarante brincou de palhaço, Patrick ficou com o traje de engolidor, Bruno foi de homem-bala e Barba encarou com naturalidade o véu da mulher barbada.

Hard Krishna

Sentado na escada, Cappo faz planos de voltar ao Brasil

Fotos: Divulgação

Após um pequeno intervalo desde o último show da turnê de divulgação do álbum *Beyond Planet Earth*, o vocalista Ray Cappo e sua banda de krishnacore Shelter estão de volta à ativa. Ao lado de seu fiel companheiro, o guitarrista John Porcell – que o acompanha desde os tempos do lendário quarteto straight edge Youth Of Today –, Ray Cappo e sua banda já passaram pelo Brasil por duas vezes, conseqüência da boa repercussão do álbum *Mantra* e de seu principal single "Here We Go", que chegou ao *Disk MTV*, só para citar um exemplo. Com um novo álbum pronto e prestes a iniciar outra série de shows, o vocalista se mostra bastante entusiasmado ao falar sobre *When 20 Summers Pass*, diretamente de um hotel na Alemanha. "Neste álbum, o Shelter soa como nunca soou antes. Não foi preciso gastar muito tempo e dinheiro como fizemos com os dois anteriores, mas o resultado superou nossas expectativas." Este é o sexto registro do grupo e marca a volta da banda a um selo independente, além de ter sido produzido no esquema "faça você mesmo". A edição nacional conta com três faixas- bônus, além de uma interativa, que traz clipes e diversas imagens raras do grupo. Retornar ao Brasil pela terceira vez com o Shelter é algo que está nos planos de Cappo. "Amamos o Brasil e temos grandes amigos por aí. Só estamos aguardando um convite para voltar", finaliza.

César Carpanez

frases

"Tom, posso ficar com seu prêmio?"
Kelly Jones, vocalista e guitarrista do Stereophonics, que não abocanhou nada no Brit Awards deste ano
"Não, Kelly, você pode esperar 35 anos como eu tive de esperar."
Tom Jones respondendo a Kelly. Os dois podem ter dividido o palco para uma apresentação na noite, mas o prêmio ficou só com o tiozinho

"Travis e eu estávamos fazendo sexo anal numa sauna mista, quando Tom entrou e perguntou se ele podia participar também."
Mark Hoppus, do Blink 182, explicando como a banda se conheceu

"Foi totalmente inesperado! Eu encontrei esse garoto doente, em fase terminal e o último desejo dele era me conhecer. Foi f*, não consigo explicar."
Dave Grohl, contando sobre a única vez que chorou em público, na frente da imprensa

Grohl: comovido

"Senhoras e senhores, minha banda favorita, tocando minha música favorita."
O apresentador de TV americano David Letterman, do alto de seus 53 anos, chamando ao palco o Foo Fighters, que tocou "Everlong" no programa de sua reestréia, após colocar cinco pontes de safena

"Se você for bom e conseguir tocar como alguém do Led Zeppelin, me ligue. Não é mais obrigatório ter ovários. Preciso que você me ligue. Você será pago por isso. Venha, por favor."
Courtney Love, à beira do desespero, depois de ter testado, sem sucesso, mais de trinta garotas para ocupar o posto da ex-baixista Melissa Auf der Maur, que trocou o inferno do Hole pela paz do Smashing Pumpkins

"Foi loucura. Eu vi de tudo o que você imaginar naquela turnê."
Jonathan Davis, do Korn, ainda perplexo com tudo o que presenciou durante a turnê com a duplinha Danzig e Marilyn Manson

"Adoro distorção, adoro peso"

Daniela Mercury questiona o rock e revoluciona o Carnaval

O Carnaval baiano do ano 2000 vai ser lembrado como o que proporcionou inéditas vaias a Daniela Mercury, graças ao trio elétrico tecno que ela inventou. Na verdade, os momentos de vaia foram esparsos e inexpressivos comparados à perplexidade que os DJs causaram nos foliões em Salvador. Pouco se falou de sua coragem, já que poderia ter feito o mesmo Carnaval do ano passado e tudo bem. "Sempre procuro provocar as pessoas. E outra: vaia de bêbado não vale. Vaia de embriagado pela mesmice, também não", safa-se Daniela, que está lançando seu sexto disco, *Sol Da Liberdade*, e pode ser definida como uma pesquisadora musical. Compra discos onde quer que esteja e busca sempre novos elementos para seu samba-reggae, estilo que ela acredita ter influenciado o nascimento do mangue beat.

Após a polêmica do Carnaval, Daniela ficou um pouco mais indignada com a postura da imprensa e dos artistas do pop rock diante de seu trabalho. "Chique aqui é fazer reggae, funk, rock, que não são gêneros brasileiros, ou mangue beat, porque se determinou que isso é radical, porque se vestem diferente, botam umas lâmpadas na cabeça e um óculos de Lenny Kravitz", detona.

O pedido dos Raimundos para que as bandas baianas não tocassem músicas do grupo no Carnaval também a tirou do sério. "Isso é marketing careta. Neguinho faz pose de rock' n'roll, chega em casa e 'meu filhinho, tome seu presente'. (...) O rock nem é uma grande música de protesto, que tenha um papel social no País. Nem sei o que o rock está fazendo de diferente, porque 'Anna Júlia' (*do Los Hermanos*), para mim, é uma música romântica como outra qualquer. O que tem de novo nisso? Parece com Wanderley Cardoso. Não quero desmerecer, mas isso chega a ser vulgar de tão manjado. C***!"

Com Daniela nós ressuscitamos o *Cobra-cega*, seção em que o artista ouve uma canção sem ter nenhuma referência e dá sua opinião. E a baiana, com o som no talo, fechou os olhos, entrou em transe e compartilhou suas sensações.

José Flávio Júnior

Cabra-cega

"Hey Boy Hey Girl" – Chemical Brothers
Isso é muito bom. Adoro esse transe que a música eletrônica faz, a repetição, parecendo lança-perfume (*risos*). Gosto dessa mistura de elementos de percussão, beat suingado, bumbo reto.

"Gangster Tripping" – Fatboy Slim
Hip-hop. Adoro também. Maravilhoso. Adoro a música americana dos anos 70 e esse som parece fazer uma releitura disso, é meio antigo.

"Change A... " – Asian Dub Foundation
Um ragga. Muito bom. Adoro esse inglês com sotaque. Maravilhoso, muito legal. Bem-feito pra caramba.

"Firestarter" – Prodigy
Também é bom. Bom mesmo, o que eu posso fazer? Uuuh! Adoro! Prodigy é muito legal. As guitarras são muito bonitas. Adoro distorção, adoro peso. Ouço várias tendências, mas tem uns DJs que não gosto, que acho maçantes. O Carl Cox é meio chato, por exemplo. Já o John Carter é maravilhoso, mas a linha dele foi leve para o Carnaval.

"Music Non Stop" – Kraftwerk
Eu fui ao show, que foi muito engraçado. São pioneirissimos. Tem uma coisa mais reta, um uso de pedal que não é mais novidade na eletrônica atual.

LONDON CALLING
CDs - VHS - DVDs
Tel./Fax: (0xx11) 223-5300
londoncd@uol.com.br

A mais completa em novidades e raridades.
Sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão.
ROCK-POP DOS 60 A 2000 EM TODOS OS ESTILOS.
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS.
ACEITAMOS CARTÃO.
Rua 24 de Maio, 116
Rua Alta - Loja 15
01041-000 - São Paulo - SP
www.londoncalling.com.br

SHOWBIZZ
Para anunciar nesta seção, ligue:
São Paulo (0xx11) fone: 284-2255 fax.: 283-5029 cel.: 9603-7685
Rio de Janeiro (0xx21) fone: 579-2230 fax.: 579-2240

8 milhões de discos depois...

HANSON
...Eles estão de volta.

NOVO ÁLBUM
THIS TIME AROUND
LANÇAMENTO MUNDIAL 1° DE MAIO

INCLUINDO O SUCESSO IF ONLY

MÚSICA É UNIVERSAL
www.hansonline.com

Patifaria na matriz

Fotos: Marcos Bragatto

Patife botou os ingleses cintura-dura para dançar

Depois de Marky Mark estourar na terra natal do drum'n'bass, é a vez do Brasil apresentar mais um DJ tipo exportação. O paulista **Patife** esteve em Londres em março para o lançamento de seu disco *DJ Patife Presents Sounds Of Drum'n'Bass* (na verdade o disco não foi propriamente lançado pela Trama na Inglaterra, mas como publicidade é a alma do negócio, o evento serviu para divulgar o nome de Patife no mercado inglês...), na Movement, uma das mais prestigiadas festas consagradas ao estilo da cidade. Com a casa lotada desde o início da noite e pôsteres com a capa do disco nas paredes, o público pôde experimentar o melhor do "Brazilian drum'n'bass", como os ingleses se referem ao nosso debê. Em Londres, junto com seu fiel companheiro Marky Mark (que na capital inglesa abreviou o nome para DJ Marky), Patife teve a honra de se apresentar depois do DJ Brian Gee, um dos pais do gênero – numa comparação simples com o rock, seria algo como o Rolling Stones abrir um show do Los Hermanos. Com sua técnica apurada e um repertório nota 10 de drum'n'bass jazzy, Patife não decepcionou e abriu o set com duas doses de "Brazilian drum'n'bass": XRS Land com "The Secrets Of The Floating Island" e uma inédita de sua autoria, "The Vibes". Destaque da noite, esta última mereceu até mesmo um rewind pelo MC (honra máxima conferida a uma música no drum'n'bass, quando o MC vai até a cabine e volta o disco para a música ser tocada de novo) de tanto que o público gritava na pista. Fim de festa, missão cumprida e muitos comentários elogiosos dos outros DJs sobre "The Vibes", que Patife ainda não sabe se vai lançar comercialmente. Mais uma prova de que o Brasil, em termos de música eletrônica, não deve mesmo nada para ninguém.

Luciano Vianna

Consumo real

Na Planeta Rei, os fãs encontram tudo a respeito de Roberto Carlos

Fotos: Marcos Bragatto

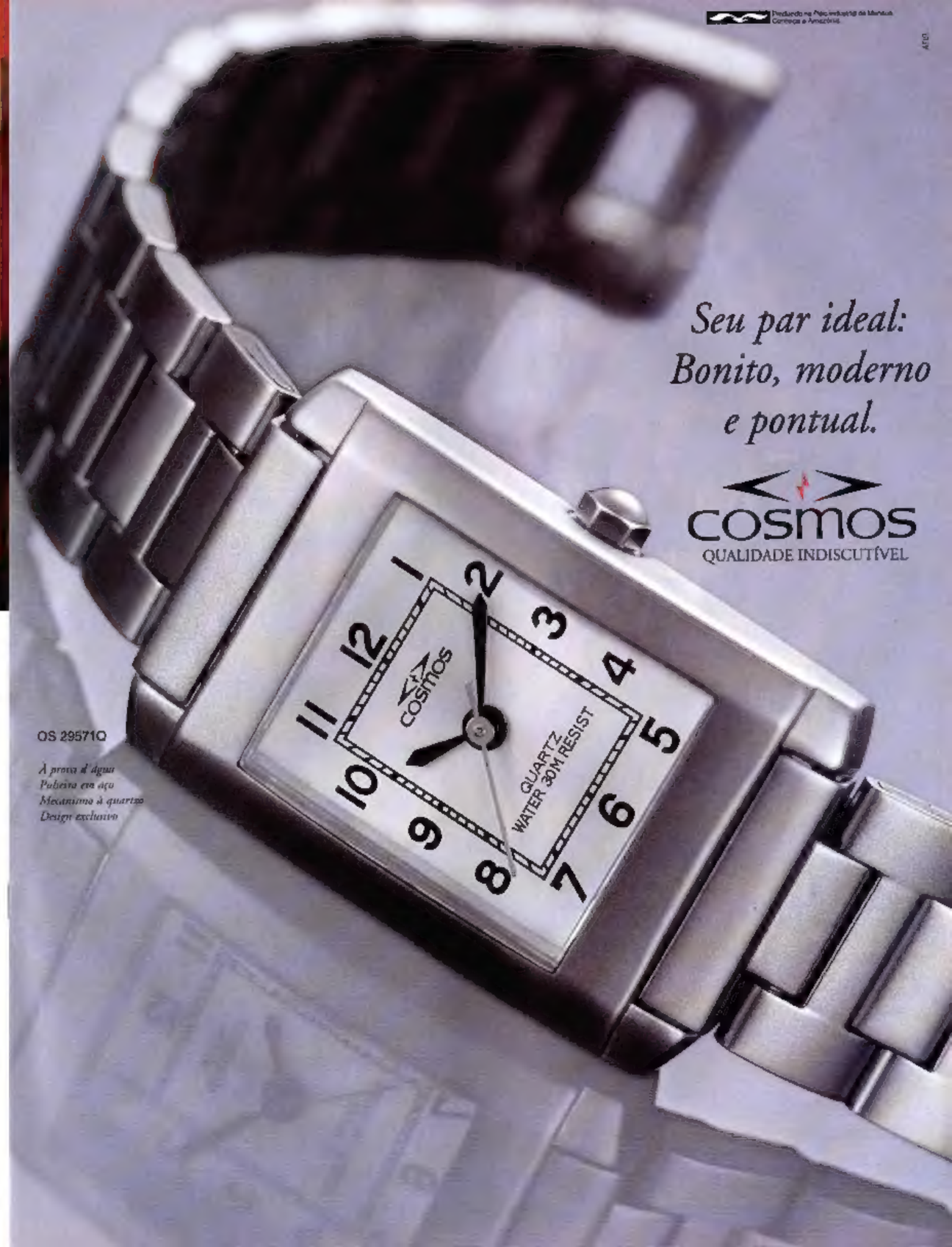
Imagine um local onde você possa adquirir, de uma só vez, todos os álbuns de **Roberto Carlos** – mais camisetas, livros, filmes, buttons e ímãs de geladeira, todos dedicados ao cantor. Pois bem, esse lugar já existe: a loja Planeta Rei, no subúrbio carioca do Méier, que reúne todo o acervo do Rei. "A idéia era reunir as pessoas que gostam de Roberto Carlos, mas nós vimos que estávamos mexendo com algo mais grandioso e transformamos tudo num evento", explica o "diretor" da loja, Beto Brito. O termo "evento" engloba a loja, um programa de rádio, um site que já ultrapassou a casa dos 170 mil visitantes e os shows em torno de Roberto Carlos.

A loja tem uma boa quantidade de curiosidades, como os três longas-metragens gravados pelo Rei (*RC a 300 Quilômetros por Hora*, *RC e o Diamante Cor-de-Rosa* e *RC em Ritmo de Aventura*) e o raríssimo álbum *Louco Por Você*, de 1961. Em um micro ligado ao site, pode-se escolher qualquer música, entre os mais de 40 álbuns oficiais, citando apenas o título ou trecho de uma canção.

Mas é no site que se encontra maior variedade de pesquisa e informação, além de atuar como shopping virtual, com entregas para todo o mundo. Lá pode se ouvir todas as músicas, ver todos os especiais de fim de ano apresentados desde 1977 pela Rede Globo, além de curiosidades como a certidão de nascimento, a carteira de identidade, o CPF e a primeira carteira de músico do Rei, entre outras preciosidades.

Marcos Bragatto

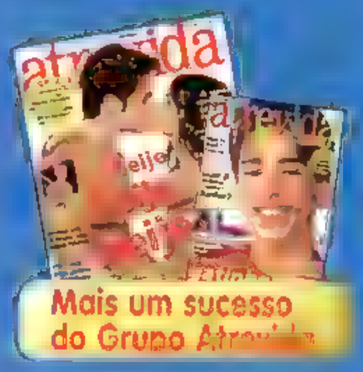
Loja: Rua Arquias Cordeiro, 324
lj. 116 – Rio de Janeiro, RJ
CEP 20770-000
Tel.: (21) 281-4940/5046
Correspondência: Caixa Postal
17071 Rio de Janeiro – RJ
CEP 21312-970
Disque Grátis: 0800-255703.
Internet: www.planetarei.com.br


Seu par ideal:
Bonito, moderno
e pontual.
COSMOS
QUALIDADE INDISCUTÍVEL
OS 29571Q
À prova d'água
Polieira em aço
Mecanismo à quartzo
Design exclusivo

Lançamento 9 de maio

atrevida HOT

APENAS R$1,70 SEMANAL



Atrevida Hot é uma revista semanal com a cara da galera agitada, antenada, divertida e conectada. E o que é melhor: é totalmente interativa. Você mesmo é quem decide o que deseja ler e saber através de participações via e-mail, carta, fax, telefone, etc. É irresistível! Você não pode perder. A revista é Hot mas o preço é light: custa só R$ 1,70.

CHEGOU A REVISTA QUE VOCÊ FAZ JUNTO COM A GENTE.@

A PRIMEIRA REVISTA INTERATIVA DO BRASIL

O disco que mudou sua vida

Certos álbuns são especiais. Não por anteciparem o jeito que o mercado vai pensar ou por desafiarem as tendências vigentes nas paradas de sucesso, nada. E sim por alterarem seu modo de pensar e de agir, pela total identificação entre seu estado de espírito e as canções, pelos novos caminhos – além do som – que apresentam ao ouvinte. Um conjunto de canções que a indústria chama de "produto", mas que para as pessoas atingidas pode ter um significado muito mais nobre, motivado por critérios puramente pessoais e subjetivos. A seguir, 40 versões dessa mesma história de paixão (provocada) pela música

Uma calça rasgada e pronto: lá se foi a coleção do Kiss

João Gordo (Ratos De Porão)
***The Ramones*, The Ramones**

"Foi o primeiro dos Ramones, por causa da calça rasgada que o Joey usa na foto da capa. Aquela calça rasgada mudou a minha vida. Rasguei as minhas também, virei punk, minha mãe falou um monte. Isso aconteceu em 1978, quando eu estava na sexta série do primeiro grau. Eu estudava num colégio de padres e um amigo chamado Marcos Antônio Motidieri me chamou para ir até a casa do primo dele para dar uma olhada no disco. E deu no que deu hoje. Na minha escola havia poucos roqueiros, uns grandões, da oitava série. Os Ramones foram uma das bandas punks que não tiveram disco lançado por aqui na época, diferentemente de Clash, Vibrators e Sex Pistols. Então, era muito care arrumar um vinil dos caras. Troquei minha coleção completa do Kiss, até o *Alive II*, mais uns do Led Zeppelin, pelos primeiros dos Ramones."

Rodolfo (Raimundos)
Cada Dia Mais Sujo E Agressivo,
Ratos De Porão

"Eu tinha uns 13 anos e já me amarrava no *Descanse Em Paz* (segundo disco do Ratos) quando ouvi *Vivendo Cada Dia Mais Sujo E Agressivo*. Meus amigos compraram o disco e foi f*. Acho que ele é muito bem produzido. Hardcore podrão e o João Gordo muito inspirado. Não tem nada ruim no álbum. 'Morte E Desespero' é maravilhosa. 'Tatoo Maniac' mudou minha vida. Pivete, tudo o que eu queria era fazer uma tatuagem. Andava de skate e já ouvia Dead Kennedys, Suicidal Tendencies e algumas bandas européias, mas o Ratos De Porão era mais violento, mais agressivo, mais sujo. E o melhor: dava para entender as letras."

Tatuagem inspirada pelo hardcore

Charles Gavin (Titãs)
Secos & Molhados,
Secos & Molhados

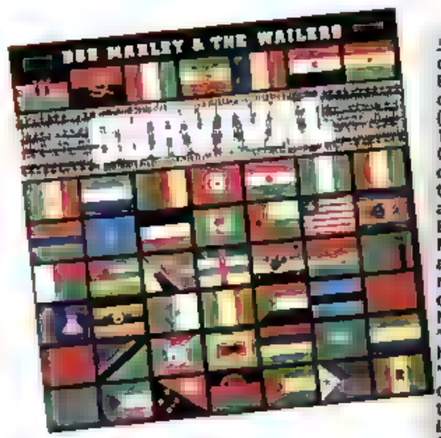
"Tinha 13 anos quando um cara da minha escola apareceu com uma cópia do Secos & Molhados. Até aquele momento, eu era um garoto que escutava trilhas de novelas e as coisas que tocavam no rádio. De repente aquele disco começou a rolar nas festas nos bailinhos. Depois de algum tempo, virou uma febre, moda no colégio. Todo mundo da minha geração escutou o disco. Eu nunca tinha ouvido algo que soasse como Secos & Molhados. Foi a partir daquele sopro que passei a ter um interesse mais sério pela música. Quando vi a figura dos caras, aquela performance, fiquei impressionado. Estávamos no auge da ditadura militar e o texto das composições era muito forte. 'Rosa De Hiroshima' era a letra-cabeça, mas a minha preferida sempre foi 'Sangue Latino', porque as pessoas tinham vergonha do Brasil, de serem latinas. Passei 1999 inteiro no pé da gravadora para remasterizar esse disco, uma questão sentimental para mim."

Marcelo Camelo (Los Hermanos)
Weezer, **Weezer**

"Sem dúvida, o primeiro álbum do Weezer, porque foi a primeira vez que vi uma banda juntando muito bem som pesado, melodia bonita e um discurso anti-herói. Logo que saiu, achei o disco numa promoção por R$ 5,99. Nem conhecia a banda. Comprei mesmo por causa da capa. Faço muito isso: comprar pela capa. Principalmente porque no Rio não se pode ouvir o CD antes, como em São Paulo, por exemplo. Então, às vezes eu tinha sorte, outras vezes, não. No caso do Weezer, acertei direitinho. Acho que nunca vou me cansar dele pois, até hoje, tenho uma visão diferente cada vez que o escuto."

Dito
Canta Canta, Minha Gente,
Martinho Da Vila

"Eu morava em Flores (PE), no sertão do rio Pajeú, e tinha 6 anos de idade quando minha mãe ganhou o disco de Vanda, uma amiga dela que era do babado do terreiro. Foi aí que encontrei o samba, com um toque de candomblé. Fiquei fascinado. Andava com o disco debaixo do braço, cantava as músicas sem parar e não dava a mínima para os discos infantis da época. Ainda hoje toco algumas músicas dele nos meus shows e o meu próximo álbum, que sai no começo de 2001, será carregado de influências desse trabalho de 1974. O samba, os orixás, a estética. Até a capa é fascinante, engraçada, forte. É tudo muito afro-brasileiro. E minha vida mudou por causa disso, porque 25 anos depois eu ainda toco samba, sou fascinado por candomblé e tenho *Canta Canta, Minha Gente* como referência para meu próximo trabalho."



Gabriel O Pensador
Survival, **Bob Marley**

"É difícil escolher um único álbum, mas com certeza um dos discos da minha vida é o *Survival*, do Bob Marley. Foi o primeiro disco dele que eu consegui com as letras no encarte, na época em que eu estava descobrindo o poder das palavras através da música, ou será o poder da música através das palavras? Esse CD significa muito para mim, não só pelas músicas em si, mas principalmente porque representa uma época de descoberta musical na minha adolescência, com muito reggae, hip-hop, e música brasileira, é claro."

Survival, de 1979, marca o fim da era pacífica de Bob Marley. É o primeiro disco de uma trilogia (que inclui *Uprising*, de 1980, e o póstumo *Confrontation*, de 1983) que convoca um levante terceiro-mundista contra as forças da Babilônia. Em se tratando de Marley, a revolta veio acompanhada de reggaes de primeira, como "Ambush In The Night", "Africa Unite" e "Wake Up In Live". O hino libertário "Zimbabwe" levou-o até o país africano, onde tocou no Dia da Independência. Sob fortes dores no dedo do pé direito e vendo o povo do lado de fora do estádio nacional, Marley começava a desiludir-se da política e a perceber que o ferimento, de dois anos antes, iria lhe custar a vida.

Procurado pela SHOWBIZZ...

Lulu Santos saiu pela tangente. "Acho esse tipo de escolha muito restritiva. São anos escutando música, meu gosto já mudou muito. Não ouço mais as mesmas coisas que ouvia há dez anos", alegou o cantor.

Fernanda Takai (Pato Fu)
The Head On The Door,
The Cure

"Eu tinha 14 anos quando ouvi *The Head On The Door* e fiquei com vontade de tirar todas as músicas no violão. Consegui porque era fácil de tirar e essa era uma das coisas que eu mais gostava no Cure. Até hoje, sei cantar todas as músicas. Tinha muitas canções fofinhas, mas a que eu mais gostava era 'A Night Like This', que deve ser a mais básica do disco e trazia um pouquinho do lado melancólico do Cure. Dois anos depois, quando confirmaram a vinda deles para um show em Belo Horizonte, fiquei emocionadíssima. Eu não era gótica. Na verdade, fazia parte de uma turminha que não era muito de festa e se preocupava com o mundo. Éramos contra clichês e o Robert Smith demonstrava coragem no modo de se vestir e de se expressar, aquela coisa de ser você mesmo. Como Robert, não há outro. The Cure tem a forma perfeita para fazer música."

A coragem no modo de se vestir e de se expressar de Robert Smith abalou Belo Horizonte

Dado Villa-Lobos
***It's Alive*, The Ramones**

"O disco que mudou minha infância foi o *White Album*, dos Beatles, mas o que mudou minha adolescência, com toda aquela história de auto-afirmação, foi o ao vivo dos Ramones. Eu tinha 14 anos e, até então, ouvia mesmo os clássicos do rock, tipo Chuck Berry e Little Richards, além da MPB de Chico e de Caetano, que era a música da minha casa, dos meus pais. O Dinho, do Capital Inicial, era meu vizinho e tinha o disco.

Eu me lembro de que o que mais me impressionou foi a versão de 'Do You Wanna Dance?'. Aquela energia foi o que me despertou a vontade de tocar guitarra. Pensei: 'não pode ser difícil'. Hoje, não tenho vontade de colocar *It's Alive* para ouvir em casa, mas, com certeza, fui influenciado por Johnny Ramone em 90% do meu trabalho."

Energia punk despertou a vontade de tocar guitarra

Guto Goffi (Barão Vermelho)
***Construção*, Chico Buarque**

"Tenho cinco favoritos, representando épocas diferentes da minha vida. *Construção*, do Chico Buarque, de 1971, e *Aquarela Brasileira*, do Martinho da Vila, de 1972, foram os dois primeiros discos que comprei com minha grana, aos 10 anos de idade. Quase furei de tanto ouvir. Conheci as músicas do Chico através dos festivais da canção, aos quais uma tia me levava, e o Martinho, pelo contato desde pequeno com o samba – eu morava no Andaraí, no Rio de Janeiro, a uns 30 metros da quadra do Salgueiro. Quando comecei a curtir rock, com 15, 16 anos, me apaixonei por rock progressivo. Yes, Emerson, Lake & Palmer, Triumvirat, Focus... O disco que mais me marcou nessa época foi *Selling England By The Pound*, do Genesis. Mais tarde, fui descobrir o rock mais básico, que eu achava que não prestava quando ouvia o progressivo: Beatles, Stones e Lou Reed (principalmente o disco *New Sensation*), o primeiro letrista mais ácido, cronista de rock mesmo, em quem prestei atenção. Por fim, já nos anos 80, me encantei com *Tutu*, do Miles Davis, uma visão moderna da música instrumental. Miles tinha a cabeça aberta para experimentações e, junto com Marcus Miller, concebeu naquele disco as músicas instrumentais mais bonitas da última década."

O ritmo frenético de "Tutti Frutti" virou a cabeça do garoto nordestino

Marcelo Jonathas

Procurado pela SHOWBIZZ...

... o empresário do Jota Quest disse que a banda não responderia porque não está nem um pouco satisfeita com a forma que vem sendo tratada pela revista.

George Israel (Kid Abelha)
***Help!*, The Beatles**

"Foi o primeiro LP que comprei na minha vida, quando tinha 6 anos, e continuo gostando dele até hoje. Tinha, para mim, umas dez dimensões. O filme, com vários clipes viajantes e bem-humorados, o clima que rolava quando a música tocava nas festinhas e parecia que ia mudar o mundo, impulsionar para algum lugar. Nele aparece o toque psicodélico do sitar, tem canções acústicas lindas e a pegada do rock'n'roll no auge da Beatlemania. Muita coisa brasileira que vim a gostar depois parece ter brotado dali: Gil, Mutantes, Rita Lee.... Fora o fato de que ganhei o primeiro beijo na boca enquanto rolava 'You've Got To Hide Your Love Away'. Com certeza, a música contribuiu bastante."

Apesar de *Rubber Soul* ser apontado como o disco-chave na evolução dos Beatles, o ponto de mutação acontece em *Help!*, de 1965. A experimentação começa de leve, com acenos para Dylan ("It's Only Love", com a primeira alusão da banda a estados alterados da mente), country ("I've Just Seen A Face" e "Act Naturally") e octeto de cordas ("Yesterday"). E, claro, vinha com o filme, temperado com o bizarro humor inglês (chapado de maconha) e as excelentes músicas do quarteto. Não há adolescente que resista.

Roger Moreira (Ultraje A Rigor)
***Help!*, Beatles**

"Foi esse, porque não era só o disco. Tinha o filme, as figurinhas... Eu ia para o litoral e, às vezes, passava um aviãozinho jogando as figurinhas na praia. A molecada ficava enlouquecida. Quando fui ver o filme, fiquei fascinado com aquele negócio de ter uma banda. Lógico que na vida real não é tão bacana... Eu era pequeno, mas já entendia algumas letras porque minha mãe dava aula de inglês. Um lance engraçado que me lembro é que meu irmão adorava a 'Night Before' e eu pedi o *Help!* de aniversário, sendo que ele não sabia que essa música era do disco. Ele ficou uma arara quando eu ganhei o presente e a música predileta dele estava ali. Com esse álbum, uma mudança de hábitos na minha vida aconteceu: eu ficava o dia inteiro ouvindo *Help!*, de cabo a rabo."

Humberto Gessinger (Engenheiros do Hawaii)
***Os Incríveis E Seus Grandes Sucessos*, Os Incríveis**

"Eu tinha 6 anos. Depois que ouvi esse disco, pedi um violão de presente. Nós tínhamos uma eletrola em casa e eu me lembro dos meus pais dizendo 'se tu ficares quieto, a gente coloca o disco'. Gostava tanto que, quando descobri que os Beatles eram maiores que os Incríveis, fiquei chocado. As pessoas enfeitavam bolo de aniversário com bonequinhos dos Beatles e eu tinha certeza de que aqueles eram os Incríveis. Adorava 'Era Um Garoto...', tanto que regravei a música com o Engenheiros anos depois. Tinha as instrumentais, que eram pop e também muito boas. 'Milionários', 'Vagabundos'. No encarte do disco do Gessinger Trio tem uma foto minha, aos 6 anos, tocando 'Era Um Garoto...' no violão."

Tom Zé
***O Amor, O Sorriso E A Flor*, João Gilberto**

"Eu tinha 22 anos quando fui testemunha do aparecimento, no mundo, de um arquétipo artístico na língua portuguesa e com o samba e suas raízes. Era uma tarde cinzenta de agosto de 1958, quando a ZYD8, Rádio Excelsior da Bahia, tocou uma coisa completamente inesperada em termos de música. Um abismo. Era João Gilberto cantando 'Chega De Saudade'. E como chegou admiração!"

Marcelo Nova
***Aqui Little Richards*, Little Richards**

"Meus pais não tinham o hábito de ouvir música em casa e minha irmã mais velha, universitária, gostava de bossa nova, de 'O Pato', do João Gilberto. Num belo dia de 1959, andando pelo centro de Salvador com meu pai, ouvi o disco numa loja e pedi de presente. Assim que botei pra tocar, pulei em cima do sofá de mola de minha mãe e descobri que iria ser rocker na vida. Para um garoto nordestino de 8 anos, ouvir aquele ritmo frenético de 'Long Tall Sally', 'Lip It Up' e 'Tutti Frutti' fazia um efeito na cabeça. Rolava uma ligação orgânica, não intelectual. Esse disco me indicou o caminho, me abriu as portas do rock'n'roll e definiu o que eu estaria fazendo vinte anos depois."

Lobão

***Closer To Home*, Grandfunk Railroad**

"Foi o que me introduziu, depois comprei os outros do Grandfunk e cheguei a Black Sabbath, Led Zeppelin, Frank Zappa. Eu tinha uns 12 anos e a rapaziada mais velha da minha rua, que pegava onda, me mostrou o disco. O que mais me impressionava era aquela coisa estereofônica, que fazia cócegas na cabeça quando você colocava o fone de ouvido. Um violão fraquinho começava no lado direito e, de repente, vinha uma guitarra pesadíssima no lado esquerdo, junto com um baixo gordo, 'massarocudo'. A pegada do baterista era muito forte e havia aqueles indefectíveis solos. Eu só ouvia isso. Ficava alugando minha mãe, que dava aula de inglês, para descobrir o que as letras diziam, o porquê de tanta raiva. Daí passei para o rock progressivo, pela fase tardia de John Lennon – que também marcou minha vida –, até ouvir o primeiro do Elvis Costello, que me inspirou no modo de cantar e segue sendo um artista cuja trajetória admiro muito."

Lenine

***Imira Tayra Ypi*, Taiguara**

"É muito difícil indicar um disco. Escolho um que mudou não apenas o meu conceito de como fazer música, mas também o do próprio artista que o fez. Foi um divisor de águas para ele. Chama-se *Imira Tayra Ypi*, e é um disco de Taiguara do final dos anos 70. Ele gravou o álbum inteiro com o pai dele, que tocava bandônion, e com Hermeto Paschoal. Foi um disco fundamental na minha concepção, mudou minha vida. Até os 17 anos, quando eu trabalhava em uma loja de discos importados em Recife, eu só ouvia rock. O disco *Clube Da Esquina*, do Milton Nascimento, já havia me aproximado um pouco mais da música brasileira. Mas quando o disco do Taiguara caiu na minha mão, isso mudou em definitivo. Foi a época em que ele descobriu a droga, a papoula, o ópio, a maconha. O álbum reflete completamente as experiências que ele vivia e é de uma entrega tão bonita que foi um marco para mim. Esse disco está fora de catálogo, sumido, nem sei qual gravadora tem esse master. E o pior é que roubaram a minha cópia. Na verdade, minha escolha é para ver se existe a possibilidade de fazer que o mercado bote na praça esse disco e eu possa comprá-lo de novo."

Procurada pela SHOWBIZZ...

... a assessoria de Rita Lee comunicou que a cantora não tinha condições de dar entrevista, preocupada que estava com o sumiço de seu cachorrinho.

DJ Marky

***Buffalo Gals*, Malcolm Mclaren**

"Era diferente de tudo o que rolava na época, 1982, 83. O povo gostava muito de dançar funk e foi nas rádios Pool e Band (*ambas paulistanas*) que os DJs começaram a tocar essa música. Tinha uns efeitos de disco voltando, que eu não fazia a menor idéia do que era. Só descobri o nome 'scratch' e entendi como era feito depois de assistir ao videoclipe no *Realce*, programa do Mister Sam com o Capivara. Meu pai tinha uma vitrola e eu fui tentar repetir o movimento. Aquele prato duro e eu querendo fazer o disco vo tar... No Brasil a gravação de 'Buffalo Gals' saiu num compacto chamado *4 Sucessos*. Me lembro que, em 1983, minha mãe prometeu que me daria o disco se eu passasse de ano. Claro que eu passei. Engraçado que naquela época eu já queria fazer bailes mas não sabia o que era DJ."

Grabriel (Autoramas)

***Party Mix*, B-52's**

"Esse álbum abriu meus olhos para um tipo de rock que eu não conhecia. Nessa época, eu era moleque. Ouvia Kiss, Queen, Van Halen. Até curtia, mas foi em 1985, quando o B-52's veio para o Rock In Rio, que começaram a tocar o *Party Mix* nas festas. E deixavam o disco tocando direto, até o fim, lado A e lado B. Era ótimo. Depois que virei fã, descobri que eram remixes de músicas do primeiro e do segundo álbum da banda. Eles me influenciaram muito, os riffs de guitarra, o ritmo dançante da bateria. Adorava também as vozes das meninas e o estilo da banda. Depois de descobrir o álbum, ia para as matinês com roupa new wave."

Falcão (O Rappa)

***Tábua De Esmeralda*, Jorge Ben**

"Desde que saí da barriga de minha mãe, fui impregnado com muito Jorge Ben e Tim Maia, que meu pai tem a coleção inteira. O *Tábua de Esmeralda*, lembro de ouvir quando tinha 8 anos e estava aprendendo violão. A maneira como Jorge Ben tocava e cantava me influenciou muito. Eu me imaginava tocando violão como ele. Hoje, se vou tocar numa rodinha de amigos, não pego coisa nova, não, vou direto nesse disco. Outro que não posso deixar de citar é *Catch A Fire*, do Bob Marley que meu pai também me apresentou – e que depois fiz o favor de completar a discografia para ele. Este foi mais pelo canto, aquele lamento terceiro-mundista, que me emociona pra c*. Até hoje brinco com meu pai dizendo que ele poderia ter me mostrado só o Jorge Ben e o Tim Maia, mas ele responde que o Marley também era importante, pela maneira de cantar. O velho sabe das coisas..."

Marcelo Yuka (O Rappa)

O Melhor De..., Jorge Ben

"Esse disco é praticamente um EP, de uma série da (*editora*) Abril, que vinha com um livro. Meu pai comprou quando eu tinha uns 9 anos de idade. Aquelas músicas significavam a felicidade para mim, me davam um bem-estar. Representavam uma tarde ensolarada, eu com uma bola debaixo do braço, indo com meus primos para a praia num fusquinha. Eu me imaginava no futuro, dirigindo meu fusca. Estou desde dezembro procurando um para comprar, modelo 67, verde-clarinho. Porque, enquanto falo isso, percebo que me tornei meu sonho de criança. O que eu sempre quis foi alcançar a sensação que aquelas músicas do Jorge causavam em mim. E ela trazia uma esperteza, uma malandragem incutida no cabelo e nos óculos que me fascinava. Era o som que o pessoal mais velho da minha rua, que ficava na padaria fumando baseado, ouvia. Então, era a maior onda botar o disco para rolar em casa. Tinha muito a ver com o universo do suburbio carioca e eu também relacionava com os filmes policiais, aquele clima de esperteza e ação."

Ele já definiu sua levada como a "batida de uma escola de samba em retirada". Jorge Ben, antes de ser Benjor, era o Babulina, apelido ganho por causa do cover que fazia de "Bop A Lena", do americano Ronnie Self, ainda na Tijuca dos também iniciantes Tim Maia e Erasmo Carlos. Em 1963, surgiu com "Mas Que Nada" e "Por Causa De Você, Menina", totalmente diferentes do padrão da época – não à toa, seu disco de estréia foi batizado como *Samba Esquema Novo*. Ao longo dos anos, Ben passearia por vários estilos sem se prender a nenhum: da bossa nova à Jovem Guarda, do afro-samba-jazz ao maracatu, do tropicalismo ao funk, sempre revestido da pura malandragem carioca. Sua fixação por alquimia rendeu a obra-prima *A Tábua De Esmeralda*, de 1974, na qual temas complexos como "Errare Humanum Est" e "O Homem Da Gravata Florida" ganham inesperada delicadeza nos versos de Ben. Além, claro, de futebol, paquera e música, assuntos caros ao artista e comuns entre a molecada carioca, que atingiram também os então infantes Marcelo Yuka e Falcão, do Rappa.

Nando Reis (Titãs)
***Expresso 2222*, Gilberto Gil**
"Sempre teve muita música em minha casa. Meus irmãos compravam discos, meu pai e minha mãe, que dava aula de violão. Nesse ambiente, conheci *Expresso 2222*, um disco impecável. Desde o início, com 'Pipoca Moderna' e 'Back In Bahia', um rock de letra longa, narrativa, metafórica, do jeito que eu, fã do Jorge Ben, gosto. O disco tem toda uma estrutura roqueira, mas a rítmica é nordestina e o elemento harmônico e os arranjos são oriundos da bossa nova. Tem um magnífico guitarrista tocando, que é o Lanny Gordin, e todos os outros músicos pulsam como se fossem uma banda de rock. Sem falar no Gil, que arrebenta no violão e nunca esteve tão bem."

Quando lançou *Expresso 2222*, Gilberto Gil voltava de um exílio de dois anos em Londres e recomeçava a carreira a todo vapor, unindo as duas pontas básicas do ideário tropicalista. Por um lado, o regionalismo da tosca e revolucionária Banda de Pífanos de Caruaru ("Pipoca Moderna"). De outro, uma canção do exílio universalista, "Back In Bahia", que plantava Celly Campello e um velho baú de prata. O forró-core e o o mangue beat já pulsavam nos hormônios ferventes de "Sai Do Sereno". (Tárik de Souza, *Discoteca Básica*, SHOWBIZZ 126)

Roberto Frejat (Barão Vermelho)
***Expresso 2222*, Gilberto Gil**
"Traz uma série de canções clássicas, de diversas caras diferentes: 'Chiclete Com Banana', de Jackson do Pandeiro; 'Back In Bahia', mais pesada; 'O Oriente', mais mântrica; a presença da Banda de Pífanos de Caruaru. E uma superbanda: Lanny Gordin na guitarra, Bruce Henry no baixo, Tutty Moreno na bateria e Perna Fróes nos teclados. Quando eu era garoto, ouvia muito rock (Santana, Beatles, Led Zeppelin) e Jovem Guarda. Foi esse disco que abriu minha cabeça para a música brasileira. Comprei junto com o *Transa*, do Caetano Veloso, para dar de presente a meus pais no Natal. Acabou que eu é que fiquei ouvindo sem parar."

André Abujamra (Karnak)
***Machine Head*, Deep Purple**
Esse álbum foi o que me fez querer tocar rock. Até então, eu estudava guitarra para jazz, tinha uma formação erudita. Por volta dos meus 15 anos, um amigo do meu pai foi morar em Londres e deixou com ele todos os seus discos – coisas como Emerson, Lake & Palmer, Led Zeppelin e Deep Purple. Foi assim que conheci essas bandas, pois estava morando com meu pai na época. Posso dizer que tive uma formação musical inversa, comecei com jazz, depois fui passar para o rock. Ainda gosto bastante desse álbum mas o escuto com uma certa nostalgia."

Procurada pela SHOWBIZZ...
... Cássia Eller mandou avisar, por meio de seu escritório, que não estava a fim de falar com jornalista nenhum. Yeah!

Bacalhau (Rumbora)
***King For A Day, Fool For A Life Time*, Faith No More**
"Porque é um álbum muito forte, todas as músicas são excelentes. Apesar de uma música ser diferente da outra, de ter vários ritmos diferentes, como bossa nova, metal, tem algo que amarra o disco, algo que une. É neguinho canta pra c*. Mike Patton manda muito bem. Fiquei impressionado na primeira vez que o ouvi. O Marcelo, do Maskavo Roots, me emprestou o CD logo que saiu nas lojas. Fiquei abalado. Ouvi por dois meses direto, sem cansar. E hoje, cada vez que coloco o álbum para tocar, ainda sinto o mesmo impacto que sentia no começo."

Andreas Kisser (Sepultura)
***Haunting The Chapel*, Slayer**
"É o LP que tem 'Chemical Warfare', a música que embaralhou minha cabeça. Aquelas palhetadas me deixaram alucinado. Isso foi em meados de 1985 e me influenciou muito quando entrei para o Sepultura, na primeira música que compus com Max, Igor e Paulo e em tudo o que fiz. Eu morava em Santo André (SP) e conheci o disco por meio de amigos. Naquela época era difícil arrumar um disco – então a gente fazia uma vaquinha na turma e ia na Woodstock (tradicional loja especializada) comprar. Daí, cada um gravava sua fitinha tosca e ficava ouvindo. Até hoje o *Haunting The Chapel* conserva seu poder. Anos depois, subi com eles no palco, em Londres, e toquei 'Chemical Warfare'. Foi emocionante."

B Negão (Funk Fuckers)
***I Feel For You*, Chaka Khan**
"Conheci essa música por causa do clipe, que passava no *FM TV*, apresentado pelo João Kléber na antiga Manchete. Quando eu vi o cara fazendo o scratch, decidi que não sossegaria enquanto não aprendesse a fazer uma parada igual – se bem que só agora estou aprendendo. Comprei o compacto um dia depois de ver o vídeo. Foi um choque, eu não estava preparado para aquilo. Até hoje, acho que ouvi a música inteira só uma vez, e foi um sofrimento. Me amarrava naquele comecinho, porque tinha um rap poderoso. Depois, ficava uma merda."

Érika (Penélope)
***Debut*, Bjork**
Foi a primeira vez que ouvi a voz dela e me chamou a atenção para todo seu trabalho anterior Sugarcubes, Glín·gló... Desde então tem sido uma grande influência e estímulo vocal para mim. Meu objetivo é algum dia conseguir cantar, pelo menos, 1/9 do que Bjork canta."

John (Pato Fu)
***The Name Of These Band Is...*, Talking Heads**
Ouvi esse disco no início dos anos 80, quando estava começando a tocar guitarra. É um álbum duplo, sendo um ao vivo e outro de estúdio, que marcou a minha vida. O som era esquisito, mas, ao mesmo tempo, dançante e de muito sucesso. Tinha uma mistura de elementos da música branca com a música negra e as letras soavam quase intelectuais conceituais, meio cabeça, como se dizia. As guitarras me impressionavam. Lembro de ter ouvido esse disco pela primeira vez num bar onde o Sexo Explícito (*banda em que John começou*) tocava. Depois arrumei em cassete. Vivíamos aquela época em que descolar um disco desses era superdifícil. Alguém da turma comprava e o resto gravava. Tinha meus 18 anos e ouvi muito Talking Heads desde então."

Ed Motta
***Aja*, Steely Dan**
"Um disco que abriu minha cabeça para a música de forma mais profunda. Fui ouvi-lo só em 1990, logo depois de fazer *Um Contrato Com Deus*. O *Entre e Ouça*, meu disco seguinte, teve uma grande influência dessa descoberta. A partir desse disco, descobri o jazz e comecei a compor compulsivamente. Antes, comprava mais discos de soul e rock, minha base musical era Earth, Wind & Fire, encarava música mais pelo lado rítmico. A partir daí, comecei a fazer coisas mais harmônicas. Quando comecei a tirar as harmonias do Steely Dan, reparei imediatamente nos acordes menores em sexta, que a bossa nova usa muito. Portanto, esse disco, de certa forma, foi também o que me levou para a música do Guinga, que, por sua vez, me abriu a cabeça para a música brasileira."

Nasi (Ira!)

***The Clash*, The Clash**

"Conheci o punk por intermédio das poucas revistas de música que existiam e que eu lia na época, como a *Historias Do Rock* e a *Pop*, que veio com um disco de punk numa edição. Analisando hoje em dia, fica claro que o disco que me impulsionou a montar uma banda foi o primeiro do Clash, por vários motivos. Tinha o ativismo das letras, a vontade de mudar o mundo. Ia de encontro a vigente banalidade do rock progressivo e da disco music. Musicalmente ele não é tão hermético, ortodoxo ou podre quanto um disco dos Sex Pistols ou dos Ramones. Descobri o reggae quando ouvi 'Police & Thieves'. Trata-se de um disco rico, com levadas de bateria bem elaboradas, contrapontos de voz e letras inteligentes. 'White Riot' é perfeita, 'London's Burning', 'Jenny Jones'... O vocal gritado e melódico de Mick Jones me influenciou muito no jeito de cantar. No momento, estou recomprando a discografia deles em CD."

Fred 04 (mundo livre s/a)

***London Calling*, The Clash**

"Foi durante a fase em que eu estava entrando na faculdade e me envolvia com ações políticas. O disco, além de ser musicalmente poderoso, por ser eclético (a base era punk, mas fazia uso de vários estilos musicais diferentes, como reggae, R&B e sons latinos), me motivou muito. Logo que saiu no Brasil, em 80, li uma crítica da jornalista Ana Maria Bahiana para uma revista de instrumentos musicais. Eu já tinha vontade de conhecer a banda, depois dessa crítica, então, resolvi comprar o *London Calling*. Era o antídoto para o niilismo dos Sex Pistols, porque o Clash era uma convocação para a batalha, as letras eram gritos de guerra. Eu estava envolvido com militância estudantil e aquele rock engajado parecia poder colocar o povo na rua de novo. Comecei a rasgar a roupa, tirar as mangas da camisa, até roubei tinta e pincel para pintar camisetas com o nome e as frases da banda. Levantei a bandeira. E não foi só naquela época que o grupo foi importante pra mim. Toda a obra do Clash pode ser considerada fonte eterna de inspiração, e eu sempre retorno a ela para compor. O mundo livre fez até uma versão para 'Guns Of Brixton', chamada 'Balas Do Jordão'."

Wilsom Sideral

***Houses Of The Holy*, Led Zeppelin**

"Eu tinha 15 anos e meu tio chegou com o vinil em casa. Foi um choque, porque eu nunca tinha ouvido um rock tão melódico e harmonioso. Esse disco me acompanha até hoje. Até tomar contato com ele, só ouvia rock nacional, as grandes bandas dos anos 80, como Titãs, Ira!, Legião. Me abri para os anos 70 com *Houses Of The Holy*, que coincidiu com a fase do meu primeiro baseado. Depois, descobri Deep Purple, funk, soul music. Eu me trancava no quarto e deixava o vinil rolando na vitrola. Todas as noites eu dormia ouvindo Led Zeppelin. 'Rain Song' é a música mais linda de todos os tempos. Com esse álbum, a banda atingiu o auge de sua criatividade, sua plenitude musical. Tem aquelas coisas orquestrais, tipo 'No Quarter', tem reggae, funk, balada, hard rock, música clássica, soul... O disco todo é f*!

Igor Cavalera (Sepultura)

***Fresh Fruits For Rotting Vegetables*, Dead Kennedys**

"Esse disco mudou o meu jeito de encarar a música pesada e o hardcore. *Fresh Fruit...* parecia a trilha sonora de um filme. O Dead Kennedys tratava com perfeição a agressividade. Acho que Jello Biafra é o cara que mais tem a manha de escrever letras no mundo. Ele era sarcástico com coerência, não ficava só apontando o dedo. Não tenho uma música preferida no disco, as pegadas são diferentes. Mas é claro que 'Holiday In Camboja' marcou mais. Eu tinha 16 anos quando *Fresh Fruit...* foi lançado no Brasil. Lembro que estava numa loja de discos e o pessoal ficava comentando o pôster que vinha no disco e rolando as músicas. Achei o vocal estranho, porque estava acostumado com gritaria, mas depois entendi a mensagem. Lá em Belo Horizonte não tinha divisão entre a galera que ouvia metal e a que ouvia hardcore. Era comum um moleque gravar um cassete com Slayer de um lado e Ramones de outro."

Procurado pela SHOWBIZZ...

... o plural Arnaldo Antunes preferiu não responder. "Estaria me traindo se apontasse apenas um disco, pois foi uma coleção de obras e de artistas que mudou minha vida. Para indicar um álbum, teria de ficar dois dias pensando e, mesmo assim, não ficaria satisfeito com minha escolha", contou.

Edgar Scandurra (Ira!)

***Quadrophenia*, The Who**

"O *Quadrophenia* é um álbum duplo do Who e a primeira vez que tive contato com ele foi bem interessante. Eu tinha 13 anos, havia sofrido um acidente grave e estava internado num hospital. Um amigo do meu irmão mais velho, a fim de me animar, colocou um gravador no quarto e me deu uma fita cassete. Nessa fita ele havia gravado várias músicas e algumas eram desse álbum. Eu nem conhecia aquelas bandas, mas adorei a fita. Ficava voltando e ouvindo várias vezes seguidas. Depois que saí do hospital, tirei todas as músicas no violão. Alguns anos depois, em 1983, fui ver o filme *Quadrophenia* e foi uma surpresa ótima. Eu tinha uma simpatia enorme por terninhos, bandas dos anos 60, adorava The Jam, e sempre fui ligado em gangues. O filme era bem isso: mods versus rockers. Fiquei emocionado. Mais ainda quando reconheci as músicas do álbum do Who como trilha sonora. Hoje ouço o disco com nostalgia e a última vez que assisti ao filme foi há alguns anos, dublado, na Rede Globo."

Paula Toller (Kid Abelha)

***Fruto Proibido*, Rita Lee**

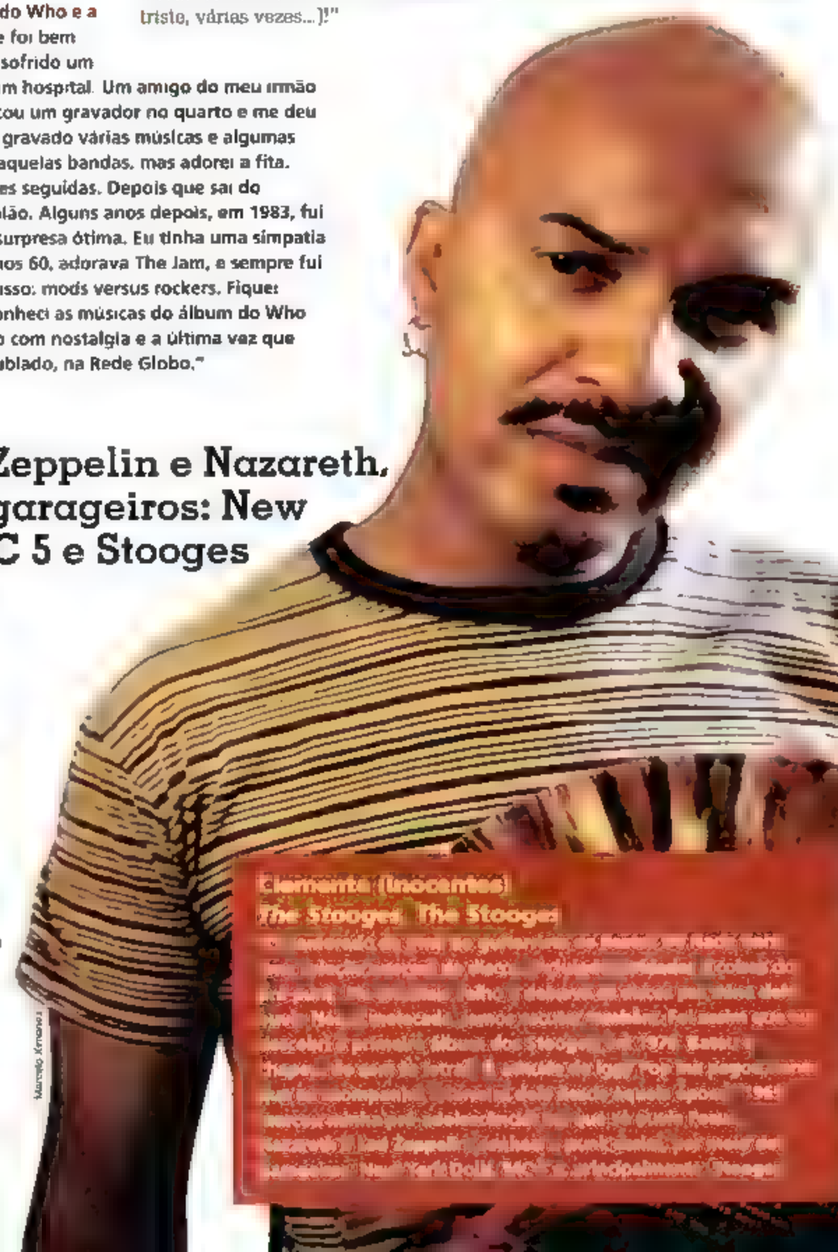
"Ganhei do meu pai num aniversário e ouvi tanto que até hoje o conheço de trás para frente, todas as letras, solos, até as respiradas da Rita! A partir dali passei a pedir um disco dela em todo aniversário. As músicas preferidas eram 'Dançar Pra Não Dançar', 'Esse Tal De Rock'N'Roll', 'Fruto Proibido' e 'Ovelha Negra'. Outro que marcou foi *Kozmic Blues*, da Janis Joplin. Não é o melhor dela, mas foi o primeiro que ouvi. Um primo me emprestou esse LP dizendo que era muito bom, e eu nunca tinha ouvido falar da Janis. Tem uma linda versão de 'Little Girl Blue' de Rodgers & Hart, tem 'Try' e 'Maybe', além de 'Kozmic Blues', muito bonita. A voz e o sentimento dela, bem como sua biografia, me deixaram impressionadíssima, mesmo não gostando das bandas que a acompanhavam, sempre meio ruins. Quando ficava muito triste, eu ouvia esse disco num volume altíssimo (e na adolescência eu ficava muito triste, várias vezes...)!"

Saem Led Zeppelin e Nazareth, entram os garageiros: New York Dolls, MC 5 e Stooges

DJ Hum

***The 2nd Crusade*, The Crusaders**

"Sou DJ desde os 13 anos. Comecei nos bailes da periferia onde eu morava, na Zona Leste (*cidade de São Paulo*), e sempre fui fã de vários estilos musicais, como soul, funk, samba rock. Só não compreendia o jazz. E foi em um sebo, no final dos anos 80, que eu descobri esse álbum. Ele me abriu o horizonte para um groove, uma harmonia que eu não conhecia ainda. Fui atrás de todos os discos da banda, comecei um processo de pesquisa mesmo, e fui descobrindo esse 'jazz-soul-groove'. Foi muito importante para eu começar a trabalhar como produtor musical logo em seguida."



E você? Que disco mudou sua vida?

Escreva para a SHOWBIZZ contando qual foi o som que mexeu com você, que abriu sua cabeça, que detonou com todos os seus conceitos. Mande sua história por carta (R. São Carlos do Pinhal, 60 - 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000) ou por e-mail (showbizz@simbolo.com.br).

Pedro Luís
(Pedro Luís E A Parede)
Ghost In The Machine,
The Police

"Esse disco trouxe várias novidades de timbre, levada. Eles beberam na veia do reggae, mas transformaram aquilo numa levada deles. Eram três instrumentistas, basicamente, mas que tinham uma função de orquestra. Foi chapante para mim e é uma referência até hoje. Uma aula de economia com eficiência. Na época eu tinha 23 anos e estava começando a fazer música profissionalmente, criando meus primeiros arranjos para banda. Esse disco me ajudou a desenvolver a noção de que, com pouco, dá para se fazer muito.

Stewart Copeland, Andy Summers e Sting (da dir. para a esq.): uma aula de economia com eficiência

João Barone
(Paralamas do Sucesso)
The Rhytmatist,
Stewart Copeland

O Police já tinha acabado e o Stewart fez essa pretensa viagem pela África, em que ele misturava programação eletrônica com ritmos africanos. Abriu muito minha mente, até para o que eu faria com o Paralamas na seqüência, o *Selvagem?*. É um disco 50% climático, que tem Ray Lema, do Zaire, cantando umas músicas, mas o resto é instrumental. Teve uma repercussão na época, mas não é um álbum essencialmente pop. Cada vez mais, penso em fazer um disco como esse, baseado nos ritmos que temos no Brasil."

Em entrevista exclusiva, Ian Astbury fala do retorno triunfal do , antecipa o disco que está preparando e avisa que o rock com alma vai voltar

Por Daniel Oliveira, de Los Angeles, EUA

São 17 árduos anos de experiência. Formado na Inglaterra em 1983, no auge de uma onda neogótica, o Cult mudou de integrantes constantemente e experimentou drogas, álcool, brigas, processos e outros desafios do mundo do rock. Sempre liderado por Ian Astbury (vocal) e Billy Duffy (guitarra), o grupo marcou os anos 80 com três discos indispensáveis em qualquer coleção roqueira: o belo e sombrio *Love* (1985), o pesado e agressivo *Electric* (1987) e o técnico e abrangente *Sonic Temple* (1989). Já na década de 90, decepcionou com os discos *Ceremony* (1991) e *The Cult* (1994), e acabou se despedindo do público.

Em agosto do ano passado, porém, começou a voltar. Na primeira das sete apresentações programadas para Los Angeles, a casa de shows House Of Blues quase foi abaixo. Ela veio com um sorriso de crocodilo. Amante de dinamite/ Filha de escorpião", cantou o vocalista na primeira música da noite, "Lil' Devil". Animado e eletrificado, Astbury honrou orgulhosamente a associação mulheres-rock'n'roll. Duffy triturou os amplificadores com sua guitarra pesada. O baixista Martyn Le Noble (ex-Porno For Pyros) e o baterista Matt Sorum (de volta após sair do Guns N' Roses) deram base ao maravilhoso esporro musical da noite. O público berrou os refrãos e jogou-se em direção ao palco. Empolgada, a banda promete disco novo até o fim do ano. Segundo Astbury, será um verdadeiro trabalho de rock 'n' roll, mas com letras sérias e subjetivas.

Os EUA receberam a volta do Cult de braços abertos. Em Los Angeles, por exemplo, foram sete shows lotados. Você acha que os outros países também abraçarão o grupo assim?

Ian Astbury: Acredito que sim. A recepção nos Estados Unidos foi até melhor que antes de nossa separação. Nova York, por exemplo, nunca foi boa para nós. Mas quando tocamos lá, agora a coisa pegou fogo! O público quer uma banda forte, inteligente e direcionada, em vez desses grupos que só sabem reclamar. A última vez que tocamos antes da separação foi no Brasil, em 1995. Aqueles shows no Rio de Janeiro e São Paulo foram fantásticos. Eu e Billy, inclusive, estávamos fazendo as melhores apresentações de nossa carreira. O problema é que, pelo menos para mim, estávamos explorando algo estagnado.

Musicalmente?

Sim. Tínhamos feito tudo o que podíamos fazer. Precisávamos nos distanciar um do outro. Queria viajar e fazer outras coisas. No Cult, eu trabalhava com cinismo. Na época, a situação com o Gathering Of The Tribes (*festival que Ian organizou em Los Angeles e São Francisco em 1990*) também me machucou muito.

O que aconteceu?

Organizei o Gathering Of The Tribes antes do Lollapalooza, com Public Enemy, Ice T, Soundgarden, Queen Latifah, Iggy Pop... Os produtores do Lollapalooza roubaram a idéia do meu festival. Foi quando perdi a confiança em meus colegas do meio musical. Além do mais, meu pai morreu, meu casamento se despedaçou, tantas coisas ruins aconteceram.

Como você superou os problemas e reformou o Cult?

Após sair da banda, formei o Holy Barbarians, que era uma dessas bandas de bar. Éramos um bando de bêbados. Tocávamos completamente doidos. Bebemos e usamos muitas drogas. Houve situações de prisão, violência, loucura... Foi algo bastante caótico e indisciplinado. Justamente por isso, senti falta de um grupo direcionado e disciplinado. Meu passo seguinte foi trabalhar num disco solo, que ainda está para sair. Dei duro nele e passei dois anos praticamente sozinho. Antes e depois de gravar o disco, viajei muito. Estive em Cuba e no Tibete e fui morar ▶

Astbury (o segundo da esq. para a dir.): "Estou refletindo minhas idéias, experiências e visões em músicas fortes e

em Nova York por algum tempo. Depois disso, me senti mais forte e quis formar um grupo de rock. Mas pensei: "Por que formar uma nova banda se já estive numa maravilhosa?" Não faria sentido tentar recriar o espírito do Cult em outro grupo. Billy tinha ido em alguns shows do Holy Barbarians e veio para Los Angeles para resolver coisas do Coloursound (*banda paralela do guitarrista*). Acabamos nos encontrando. Eu lhe perguntei: "Que tal trabalharmos novamente?" Deu para sentir que ele queria reatar os laços. Em maio de 1999, subimos no palco de um show do Neurotic Outsiders (*projeto paralelo de Matt Sorum, Steve Jones, ex-Sex Pistols, Duff McKagan, ex-Guns N' Roses, e John Taylor, do Duran Duran*) e tocamos algumas músicas do Cult. O sentimento foi fantástico, as dúvidas acabaram na hora. Foi isso que rolou para que voltássemos.

Vocês pensaram em chamar o baixista original, Jamie Stewart?

Sim, mas Jamie parece estar feliz com sua vida caseira. Ele nunca gostou de viajar muito e está bem com sua família. Jamie é muito legal, mas precisávamos de um baixista como Martyn. Desde que Nigel Preston (*baterista que tocou no disco* Dreamtime *e na música "She Sells Sanctuary" do álbum* Love) morreu, nunca mais conseguimos estabilizar a banda. Matt e Scott Garrett (*baterista que tocou no disco* The Cult) foram os únicos membros que se aproximaram mais do grupo. Fiquei perdido após a morte de Nigel. Acho que a banda nunca conseguiu superar aquela situação. Eu e Billy levamos o Cult adiante como nosso projeto. Mas agora somos um grupo verdadeiro.

Como está indo o disco novo?

Estamos em fase de pré-produção. Uma música se chama "Libertine". De 30 faixas em que estamos trabalhando, dez estarão no disco. Michael Beinhorn (*responsável por discos de Hole, Marilyn Manson e Ozzy Osbourne*) será o produtor. Ele é fenomenal, um cara que impulsiona o artista. Planejamos lançar um single ou EP na metade do ano. Talvez regravemos uma canção antiga, juntando-a com algumas músicas novas. Poderemos tocar em alguns festivais no verão, mas o disco só deve sair mesmo no fim do ano. Estamos trabalhando duro para que isso aconteça.

O disco seguirá a linha de algum disco antigo do Cult?

Não dá para comparar. Os melhores elementos dos discos antigos terão influência. Será um disco forte e direto. Não sei se "pesado" seria o termo certo para defini-lo. Qualquer um pode pular, berrar e tocar um baixo com afinação grave. As pessoas confundem isso com intensidade, mas intensidade musical vem de experiência. Sempre rola briga no estúdio, ainda temos nosso lado selvagem. Estou escrevendo letras sobre a disputa entre o Tibete e a China, controle de armas, violência doméstica, sexualidade, espírito. As músicas falam de seres humanos, de como desenvolvemos nosso espírito e inteligência. Não estou apenas escrevendo que tudo está uma merda. Estou reconhecendo o quanto é difícil crescer numa sociedade. Estou refletindo minhas idéias, experiências e visões em músicas fortes e melódicas (*ao contrário do que está no website do grupo, Ian diz que o disco não se chamará* Straight Ahead Rock. *Ainda não há título confirmado*).

Quando sai e como será seu disco solo?

Em maio ou junho deve estar saindo *Spirit Light Speed*. Meio eletrônico, mas essencialmente um álbum de baladas. Se você gosta de "White", "Edie (Ciao Baby)" e "Brother Wolf, Sister Moon", vai curti-lo.

Com a volta do Cult, como fica o Coloursound, a banda paralela de Billy?

Que eu saiba, Billy já terminou seus compromissos com o Coloursound. The Cult é a prioridade agora.

O que você acha da música atual da Inglaterra? Gosta do britpop?

A indústria musical inglesa tem medo de bandas com espírito e sexualidade. É por isso que o Cult faz tanto sucesso em países latinos. Os ingleses ficam enfiados em pubs minúsculos – o vício em cocaína é uma epidemia entre eles. E você precisa de um certo penteado, sapato e roupa para estar em sintonia com a moda. É uma babaquice total. A música inglesa já foi muito mais selvagem. Não havia regras! Sex Pistols, The Clash, Black Sabbath... Essas bandas não estavam aí para nada. Eram garotos da classe trabalhadora com som e visual próprios. Hoje, apesar dos pesares, gosto de algumas coisas: Stereophonics, Lo-Fidelity Allstars, Oasis. Liam e Noel não se importam com nada e fazem o que gostam. Enquanto a cena inglesa está preocupada com aparência, o Cult está preocupado com soul, espírito.

The Cult é uma das poucas bandas com fãs de diversos gêneros: pop, metal, gótico, alternativo, industrial... A que você atribui isso?

Talvez à melodia, mas sobretudo à sinceridade. Minha voz tem a ver com isso. Não sei fazer outra coisa na vida. Preciso cantar, sou obcecado por música e pelo desejo de me comunicar. Tenho pouco tempo para clubes, festas da *Playboy* e coisas assim. Sou bastante solitário. Saio mais para ver shows de outros artistas. Quando subo no palco, não me torno um personagem de desenho animado. O que você vê ali me representa durante o dia. Após fazer cooper, volto para casa, pego uma guitarra e leio um livro. Sou um observador. Me interesso pela vida das pessoas e pelo que elas têm a dizer. Esta música nova, "Libertine", fala da liberdade de espírito e de expressão, sem ficarmos presos a padrões, códigos ou sistemas. Esta é a mensagem do Cult. Algumas vezes, por causa do sucesso, você acaba em ambientes bastantes materialistas. Você pode se perder numa sala cheia de atores e modelos. Já passei por isso quando jovem, achava maravilhoso estar com gente famosa em ambientes luxuosos. Mas isso não passa de ilusão. As grandes lições de vida vêm de pessoas humildes, pois elas tentam achar solução na bagunça da sociedade. Isto sim é algo fantástico no espírito humano.

"Eu e Billy subimos no palco e tocamos algumas músicas do Cult. O sentimento foi fantástico, as dúvidas acabaram na hora: voltamos."

Os primeiros 10 anos do Cult

Ian Astbury lembra a carreira da banda, disco a disco.

***Dreamtime* (1984)**

"Foi feito rapidamente. É uma coleção de influências variadas - não há um direcionamento musical. Foi o começo, a raiz da banda. As texturas deste disco foram importantes para nosso futuro. 'Spiritwalker' originou 'She Sells Sanctuary', que se tornou uma música crucial para nós. E 'She Sells Sanctuary' originou 'Fire Woman', que se tornou a grande canção temática do Cult. A essência do que compusemos depois pode ser encontrada toda em *Dreamtime*."

***Love* (1985)**

"Reflete a época em que foi lançado. A Inglaterra estava num clima bastante deprê. As pessoas andavam deprimidas e havia bandas darks como Sisters Of Mercy. *Love* foi contra isso tudo, como uma flor na escuridão. Sabíamos que o título do disco irritaria a imprensa. Como podíamos chamar um disco de *Love* em 1985!? O álbum traz 'She Sells Sanctuary', que é a música mais bela e ingênua que já compusemos. Nunca faremos outra canção assim – só acontece uma vez na vida. Ela é nossa Mona Lisa."

***Electric* (1987)**

"Coloque caras na faixa dos 25 anos em Nova York e limite seus suprimentos à álcool, drogas e dinheiro. Isto é *Electric*. O disco reflete a energia de Nova York. Estávamos saindo com (o *rapper*) LL Cool J, o pessoal do Slayer, dos Beastie Boys... Gravamos no estúdio de Jimi Hendrix, Electric Lady. O hotel na esquina pegou fogo, a máfia atuou na rua ao lado... Tanta coisa aconteceu! Havia umas 30 pessoas zoneando no estúdio. Foi um clima caótico! *Electric* é quase um disco punk. Não estávamos aí para nada."

***Sonic Temple* (1989)**

"Mistura o clima ingênuo e romântico de *Love* com o clima violento e urbano de *Electric*. Gravamos num local bastante sereno, em Vancouver, no Canadá. Foram diversas semanas no meio das Montanhas Rochosas, uma região cheia de pinheiros e lagos. Vancouver é uma cidade pura e limpa. Mas, por outro lado, havia nas imediações alguns integrantes da gangue Hell's Angels, bares de strip-tease e coisas do tipo. O disco reflete essa jornada em dois ambientes diversos."

***Ceremony* (1991)**

"Foi um desastre. Um verdadeiro desastre. Algumas das músicas até são boas, mas a sonoridade no geral é ruim. A verdade é que tentamos copiar *Sonic Temple*. Fomos pressionados a manter o sucesso do álbum anterior e Matt Sorum tinha ido tocar bateria no Guns N' Roses. Na verdade, acho que não deveríamos ter lançado *Ceremony*, mas o que passou, passou. Músicas como 'White', 'Indian', 'Wonderland' e 'Wild Hearted Son' refletem este espírito de perdição."

***The Cult* (1994)**

"Junto com *Love*, é meu disco favorito do Cult. É incrivelmente bem-gravado sob o ponto de vista técnico, e as músicas têm muita beleza. Mesmo que não tenha vendido tanto quanto *Sonic Temple*, gostaria que o Cult fosse lembrado por ele. É como um álbum de fotos. Cada música conta uma história pessoal diferente. Se cada disco do Cult teve um tema, este engloba todos eles. Ele pode ser entendido como um belo guia de nossa carreira até então."

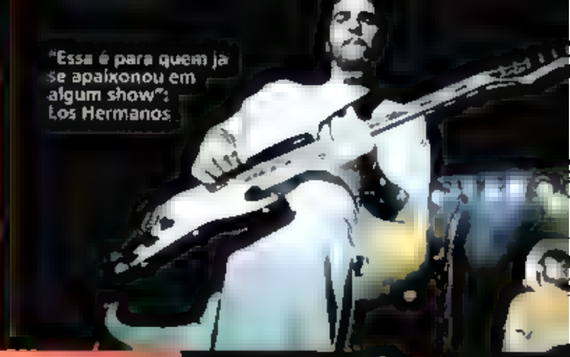
Abril pós rock

Sem a obrigação de a todo ano revelar alguma banda, o Abril Pro Rock 2001 investiu na diversidade e mesclou artistas consagrados com desconhecidos da massa

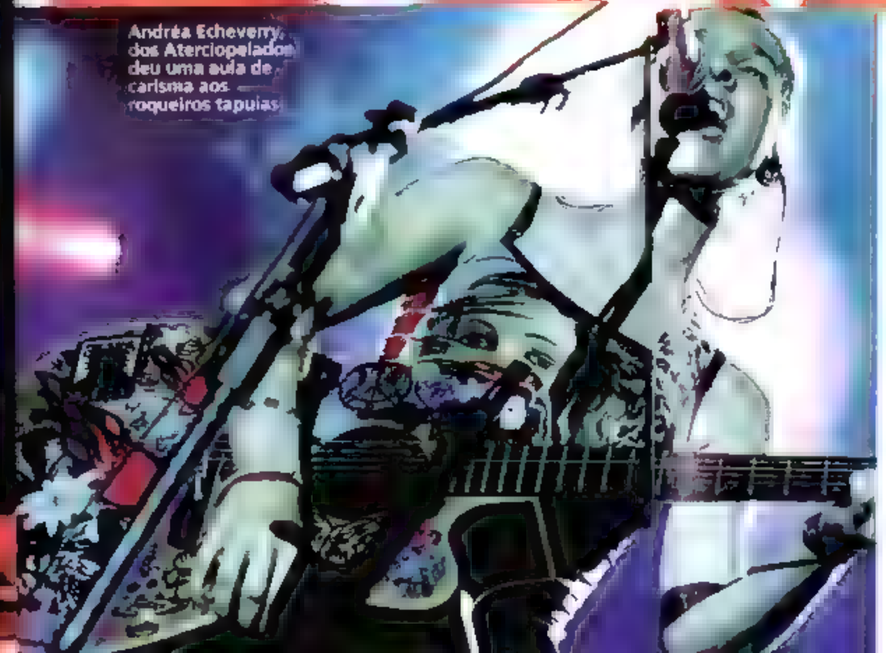
Por Emerson Gasperin
Fotos: Marcelo Vitorino

Max Cava... Soulfly: ... tocou e fo... embora

Otto mostrou músicas de seu novo trabalho


"Essa é para quem já se apaixonou em algum show": Los Hermanos

O Sheik Tosado mostrou no palco um vigor ausente em seu disco


Andréa Echeverry, dos Aterciopelados, deu uma aula de carisma aos roqueiros tapuias

O figurino n... comprometeu a performance de Carlos Gerbase, do Replicantes

A revelação Vulgue Tostoi

Silvério Pessoa reverenciou Jacinto Silva com o Bate O Manca

Philippe Seabra, da Plebe Rude, vem vindo da piscina, chinelo e toalhinha no ombro. Redson, do Cólera, arrisca seus mergulhos e nada feliz nas águas do Hotel 7 Colinas, em Olinda. Como de hábito, a oitava edição do Abril Pro Rock – um feito e tanto para um festival no Brasil – foi fértil em revelações. A da tarde desta sexta-feira 6 de abril, é a seguinte: estes são os punks. Os popstars, Paralamas do Sucesso e Soulfly, hospedam-se em um cinco-estrelas no Recife. Até o dia 9, a oitava edição do evento ainda irá revelar que: a) os anos 80 resistem bravamente na preferência popular; b) há coisas que só o metal pode proporcionar a você e c) a variedade é o mell o da vida.

Como se pode ver, nada de muito inusitado. Mas que garantiu a diversão das cerca de 13 mil pessoas que estiveram nas três noites do Centro de Convenções de Pernambuco, na divisa de Recife com Olinda. Na primeira, por exemplo, a audiência ansiava pelos Paralamas. Enquanto Herbert Vianna e banda não reproduziam mais um show da turnê do disco acústico do grupo, o CIDADÃO INSTIGADO tratava de inaugurar as atividades no palco secundário. Os cearenses viajaram bonito, apostando em improvisos regados a guitarras estilo Santana, lamentos regionais e elementos eletrônicos. O público, nem aí para a ausência de algum refrão cantável, curtiu.

Cabruêra, a surpresa que transformou o Abril Pro Rock numa imensa roda (no detalhe)

Paralamas: show acústico e homenagem a Chico Science

Comadre Florzinha investiu nas raízes forrazeiras [illegible]

Chico Science estava em todo lugar: na camiseta do apresentador, nos shows de Soulfly, Paralamas e Devotos, na...

Frankenstein, tocando pandeiro, tudo a ver

[illegible] Anvil FX, segurou a onda dos metaleiros

Os **PARALAMAS DO SUCESSO** vieram em seguida (mesmo) no palco principal, todos de vermelho e acompanhados dele, o sem-banda mais popular do Brasil, Dado Villa-Lobos. A homenagem a Chico Science, "Manguetown", só encontrou páreo na gritaria com "Que País É Este?". Berros de "Chico, Chico" ecoavam no local, e essa foi só a quarta música do show. Entre um sucesso e outro, a apresentação foi durando, durando a ponto de estimular uma exploração pelas dependências do festival com a Feira de Arte e Comportamento, com 29 estandes vendendo de incenso a skatewear, de tambores a tatuagens. O mais inusitado, porém, estava guardado em uma casinha de dois andares em um canto do fundo do centro de convenções, a discotèque Pomba Gira. Ali funcionava um evento paralelo (*veja boxe*).

Hora de voltar à realidade, pois **BIA GRABOIS** já exibia sua guitarra com raiva e antipatia estudadas. Tem personalidade, a garota. Respeitando o revezamento de palcos, agora era o **REPLICANTES** que ocupava o maior. Com o ex-baterista Carlos Gerbase nos vocais, o quarteto gaúcho ligou o "um, dois, três, quatro" e despejou uma saraivada de hardcore sem interrupções ("Nicotina", "Festa Punk", "Surfista Calhorda"). Como se não bastasse o figurino de Gerbase, um macaquinho de gosto duvidoso, a banda ainda teve a audácia de cometer uma esdrúxula versão de "Killing Moon", do Echo & The Bunnymen, que não fugiu da roda de pogo. Bem, não deixa de ser punk.

O grupo carioca **VULGUE TOSTOI** se apresentou na sequência, mostrando um pop sofisticado, com guitarras pesadas, programações e "Vapor Barato" como nunca se ouviu. Para muitos, a revelação que os olheiros de gravadora estavam procurando. Um bom antepasto para a **PLEBE RUDE**, divulgando contrariada o disco da reunião da banda *Enquanto A Trégua Não Vem - Ao Vivo*. Bastaram os primeiros acordes de "Brasília" para Philippe Seabra perceber que estava errado ao dizer no hotel, que iria com uma camiseta da Plebe por baixo para ser reconhecido. Redson, o nadador, participou em "Luzes", do grupo brasiliense Escola de Escândalo, e em "Medo", do repertório de Cólera.

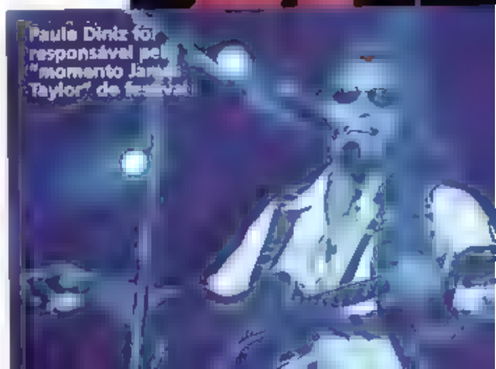
Na tenda eletrônica, **AD** fazia o balanço com graves sinuosos, pre[illegible] & bass mais calmo, com pitadas de jazz, do **DJ PATIFE**. Os cabeçudos que não estavam na Pomba Gira chacoalhavam o que restava de energia no corpo. Quase cinco da manhã e, na chegada ao hotel, somente os integrantes do Aterciopelados estão acordados, caminhando da piscina ao bar, e vice-versa. Eles são colombianos.

Bia Grabois: raiva e antipatia estudadas

Metaleiros no tecno

Amanheceu chovendo no sábado, o que acabou com a algazarra dos punks na piscina. A água atrasou a entrada do **SISTEMA X** no centro de convenções para pouco depois das 18h30. Pelo menos, se o rap não animasse, já se sabia da existência da Pomba Gira (sempre um refúgio) e da tenda eletrônica, que, desativada, servia para um descanso rápido. No entanto, a fidelidade dos metaleiros fez com que as dois recantos só ganhassem atenção nos curtos intervalos dos shows. Sem contar que dois heróis da cena local estavam escalados para essa noite, **SHEIK TOSADO** e Devotos (ex-do Ódio).

O primeiro pôs o povo para pular, incentivado pela



Paulo Diniz foi responsável pelo "momento James Taylor" do festival

Supersoniques: falha no som

Metaleiro do Recife

from heaven, dança techno vestido com camiseta pirata Nuclear Assault

performance aeróbica do vocalista China, que não parou um minuto. No palco, a banda ganha força não ouvida em seu disco, *Som De Caráter Urbano E De Saúde*, com todas as músicas cantadas pelo público. O **DEVOTOS**, bem basta dizer que foi o único momento, em todo o Abril Pro Rock, em que todas correram para a frente do palco. Em oito edições do festival, essa era a sétima em que o trio do Alto José do Pinho se apresentava. Como se seu hardcore, da qual não escapou nem a versão de "Alagados", do Paralamas, fosse insuficiente para levantar os menos exaltados, o vocalista Canibal mandou uns gritos de "Nação Zumbi" novamente homenageando o principal nome do mangue beat.

A empolgação que invadiu a frente do palco principal não encontrou recepção no espaço menor. **SUPERSONIQUES**, guitar band, estava triste demais, ficando ainda mais deprimente com a falha no som. **ATAQUE SUICIDA**, com brados como "políticos merecem porrada", só conseguiu tornar mais longa a espera pelo **SOULFLY**. Que demorou.... Um silêncio maior do que o problema que afetou o Supersoniques, inexplicável porque o Soulfly teve tempo de sobra para se arrumar no palco principal.

Ah, mas é Max Cavalera! O homem que chegou no Abril Pro Rock tocou e foi embora, superprofissional. Mostrou em primeira mão músicas do novo álbum e estreou a nova formação do grupo. Soulfly à parte, é imperioso dizer que o momento alto foi "Roots", do Sepultura, o que Chico Science, presente até na camiseta do mestre-de-cerimônia Rogê ("cadê Rogê..."), ganhou outra homenagem. Enfim, simpatia.

Findo o exorcismo de Max Cavalera, o grande dilema: será que os metaleiros vão quebrar tudo na tenda eletrônica? Mas metaleiro do Recife é *from heaven*. Metaleiro do Recife dança techno vestido com camiseta do Nuclear Assault. O **ANVIL FX** também não deu moleza para o azar surgindo com um batidão que se converteu em baião digital. Quando se nota, a banda transformou-se em **SHIVA LAS VEGAS** com o vocalista Lex Lilith encarnando um xamã e espantando os diabinhos com berros como "me segura que eu vou ter um treco".

Piebe Rude e Redson, do Cólera: "Você não morreu, mas está sem vida"...

Espere aí, aquele cara altão ali no meio da pista tem a maior pinta de gringo, todo desengonçado com uma caipirinha na mão. É algum maluco do Bloco Vomit! Dá licença, deixa um dos Aterciopelados passar ligadão no movimento. A cantora **ANDREA MARQUEE** vai acalmando a onda, mas a essa hora quase duas, todos os roqueiros brasileiros que não estão pairando já estão dormindo. Menos os que se arriscaram até o Recife antigo para dar um pulo no Pina de Copacabana, o bar de Rogê. Na jukebox, "Stairway To Heaven". Toca para o hotel.

Ciranda de estilos

Domingão e a chuva que cai desde ontem atingiu parte do acesso ao centro de convenções. A noite mais despretensiosa do festival, a mais eclética, a mais "new wave", foi a que teve menor público. Em compensação, foi a melhor, trazendo uma riqueza musical condizente com as tradições reveladoras do Abril Pro Rock. Artistas conhecidos, como Otto e Los Hermanos, mostraram que ao vivo são outros quinhentos. Estranhos na programação, Aterciopelados, Paulo Diniz e Bloco Vomit conquistaram a platéia.

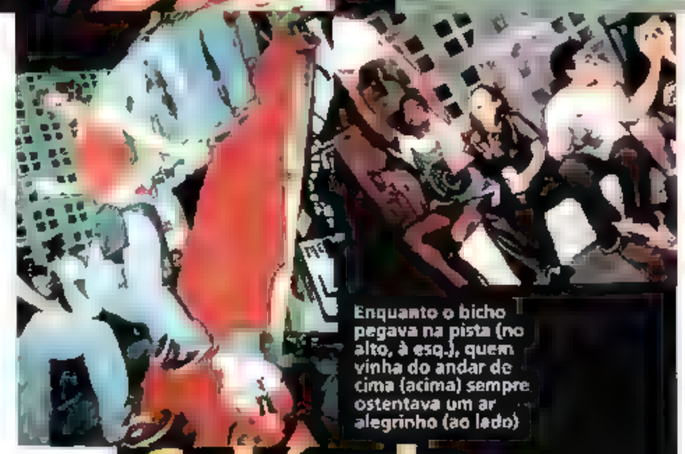
Dos nativos, destaque absoluto para o **CABRUÊRA**, o único grupo capaz de rivalizar com o Vulgue Tostoi no quesito surpresa do Abril Pro Rock. OK, o papo de influências regionais para fazer um som moderno já foi explorado até dizer chega, mas esses paraibanos estão em ponto de bala. Eles regendo uma grande ciranda de roda na platéia ficou como uma das cenas memoráveis deste festival. **COMADRE FLORZINHA** e **BATE O MANCÁ** (de Silvério Pessoa, do Cascabulho, dedicado à obra de Jacinto Silva) investiram nas raízes forrozeiras da região e comoveram, enquanto a **STELLA CAMPOS** coube a dura tarefa de abrir a balada com seu trip-hop para chamar as pessoas.

A cantora tocou antes do **BLOCO VOMIT**, que invadiu o palco secundário com 11 escoceses vestidos de mulher, interpretando clássicos do punk em ritmo de batucada. É o típico caso de algo tão bizarro que se torna bom. No palco principal, **PAULO DINIZ** ilustrou o momento James Taylor do festival, com quase todo mundo sentado balançando ao som de "Pingos De Amor" e "I Want To Go Back To Bahia". O trio inho deu lugar aos **ATERCIOPELADOS**, imediatamente traduzidos por "aveludados" pela carismática vocalista Andréa Echeverry. A moça deu uma aula de como seduzir uma platéia desconhecida. Ensinou refrões, distribuiu apitos e pirulitos, sorriu direto. Como recompensa, o pop meio oitentista, meio moderninho da banda, recebeu mais aplausos do que o previsto. Showzão.

OTTO, lá na frente, rebateu quaisquer críticas sobre suas apresentações, consideradas irregulares. Com uma banda de primeira, mesclou seus cult hits ("Bob", "Renault/Peugeot", "TV A Cabo") com músicas de seu próximo disco, desfilando grooves irresistíveis. "É a Jambro Band. Jam de improviso, bro de brother. E jambro é uma fruta da região", explicou o sempre enigmático artista.

Para fechar o festival, **LOS HERMANOS**, a revelação do Abril Pro Rock do ano passado, agora do tamanho de uma grande atração. OK, o vocalista Marcelo Camelo fala coisas bonitas entre uma canção e outra – "esta é para quem está apaixonado", "esta é para quem já se apaixonou em um show" –, mas o negócio aqui é hardcore, com todo o sotaque carioca a que tem direito. Tremenda injustiça esses caras serem louvados apenas por "Anna Júlia". Como mais tarde diria Camelo, no microônibus de volta ao hotel, "não entendo porque no Brasil uma banda não pode tocar uma música romântica e depois fazer a maior barulheira".

No festival, **GUIZZMO** e **MAD MUD** encerravam a tenda eletrônica, exigindo forças de quem não tinha. Uma canseira que nem a generosa porção de macaxeira com carne-de-sol servida no barzinho ao lado da Pomba Gira teve a moral de acabar.


Enquanto o bicho pegava na pista (no alto, à esq.), quem vinha do andar de cima (acima) sempre ostentava um ar alegrinho (ao lado)

Cubículo de emoções

Bendita a hora em que a organização do Abril Pro Rock teve a idéia de armar um barraquinho com dois andares no cantinho do festival. Durante três noites, rolou uma versão paralela do evento naqueles 16 metros quadrados. No térreo, uma pista de dança na qual se revezavam forrós, black music, rap e mangue beat. O andar de cima (o "lounge" Calcinha Preta), os roqueiros mais afoitos encontravam uma cama de casal com mosquiteiro, um sofá, roupeiro, criado e telefone (ambos mudos).

Não demorou muito para os mais agitados descobrirem que ali era um porto seguro para levar um papo, defumar as roupas ou, simplesmente, desopilar. Subindo-se pela íngreme escadinha acarpetada de vermelho, não era difícil encontrar um sósia de Lee Perry, elmo (!) na cabeça regulando o movimento para a bagaça não desabar em cima da pista de dança – preocupação pertinente, pois tinha hora que umas 15 pessoas se espremiam no cubículo e o chão não parava de balançar. De repente, Manu Chao irrompe nos alto-falantes e transforma tudo em Tijuana. Quero ver agora é para descer...

Skazinhos carinhos

A vocalista do **No Doubt**, Gwen Stefani, descobre sua personalidade para gravar o novo trabalho do grupo

por Daniel Oliveira, de Los Angeles, EUA

A humildade de Gwen Stefani é surpreendente para uma artista que vendeu mais de 15 milhões de cópias de apenas um disco, *Tragic Kingdom* (1995). Mesmo cansada – afinal, passou a noite anterior filmando o videoclipe de "Ex-Girlfriend" –, a vocalista do No Doubt está bastante comunicativa. De cabelo rosa, maquiagem carregada e camiseta com coraçõezinhos em volta da palavra "love", ela mostra-se meiga e bem-humorada ao falar com SHOWBIZZ nesta tarde.

Sentada na cobertura do hotel Mondrian, na famosa Sunset Boulevard, Gwen confessa estar deslumbrada ao saber que jornalistas do mundo inteiro estão em Los Angeles para entrevistar o No Doubt sobre o novo álbum, *Return Of Saturn*. "Este é um momento mágico, que nunca vivemos", diz, sorrindo.

Na época de *Tragic Kingdom*, nem sabíamos se o disco sairia".

Pois o disco saiu e, graças aos hits "Don't Speak", "Just A Girl" e "Spiderwebs", jovens do mundo inteiro passaram a curtir o rock-pop-ska do quarteto e sorrir com o visual chamativo e alegrinho de Gwen. Só que atingir a fama é uma coisa, mantê-la é outra. Ela não descarta a possibilidade de *Return Of Saturn* ser um fracasso comercial, principalmente por causa do imprevisível mercado americano. Mas está orgulhosa do disco, pois as letras refletem experiências pessoais durante a última turnê. É um trabalho que, segundo ela, avalia sua vida, seu crescimento e, claro, seus relacionamentos amorosos.

Gwen (adivinhe quem é): em plena "crise existencial", a lourinha pôs seus sentimentos nas músicas de *Return Of Saturn*

O No Doubt toca uma música alto-astral e passa uma imagem positiva. É difícil manter-se assim quando há problemas pessoais e exigências da indústria musical?

Gwen Stefani: Enfrentamos problemas, mas, pelo menos para mim, os sofrimentos me motivam a compor. O disco novo tem várias canções de amor, pois acho que me concentrei demais no No Doubt e deixei de lado outras coisas da minha vida. Também me inspirei na tentativa de descobrir minha personalidade na última turnê. A grande diferença entre este e o último disco é que as músicas realmente refletem as letras. É por isso que algumas canções têm um clima mais melancólico.

"Quero ser uma garota real, de verdade, não algo falso e plástico. A imagem é apenas uma extensão de minha personalidade"

Você fala sempre de visual e tem uma canção nova chamada "Magic's In The Makeup" ("Mágica Está Na Maquiagem"). Por quê?

A idéia de que a "mágica está na maquiagem" não é para ser interpretada literalmente. Esta canção reflete o clima do disco inteiro. A música fala das minhas diversas personalidades após a última turnê. Eu nem sabia quem eu era.

Como assim?

Agora eu sou a Gwen cansada após rolar a noite inteira no videoclipe, e você está me entrevistando. Mas quando estou com a banda, sou a Gwen bobinha. As pessoas têm faces diferentes. A minha personalidade perdeu-se um pouco na última turnê. Eu ficava me perguntando: quem sou eu? Que personalidade realmente me representa? Quero ser uma garota real, não algo falso e plástico. A imagem é apenas a extensão de minha personalidade.

"Don't Speak" foi seu maior sucesso. É por isso que o disco novo traz mais baladas, como "Marry Me", "Dark Blue" e "Magic's In The Makeup"?

Nunca compomos com alguma intenção. Queríamos testar métodos diferentes de composição e utilizamos um computador. Escrevemos as outras músicas num violão e as desenvolvemos depois. É verdade que compusemos canções mais lentas, mas elas surgiram naturalmente.

Alguns artistas evitam falar de relacionamentos para não afetar as fantasias amorosas dos fãs. Por que você é mais aberta nesse sentido?

Nossa banda é real e honesta. Não somos uma coisa fabricada. Viemos do nada e somos bastante caseiros. Ninguém pede para compormos ou nos vestirmos de algum jeito. Estas coisas vêm naturalmente. As músicas são bastante pessoais. Minha vida é relevante nelas.

As músicas "Ex-Girlfriend" e "A Simple Kind Of Life" falam da frustração de terminar um namoro. Elas estão ligadas de alguma forma à Gavin Rossdale, guitarrista e vocalista do Bush?

Bem, nosso relacionamento já dura quatro anos. Algumas canções podem ser sobre ele ou inspiradas nele.

Como estas duas?

(rindo timidamente) Acho que me expresso suficientemente nas músicas. Se eu discutir muito as letras, talvez eu estrague a interpretação das pessoas. Eu odiaria que alguém interpretasse alguma letra, ouvisse uma explicação minha e falasse: "Pô, a idéia da letra não é tão legal como eu achava".

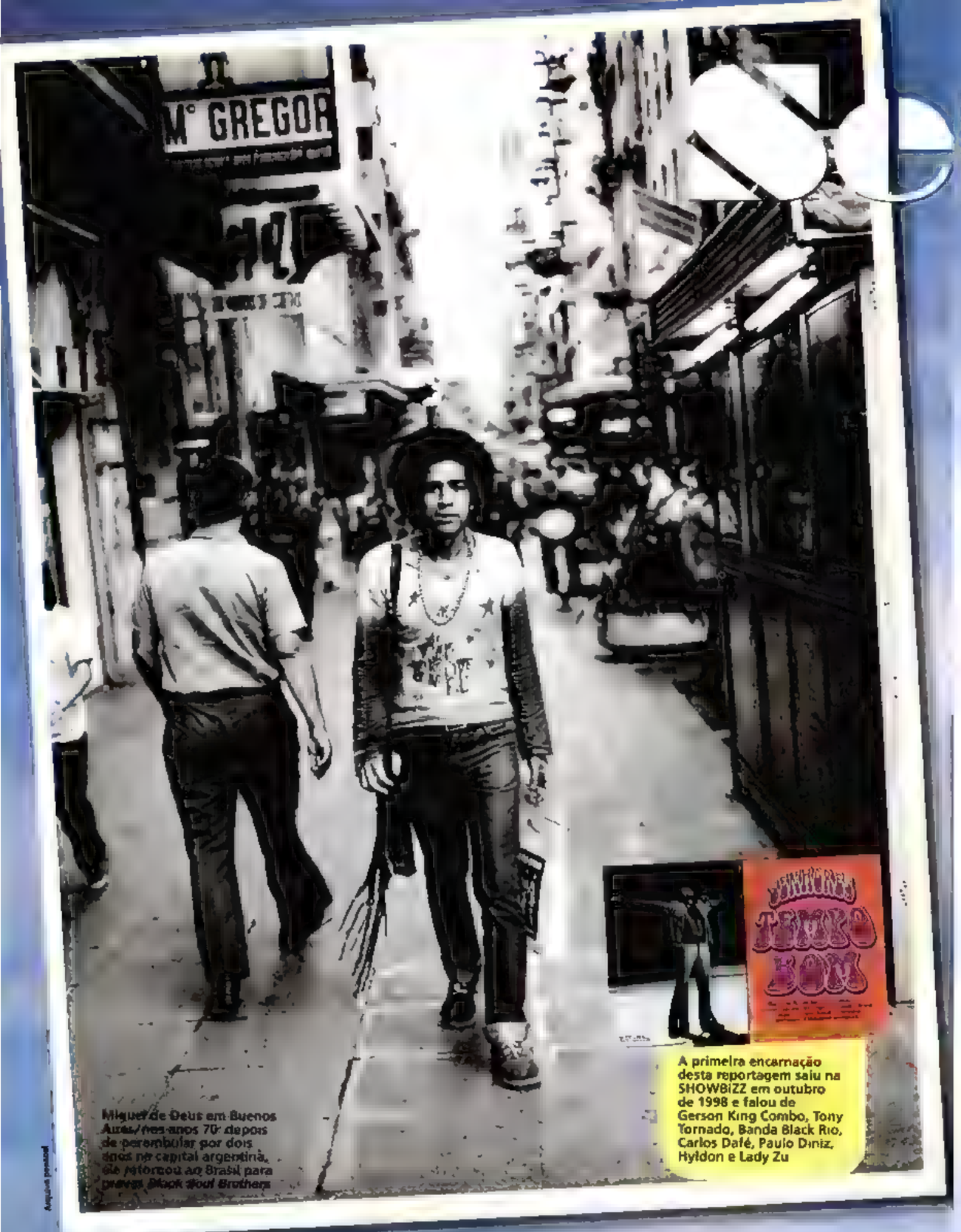
Mas na música "Marry Me" você deixa bem claro que deseja se casar. Por que isso não acontece logo?

Eu e os membros da banda (*o guitarrista Tom Dumont, o baixista Tony Kanal e o baterista Adrian Young*) somos praticamente "casados" uns com os outros. Dedicamos muito tempo ao grupo. Por exemplo, nos últimos três dias, nem consegui falar no telefone! Tem sido uma loucura. Cheguei hoje no hotel às 10 horas, fui dormir e agora estou falando com você. Não há tempo para nada. Esta coisa de relacionamentos está difícil para todos na banda. É por isso que o disco novo tem canções sobre sofrimento. Este meu lado romântico – amor, família e relacionamento – tornou-se bastante complicado.

Senhores tempo bom II

Conheça mais artistas brasileiros que, influenciados pelo funk e soul americanos, abraçaram a bandeira da negritude e criaram o genuíno balanço com cores nacionais

por Sérgio Barbo



Miguel de Deus em Buenos Aires/fins anos 70: depois de perambular por dois anos na capital argentina, ele retornou ao Brasil para montar Black Soul Brothers

A primeira encarnação desta reportagem saiu na SHOWBIZZ em outubro de 1998 e falou de Gerson King Combo, Tony Tornado, Banda Black Rio, Carlos Dafé, Paulo Diniz, Hyldon e Lady Zu

Agulha postal

As primeiras sonoridades estilo Motown embutidas em Wilson Simonal até a atual popularidade do rap e de artistas pop como Maurício Manieri, Fat Family e Jota Quest, o enredo da black music no Brasil percorreu extenso e irregular caminho. Desde as pioneiras e intuitivas gravações do final dos anos 60 até a assimilação do hip-hop na periferia, a cultura negra sempre tentou se firmar no País como um movimento com identidade própria. O ápice dessa tentativa se deu nos anos 70, quando a cultura de morro – como o samba – identificava-se e integrava-se espontaneamente com ritmos afro-americanos (como o soul) e movimentos de afirmação negra (como o black power).

Na época, houve de fato um movimento que foi chamado, informalmente, de Black Rio, representado por artistas como Cassiano, Dom Salvador e Abolição e Gerson King Combo, e por muitas, muitas mesmo, equipes de som especializadas em bailes de soul e funk. Na capital paulista, existiu uma espécie de Black São Paulo, com vários artistas lançando discos quase ao mesmo tempo, como Miguel de Deus, Roberto Sax e Zeca do Trombone, Lady Zu e Mita. A coisa cresceu tanto que começou a chamar a atenção da mídia, a ponto de as gravadoras quererem lançar no mercado brasileiro um produto musical inteiramente negro que não fosse o samba ou suas variações.

Então, dá-lhe soul music em programas de TV e trilhas de novela. Houve uma profusão de canções soul, como "A Lua e Eu", de Cassiano (da novela *O Grito*), incluídas em trilhas que ajudaram muito na popularização do estilo. Para se ter uma idéia da influência da mídia, a banda do saxofonista Oberdan Magalhães, que chegou a se chamar Banda do Bando e Mr. Funky Samba, teve de mudar de nome para Black Rio por imposição da gravadora.

Por outro lado, muitos artistas egressos de outros estilos se interessaram pelo assunto e até criaram obras exaltando a negritude, como Marcos Valle, Elis Regina, Ivan Lins e Cláudia Telles. Outros tiveram suas obras lançadas no exterior – Banda Black Rio e Carlos Dafé, por exemplo. Sem contar os artistas com carreira quase que exclusivamente internacional, como Eumir Deodato e o grupo Azymuth, que colocaram no topo das paradas dos Estados Unidos e da Europa um jazz-funk com inconfundível sotaque brasileiro.

Essa geração inspirada (ou, pelo menos parte dela) durou até o começo dos anos 80, quando, por alguma razão, o movimento black se dissipou no Brasil. Há teorias como a do cantor Carlos Dafé que acha que faltou liderança no movimento: "Se Tim Maia, que era o artista mais importante e líder natural, tivesse agrupado mais as pessoas, a turma não teria se separado". Acredita, Tim Maia organizando um movimento? Melhor passar logo para os artistas que ajudaram a escrever essa suingante história.

Miguel de Deus

Funk em estado bruto

Marcelo Ximenes

Clemente Miguel de Deus, ou simplesmente Miguel de Deus, foi dos poucos artistas a surgir fora do circuito Black Rio e, talvez por isso, não teve a merecida projeção. A despeito disso, seu disco *Black Soul Brothers* é um dos trabalhos mais interessantes de música negra já lançados no País.

Oriundo de Macaranin, região de Ilhéus (BA), Miguel de Deus chegou ao interior de São Paulo com 6 anos, quando ganhou seu primeiro cavaquinho. Adolescente, foi para a capital para estudar e para tentar encontrar Tonico e Tinoco, seus ídolos na época. Dividia o trabalho de aprendiz de tecelão com o de músico de banda tocando clarinete e guitarra.

No final dos anos 60, influenciado pelos Beatles, montou o grupo Os Brazões. Uma apresentação espalhafatosa na extinta TV Excelsior chamou a atenção da produtora de Tom Zé, que por sua vez, acabou ganhando o Festival da Record com "São, São Paulo Meu Amor", escudado pelos arranjos dos Brazões. Com isso, o grupo acabou apoiando outros nomes da Tropicália, como Gilberto Gil, Jards Macalé (em "Gotham City", regravada pelo Camisa de Vênus) e, principalmente, Gal Costa.

O psicodélico álbum *Os Brazões*, de 1969, incluía experimentos como repetição de frases com câmera de eco, inovação depois utilizada por Walter Franco e outros. Mas era nos shows que a banda se revelava. "Nas músicas dançantes usávamos sopro no estilo do Kool And The Gang, enquanto o baterista cantava como negrinho mas sem saber que aquilo se chamava soul music", relembra Miguel.

Com a dispersão dos Brazões, o cantor fez em 1972 uma big band de soul, a Brazibanda, que, com 12 elementos na formação, ficou difícil de manter. Após perambular dois anos pela Argentina como músico, Miguel foi convidado pela gravadora Copacabana e pelo produtor Mister Sam (Gretchen, Black Juniors) a gravar um disco de black music. Lançado em 1977, *Black Soul Brothers* contou com a participação de Nelson Triunfo (pioneiro dançarino de break e divulgador da cultura negra) e, hoje, é considerado um clássico obscuro do funk brasileiro. Fez ainda mais um LP com o grupo Assim Assado (na linha dos Secos & Molhados) e foi puxador da escola de samba paulistana Barroca Zona Sul, além de gravar mais três compactos sem muita repercussão.

Recluso em Carapicuíba, periferia de São Paulo, Miguel tem um monte de funks prontos para serem gravados. "Ainda encaro um palco se for preciso", diz. Enquanto isso, *Black Soul Brothers* é pirateado em CDR e utilizado como base sonora por grupos paulistas de hip-hop para suas performances, o que prova que a música de Miguel de Deus continua atual.

Enquanto seu disco (à esq.) é pirateado, Miguel (acima) garante que tem vários balanços prontinhos para serem gravados

Tony e Frankie

Som colorido e pesado

A dupla mais famosa do movimento Black Rio era, na verdade, de São Paulo – e seu maior sucesso foi um forró. Incluímos 'Vamos Lá Pra Ver' no repertório mais por uma jogada comercial do nosso produtor, Raul Seixas", confessa Frankye. Mas para não deixar dúvidas sobre suas convicções, o duo gravou em seu único álbum uma arrojada mistura de soul, funk, psicodelia e ritmos latinos.

Fortunato Arduim (logo mudado para Frankye por sugestão de seu primeiro parceiro, Terry Winter) e Luís Antonio Bizarro se encontraram pela primeira vez no conjunto Top Five em meados dos anos 60. Na boate Cave conheceram aqueles que iriam introduzir o soul no País. Resolveram se mudar para o Rio em 1968 e logo fizeram um compacto que chamou a atenção de Roberto Carlos. Contratados pela gravadora do rei, gravaram mais um compacto e um LP, *Tony & Frankye*, em 1971, que os consagrou de imediato.

O movimento black começava a ocupar o seu espaço, tanto que a Rede Globo logo se interessou em fazer um programa de TV tendo como apresentadores Tony & Frankye, Tim Maia, Tony Tornado, Os Diagonais e Gerson King Combo. "Éramos tão duros que pedimos um cachê muito alto. Logicamente a Globo recusou e perdemos a chance de ficar realmente famosos", recorda Tony.

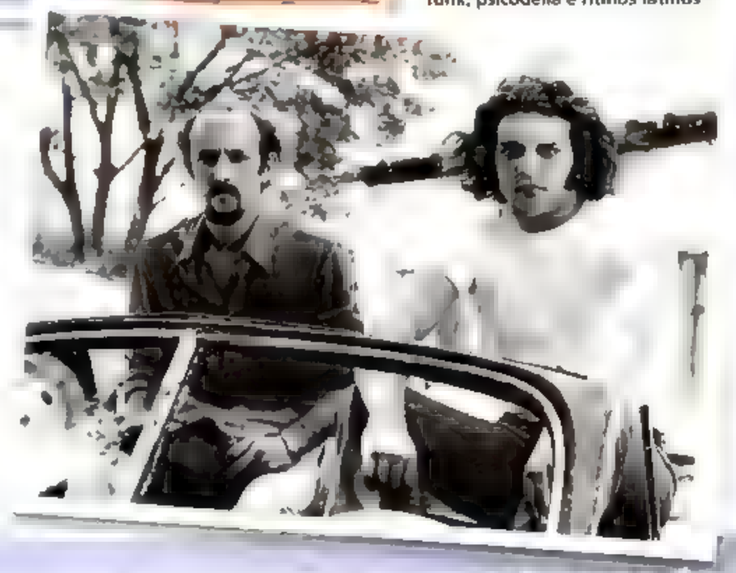
Tony Bizarro trabalhou como produtor e executivo de gravadora até 1977, quando finalmente lançou, contrariando os diretores da gravadora, seu primeiro álbum-solo, *Nesse Inverno*. O sucesso foi tanto que o cantor fazia shows para 20 mil pessoas no Palmeiras. O disco marcou também a primeira reunião da dupla Robson Jorge/Lincoln Olivetti.

Contudo, as obrigações de executivo o afastaram novamente da carreira artística até 1983, quando sua potente voz retornou às paradas com o single "Estou Livre". A boa execução nas rádios e as aparições na TV não foram suficientes para os diretores da gravadora. "Eles queriam que eu entrasse na onda do rock brasileiro. Resolvi, então, me afastar", conta.

Bizarro participou ainda de uma coletânea, *Alma Brasileira*, produzida em 1989 por Frankye, ao lado de Lady Zu, Luís Vagner, Tony Tornado e Paulinho Trompete. No começo dos anos 90, lançou um LP que prefere esquecer e mais uns singles especiais para DJs. "O LP foi mal gravado, mas o single que eu fiz para 'BR-3' (antigo sucesso de Tony Tornado) merecia ser relançado. É o tipo de som que o pessoal faz agora", acredita Tony.

Tony e Frankye se reencontraram há pouco e, como os dois têm experiência em gravadoras, estão organizando uma reunião com os pioneiros do soul brasileiro. São mais de vinte nomes, que vão de Cassiano a Lady Zu, passando por Luís Vagner e Trio Ternura, além de músicas inéditas dos saudosos Tim Maia e Robson Jorge. A dúvida é saber se caberá todo mundo no CD.

Marcelo Ximenes


Arquivo pessoal

Tony e Frankye hoje (à esq.) e na época do disco que levou o nome da dupla: arrojada mistura de soul, funk, psicodelia e ritmos latinos

Mita

Cabeça feita por Jorge Ben

Mita reclama para si parte do pioneirismo do soul brasileiro, mas infelizmente não teve a mesma sorte de seus pares. Injustamente, pois o disco que leva seu nome, de 1977, é um dos exemplos mais depurados da fusão entre soul e música brasileira já feitos. Natural de Bauru (SP), Newton Luís Ferreira (seu nome verdadeiro) foi para o Rio cantar em programas de rádio enquanto sobrevivia como engraxate.

A sorte melhorou no começo dos anos 60, quando ele rodou o circuito de boates cariocas cantando ou tocando bateria para Waldir Calmon, Djalma Ferreira e Erlon Chaves. "Eu estava no conjunto do Ladico em 1963 quando pintou um negulnho que ninguém entendia direito. Era o Jorge Ben e eu fui o primeiro a cantar 'Mas Que Nada'", orgulha-se. Em 1968, Mita cansou-se da vida noturna e virou hippie. Morou na praia e depois no Solar da Fossa, celebre reduto de artistas.

Em 1973, Tim Maia gravou uma composição sua, "A Paz Do Meu Mundo É Você", o que deu respaldo para que Mita trabalhasse para Golden Boys, Simonal, Dafé, Originais do Samba e Agepê. Após alguns singles sem sucesso, ele gravou *Mita* com Helio Delmiro, Márcio Montarrovos, Lincoln Olivetti, Jamil Joanes e Quinteto Temura. A idéia era fazer um disco de soul com instrumentos de samba.

"Ao mesmo tempo que inspirou muita gente, Tim não queria que ninguém atravessasse seu caminho." Assim, por falta de liderança adequada, Mita justifica o insucesso de alguns artistas e a dispersão do movimento black. Discórdias à parte, Mita ganhou em 1989 o Prêmio Sharp por conta da gravação de Tim Maia da sua composição "Cabeça Feita". E, nos anos 90, teve o samba rock "Alô Galera, Onde Anda Vera" muito bem executado e incluído em coletâneas do gênero.

Com 60 anos de idade e 43 de carreira, Mita gravou 14 discos (entre álbuns e compactos) e escreveu mais de 400 músicas. Nada mal para um artista que se diz injustiçado.

Com 60 anos de idade e 43 de carreira, Mita orgulha-se de ter sido o primeiro a cantar "Mas Que Nada", de Jorge Ben

Marcelo Zimarat

Fábio

O cantor de bolero que virou soulman

Apesar de não ser tão lembrado, Juan Zenon Roson, mais conhecido como Fábio, foi um dos pioneiros da soul music brasileira. Vindo da fronteira do Paraguai com o atual Mato Grosso do Sul, Juancito (como ele assinava na época) chegou em São Paulo em 1966 para tentar a sorte como cantor de boleros e músicas latinas. Mas, por intermédio de Aimir Ricardi, teve contato com um personagem que mudou sua vida. "Quando aquele mulato pegou o violão e começou a cantar 'Wonderful World', do Sam Cooke, meu conceito de intérprete mudou radicalmente", recorda. O cantor em questão era o jovem Sebastião Rodrigues Maia, que antes de se transformar em Tim Maia ainda introduzira outros novatos na soul music.

A partir daí, e já com o nome de Fábio, começou a flertar com a black music, gravando com os Fevers em 1967 o compacto "Lindo Sonho Delirante", uma ode ao LSD em ritmo soul. O exigente Tim acabou até incluindo uma composição dele, "Risos", em seu primeiro álbum (de 1970). Fábio lembra do período em que eles moravam juntos: "Tim dormia na sala, num sofá torto. Então, fui viajar por alguns dias e, quando voltei, ele havia escrito "Azul da Cor do Mar" inspirado num quadro com uma mulher nua sobre um fundo azul que ficava no meu quarto".

Ele gravou dois LPs e vários compactos, voltando ao soul em 1978 com "Venha", da novela *Pecado Rasgado*. Em 1979, compôs com Tim Maia os hits "Até Parece Que Foi Sonho" e "Velho Camarada". Recentemente, Fábio participou do tributo *Discoteca do Chacrinha*, além de realizar com Lincoln Olivetti um novo trabalho que pretende negociar com gravadoras. Uma das faixas chama-se "Meu Jovem Amigo", em homenagem ao seu mentor e camarada.

Marcelo Zimarat

O canto de Tim Maia mudou a vida de Fábio, que logo se bandeou para a black mus c

União Black

Um supergrupo com a cara do gueto

Conhecida no meio black carioca como banda de apoio do cantor Gerson King Combo, a União Black teve, na verdade, um histórico próprio. "O Gerson ia ser lançado, mas não tinha banda. Como estávamos na mesma gravadora, fomos chamados para apoiá-lo", lembra Ivan da Rocha o Tiririca, baterista da União Black. "Foi aí que ele conheceu as gírias e o visual do gueto negro".

Um pouco antes, eles haviam sido convocados para ser a Banda Black Rio. "A Polygram estava querendo lançar uma banda no estilo black. Não deu muito certo porque nós éramos muito mais 'soulzeiros', do subúrbio, mesmo", conta o baterista.

Realmente, a refinada mistura samba-funk da Black Rio não caiu bem para aquela turma da Pavuna (subúrbio carioca) acostumada a ouvir James Brown, Wilson Pickett, Mandrill e Kool And The Gang. "A gente usava o visual black power o tempo todo", diz Tiririca, que antes da União Black havia tocado com Tony Tornado e com os Diagonais.

Quando esta última encerrou as atividades, ele formou a África BR com o guitarrista Claúdio "Café", o baixista Luia e os vocalistas Bira e Dom Luiz (que tinha uma equipe de som e fornecia os discos para a turma). Logo, eles se transformaram numa superbanda de dez integrantes e adotaram o nome definitivo. "Em nosso primeiro show, acharam que estávamos usando play-back. O público não estava acostumado com um som ao vivo igual ao escutado nos discos", conta o baterista.

O disco da União Black saiu em 1977 combinando funks energéticos com excelentes faixas instrumentais que caberiam muito bem num disco de acid jazz. Uma das canções, a cômica "Melô do Bobo", foi escrita por Paulo Coelho mas a autoria foi dada a Gerson. "Nosso disco saiu depois do dele. Quando a União Black virou a banda do Gerson resolvemos nos separar", diz Tiririca.

Marcelo Zimarat

Arquivo pessoal

Da esq. para a dir. Luia, Café, Tiririca, Bira e Luis Carlos, integrantes da União Black reunidos novamente (acima); o vocalista Dom Luiz, que emprestava os discos para a turma (à esq.); o famoso disco da banda (abaixo)

O último show foi em São Paulo num baile da Chic Show em 1978, um pouco depois de terem gravado, por outra companhia, aquele que seria o segundo e melhor álbum deles. "Estranhamente, as fitas sumiram", desconfia o baterista. Com a dissolução, metade do grupo se transferiu para São Paulo repartindo palcos de bares com Miguel de Deus. Atualmente, o guitarrista Café toca com a Fat Family.

Alguns integrantes que se reuniram para a entrevista não conseguiram segurar a emoção ao ouvirem uma cópia pirata do disco da União Black. "Nunca havia escutado esse disco. Na época ficamos frustrados com o resultado", diz o vocalista e arranjador Bira, que se prepara para retomar a banda com seus colegas. "Estamos surpresos. O som do álbum continua atual", empolga-se, constatando o que alguns fãs de soul music já sabiam há tempos.

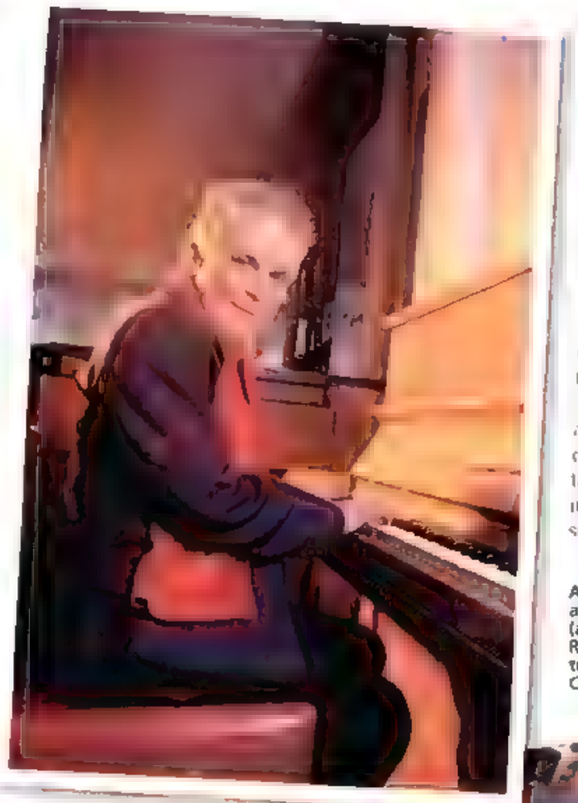
Almir Ricardi

Festa de ritmos chacoalhantes

Embora tenha participado dos primórdios da black music no Brasil, Almir Ricardi só conseguiu se lançar como cantor de funk no começo dos anos 80. Os hits "Pura" e "Festa Funk" fizeram barulho nas rádios e nas pistas de dança da época e estão até hoje entre as preferidas de gente que entende tudo de groove como Thaide & DJ Hum.

Nascido no Rio como Almir Lyrio Pereira, ele foi mais um que teve contato com a soul music por meio do mestre Tim Maia. "Eu o conheci assim que voltou dos Estados Unidos. E, por eu estar sempre com o Erasmo e o Roberto Carlos, comecei a fazer parte daquele grupo deles", revela.

"Eu havia gravado um compacto em São Paulo como Almir Duarte e queria levar o Tião – que era como eu o chamava – para a boate Cave, o lugar onde as coisas aconteciam. Tive de convencê-lo com duas latas de leite condensado." Na época, a boate servia de ponto de encontro para Jorge Ben, Tony & Frankye Kabo, Mutt, Cassiano e Os Diagonais, entre outros chegados num balanço.



Marco A. Scedron

Almir (à esq.) cogita voltar a se apresentar no Brasil; seu disco (abaixo) foi produzido por Robson Jorge e Lincoln Olivetti e trazia participações de Erasmo Carlos e Tony Bizarro

Segundo ele, a primeira vez que Tim Maia apareceu como compositor foi num disco seu, em 1967: "Ele foi meu parceiro na música 'O Durão' antes mesmo de gravar 'These Are The Songs', seu primeiro compacto". Em agradecimento, Tim compôs "Compadre" (presente em seu quarto álbum, de 1973) para ele. O nome artístico definitivo surgiu em 1970, quando gravou, meio descontente, seu primeiro LP, *As Doze Certinhas de Almir Ricardi*, em estilo crooner italiano.

A aproximação com o soul se deu de fato nos anos 70, quando Almir comandou programas de TV nas redes Record e Gazeta, em que mostrava vídeos de Tina Turner e Earth, Wind & Fire e recebia amigos como Erasmo Carlos e Tim Maia. Até que, em 1981, a dançante "Pura" pegou com as equipes de som, que acabaram pedindo mais músicas no estilo. O balanço eletrônico "Festa Funk" veio em seguida e arrebentou nas paradas. Com participações de Erasmo Carlos e Tony Bizarro, o álbum *Festa Funk* (de 1984) foi mais uma produção certeira da dupla Robson Jorge/Lincoln Olivetti. Se o Tim foi o Pelé, Robson foi o Garrincha do soul. Ele tocava de tudo desde pequeno – como para Almir.

Paradoxalmente, o álbum assinalou o fim da época de ouro do soul brasileiro e também o afastamento de Almir Ricardi. "A carreira ia bem, mas por problemas familiares, optei por morar nos Estados Unidos. Assumi que sou americanizado", afirma.

Em 1998, porém, Almir teve uma recaída musical e editou um CD com regravações de "Pura" e "Festa Funk", que tocou bem em algumas rádios dos Estados Unidos e da Austrália. A recepção foi tão boa que ele prepara novo material e cogita voltar a se apresentar no Brasil.

Don Beto

Embalo bom com sotaque

Ao lado de Cassiano, Dafé, Hélio Matheus, Cláudia Telles, Banda Black Rio e Lady Zu, o uruguaio Don Beto fez parte da turma da black music que teve canções incluídas em trilhas de novela. Em 1976, a balada "Pensando Nela" (aquela do refrão com sotaque castelhano "Estarei pensando nèla") despontou para o sucesso a partir da trilha de *Dona Xepa*.

Marcelo Ximenes

Aos 46 anos, o uruguaio prepara-se para lançar dois álbuns (um na Alemanha e outro no Brasil), com sua mistura de ritmos latinos com funk e pop

Ainda como Alberto Lorenzo, chegou ao Brasil com seu grupo musical em 1974, quando tocaram em vários lugares do País. Naquele mesmo ano, enquanto o restante da banda retornava ao Uruguai, Don Beto foi convidado pelo baterista Mário Monteiro, o Picolé (Rita Lee, Hyldon, Almir Ricardi), a gravar uma demo com sua mistura de soul e ritmos latinos.

Levou quase um ano para a fita de "Pensando Nela" cair nas graças dos produtores da Som Livre. Como resultado, a música também estourou no México e na Argentina, ao passo que Don Beto teve outras canções inseridas em *Espelho Mágico* e *Fera Radical*, entre outras novelas.

Em 1978, o LP *Nossa Imaginação* tornou-se uma das primeiras produções bem-sucedidas da dupla Robson Jorge e Lincoln Olivetti, com suas inovações eletrônicas, instrumentação variada e arranjos sofisticados. No mesmo ano, tocou com o grupo étnico Raízes de América e depois, como guitarrista, acompanhou Lenny Andrade, Emílio Santiago, Raul Seixas e o grupo Fruto Proibido da cantora Virgínia (ex-Metrô). Teve mais de 120 músicas gravadas por artistas como as Frenéticas, Cláudia Telles, Dudu França e Pepinha. No final dos anos 80, mudou-se para a Europa, onde ficou tocando por seis anos.

Aos 46 anos, atua como guitarrista da banda da casa Bourbon Street (tradicional espaço de jazz paulistano). Agora, Don Beto está se preparando para lançar dois álbuns, um CD gravado na Alemanha com músicos diversos e outro com distribuição nacional, intitulado *Simplesmente Don Beto*, em que exibe suas experiências musicais, como misturar merengue e guajira (ritmo latino) com funk e pop.

Trio Ternura

Excelência vocal para todos os gostos

Tradição na música negra americana, os grupos vocais tiveram pouca representação no Brasil. O Trio Ternura, dos irmãos Jussara, Jurema e Robson, foi dos poucos a se arriscar nas harmonias vocais da soul music. A aproximação com o estilo foi natural. "Apesar de gostarmos de música americana, nunca houve uma pesquisa", conta Jurema. "Fazíamos um som negro que se aproximava naturalmente daquelas harmonias."

A comparação com a família Corrêa, dos Golden Boys e do Trio Esperança, é inevitável. "A gente gostava muito deles, mas foi coincidência que as duas famílias tivessem grupos vocais", diz Jurema. Mas as semelhanças cessam por aí. Diferentemente dos interesses pop dos Corrêa, os vocais agudos do Trio Ternura pendiam para o soul, como ficou claro em seus primeiros sucessos, "Groovin'" (cover do Young Rascals) e, principalmente, a balada "Nenhum Talvez".

A aproximação com o estilo confirmou-se quando eles acompanharam Tony Tornado em "BR-3" no Festival Internacional da Canção da Rede Globo, em 1970. A canção tirou o primeiro lugar e se tornou, junto com "Primavera" (de Cassiano), um emblema da soul music no Brasil. Em 1975, o grupo tornou-se um quinteto, com a entrada de dois outros irmãos, Leo e José Roberto.

Foi via "BR-3", com Tony Tornado, que o grupo entrou de cabeça na black music

Acompanharam, em shows ou discos, Wilson Simonal, Hyldon, Tim Maia, Lady Zu e gravaram nove compactos e quatro LPs até sua dispersão, no final dos anos 70. Mas ainda seguiram fazendo vocalizações para Sandra de Sá, Sérgio Mendes (quando este ganhou o Grammy nos anos 80), Cazuza, Marisa Monte e Negritude Jr. Hoje em dia, Jussara e Jurema cantam com Elba Ramalho, enquanto Leo grava um álbum-solo. Como se vê, excelência vocal altamente requisitada.

Tim Maia em um [illegible]

Hora de olhar para trás

Após a turnê desplugada, os brasilienses prometem (ameaçam?) meter as guitarras nos amplificadores novamente

por Ricardo Alexandre

Ao privilegiar músicas conhecidas e velhos sucessos em seu disco acústico, o Capital Inicial conseguiu uma regularidade que sempre faltou em sua carreira, marcada por altos e baixos

Depois de encerrar uma confusa sucessão de altos e baixos que marcou toda a sua carreira, o Capital Inicial encontrou foco para seu pop-rock-pós-punk-dançante após a volta de sua formação "original" – Dinho Ouro Preto nos vocais, Loro Jones na guitarra, Fê Lemos na bateria e Flávio Lemos no baixo. Agora, a marca da banda é tão forte que fica indelével até mesmo no manjado formato acústico, com que o quarteto brasiliense flertou, na noite de 21 de março, no pequeno Teatro Mars em São Paulo.

"Quando o Capital Inicial retornou com a formação original, a idéia era comemorar os 15 anos da banda com um disco ao vivo", lembra Dinho. Mas o retorno despretensioso foi tomando ares "sérios", então o grupo optou por um disco de carreira. "Essa onda nostálgica é muito perigosa. Esta é a primeira vez que nós olhamos para trás dizendo 'olha, estes são os nossos hit singles' e, por isso mesmo, é imperativo que nosso próximo disco seja mais um trabalho de inéditas", garante.

O repertório do show privilegiou os grandes sucessos, abrindo como uma serpenteante versão de "Passageiro", seguindo com os hits "O Mundo", "Todas as Noites", "Independência", "Love Desespero" (pós-punk legítimo em versão bastante fiel à original), "Eu Vou Estar" (esta com participação da também brasiliense Zélia Duncan), "Cai a Noite" e "Fogo", além do encerramento com três canções dos tempos de Aborto Elétrico, "Fátima", "Veraneio Vascaína" e "Música Urbana", lançadas originalmente no disco de estréia da banda. Um repertório respeitável, tanto para quem acompanha o grupo desde os anos 80 quanto para os fãs. "Esse disco é meio estratégico porque a gente vê nos shows uma galera nova, que descobriu a banda depois do *Atrás dos Olhos* (1998) mas que tem curiosidade em conhecer nosso passado e nossos quatro primeiros discos estão fora de catálogo", afirma Fê Lemos. "Tanto que resolvemos resgatar, para esse público, algumas músicas que não estávamos mais tocando ao vivo como 'Fogo', 'Love Desespero' e 'Cai a Noite'."

A banda incluiu duas canções inéditas entre os sucessos regravados

Além do rosário de grandes sucessos, a banda resolveu incluir duas canções inéditas, "Natasha Só Quer Dançar" e o hit-imediato "Tudo Que Vai", canção composta por Dado Villa-Lobos e Alvin L para o disco-solo de Tony Platão que acabou "vazando" para o álbum do Capital. Outro forte candidato a sucesso radiofônico da noite foi a cover de "Primeiros Erros", de Kiko Zambianchi, que participou de todo o show tocando violão e fazendo as harmonias vocais – "foi excepcional, aplaudidíssimo", lembra Flávio Lemos. As outra participações especiais foram o produtor Marcelo Sussekind, ex Herva Doce (não eles não tocaram "Amante Profissional"), no violão do percussionista Dem Conceição e do já tradicional tecladista Aislam Gomes.

O *Acústico MTV Capital Inicial* vai ao ar no dia 26 de maio simultaneamente ao lançamento das versões em CD e VHS (e, talvez, em DVD) do programa. As diferentes edições devem comportar músicas que ficaram de fora do CD, como "1999". No geral, o resultado flagra uma banda (finalmente) em paz consigo mesma, segura num clima absolutamente informal, sem orquestra nem naipe de metais. "A idéia original do programa da MTV era mesmo mostrar as canções em um clima despojado, de fogueira, não naquela grandiosidade que virou padrão no Brasil", acredita Flávio. Dinho tenta relativizar. "O formato acústico tem uma série de regrinhas e limitações, então todos acabam soando mais ou menos parecidos, da mesma forma que discos ao vivo, elétricos, soam parecidos", acredita. "Na verdade, o que é certo como a morte é a necessidade que toda banda tem de, em certo momento, olhar para trás e é melhor que façamos isso agora, com as pessoas curiosas sobre o rock de Brasília, pelo rock dos anos 80."

Após o lançamento de *Acústico*, o grupo sai em turnê desplugada. Mas, garantem, depois vo.tam a meter as guitarras nos amplificadores, nada de embicar numa nova fase "adulta". "Aqui no Brasil, não tem ninguém fazendo rock'n'roll aos 50 anos, mas eu quero fazer rock para o resto da vida", afirma Dinho. "F*-se, é o que eu sei fazer. No mundo inteiro rock é coisa de velho, o estilo não pode querer para si esse papel de revolucionário, já existem novas sonoridades para isso. O papel mudou, é outro, igualmente digno."

Adivinha qual é o
segundo esporte mais
praticado no país.

de Surf Profissional
Etapa Praia do Francês-Maceió
De 1 a 4 de junho.

SuperSurf

USINA DO SOM

O maior e melhor evento do surf nacional. Celebrity Session, gente famosa mos

trando que surfa. Beach Girl, escolha da maior gata da praia. Clínica de Surf e muita agitação. Assista aos sábados na Band

Discos independentes, CDs e fitas demo
Envie para: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

No Bojo das novidades

A Brasiléia já pode comemorar sua entrada oficial no mundo virtual, bem longe do bafafá provocado pelos pipocantes portais que surgem a cada dia e dão para lugar nenhum. Sim, nós temos (algum) conteúdo. Quer a prova? A banda **Bojo**, que pôs seu disco disponível exclusivamente na internet, no formato MP3.

O trio, que faz algo como um jazz eletrônico com influências de música brasileira, comemorou, em março, um pequeno grande feito: em apenas um ano, atingiram o surpreendente número de 8 mil downloads de seu e-disco (como chamam). Isso significa que 8 mil pessoas já escutam o trabalho da banda em casa, sem nunca tê-lo ganho ou adquirido "fisicamente". O número torna-se ainda mais impressionante quando se descobre que o Bojo é uma banda independente nacional, que atua no velho esquema divulgação pequena, espaço na mídia menos ainda.

Tudo isso porque, conformados com a máxima brasileira que diz que o que dá grana para o artista são só os shows e não seus CDs vendidos, Maurício Bussab e Lulu Camargo, a Bojo original – que hoje também conta com o baterista Kuki Stolarski – decidiram disponibilizar gratuitamente suas músicas como divulgação.

Formada só por músicos, sendo Kuki e Lulu membros também do Karnak, a banda, segundo Maurício está "inventando a tecnologia necessária para conseguir sua maior pretensão: fazer um som eletrônico que seja vivo, não sequencial. Se as bases estão boas, a gente quer tocar até que elas acabem, naturalmente", diz e dá o exemplo: "O Kuki está tocando a bateria, cada peça da bateria é uma frase da bateria. Em vez de sair só um som, sai uma frase. Então ele está criando uma batida extremamente complicada ali, ao vivo, juntando pedaços diferentes de frases de bateria e isso vira a base pra gente tocar em cima, com timbres de sintetizadores que acabam sendo escolhidos e resolvidos na hora".

Empolgados com o sucesso de seu site/CD, que lhes rendeu o convite para tocar no 20º Festival de Jazz de Montreal, eles já estão até pensando em um novo disco, a ser lançado ao mesmo tempo em CD e via internet, gratuitamente.

A intenção é que as gravações desse disco novo reproduzam o espírito das músicas ao vivo, muito melhores, segundo Maurício. Ao vivo, elas têm mais energia, mais personalidade. Enquanto o novo não sai, é bem simples conseguir o atual: visite o site **www.bojo.net** e faça o download. Ou peça para o seu vizinho hacker fazer.

Adalberto Rabelo Filho

Os "bois maus" do planalto estão prontos para explodir sua casinha

Sopro demolidor

Docinho, o **Bois De Gerião** não vai esperar a quarta onda do ska para começar a surfar o sucesso. Até porque mesmo usando guitarra, baixo, bateria, trompete, sax alto e sax tenor em todas as composições, os rapazes preferem definir seu estilo como "rock com sopros". Formado há seis anos por uma galera que andava de skate pelas superquadras de Brasília, o sexteto atravessa a mais harmoniosa fase, após três demos, participações em coletâneas e várias mudanças na formação – já estão no terceiro vocalista, letrista. Traçam agora um plano mais pop para alavancar o trabalho, sem ter de se isolar em movimentos marítimos passageiros. "Um dos fatores que fizeram com que as bandas da terceira onda do ska não decolassem no Brasil foi a falta de originalidade, gente que pegou a febre, mas não levava com a alma", comenta o baterista Gabriel. Apesar de não negarem as influências de grupos afinados com o ritmo jamaicano (Specials, Selecter, Fishbone e Mighty Mighty Bosstones são os preferidos), os rapazes do Bois De Gerião mostram-se bastante abertos a absorver a latinidade do Mano Negra, as melodias pop dos Beatles e o vigor punk do Dead Kennedys. E é essa disposição que os tira do lugar comum e os transforma em mais que uma promessa.

Contatos: Tel. (61) 914-2310
site: www.nicolau.net/boisdegerião

Paraíba roqueira

A noite em que o apresentador Flávio Cavalcanti quebrou um disco do Caetano De Vênus em seu programa de TV marcou a adolescência de Fábio, vocalista da **Flávio Cavalcanti Na Praia**, que está lançando seu primeiro CD independente. O ódio que o garoto sertanejo foi tanto que, anos depois, homenageou o polêmico comunicador no nome de sua banda. Nativos de João Pessoa (PB), os integrantes da Flávio herdaram a sonoridade de grupos brasileiros dos 80, sendo que a grande paixão confessa do líder Fábio é o Ultraje A Rigor. "O *Nós Vamos Invadir Sua Praia* é perfeito. Rico em texto, sonoridade e atitude", baba. As notícias dão conta de que a cena da Paraíba está crescendo. Fábio exemplifica: "Antes, não pintava uma garota em show de rock. Mas isso começou a mudar com os shows da Flávio. E não é por causa da nossa beleza!" **Contatos: Tels. (83) 9342-2505; e-mail: flavio_cavalcanti@hotmail.com**

Edy, Fábio e Josimar: rock de mulher e macho

Raio-D Um exame nas fitas-demo mais interessantes do mês

Prot(o)

Som: Pop rock
Origem: Brasília, DF
Auto-retrato: "Fazemos rock no seu mais amplo sentido. Temos como referência muita coisa dos clássicos, como Buzzcocks, Clash, Beatles, New Order, Smiths e Who. As letras do Prot(o) dissertam sobre amor e problemas existenciais, mas nada muito Legião Urbana"
Resumo crítico: Carlos Pinduca é o principal compositor e integrante dessa nova e promissora banda da capital nacional. Apesar de ser ex-membro da "skafajeste" Maskavo Roots, o rapaz sabiamente não a emula, optando pelo rock de guitarras. Faltou só incluírem a cover de "Ever Falling In Love", obra-prima do Buzzcocks, que eles geralmente mandam nos shows.
Produção: Muito boa
Contatos: Tel. (61) 242 5854
e-mail: proto_bsb@hotmail.com

Space Rave

Som: Bossa noise
Origem: Porto Alegre, RS
Auto-retrato: "Tudo começou há sete anos, após um estudo sobre *O Mito*, álbum triplo e cifrado de João Gilberto. Todas as bandas nacionais soavam como Sonic Youth, Flaming Lips ou qualquer outra dessas bacanas, mas sem ter estilo próprio. Nos cantávamos em inglês, mas percebemos que estávamos enganando todo mundo, inclusive nós mesmos. Mercury Rev e Lobão são nossas grandes influências no momento".
Resumo crítico: Mesmo tendo sido gravada com várias formações, essa fita dá uma boa amostra do que a Space Rave pretende. Trata-se de uma viagem pessoal, com boas referências e alguma ambição. Para este mês, está prevista uma nova e mais coesa demo.
Produção: Boa
Contatos: Tel. (51) 223-5396

Schirmer

Som: Pop rock
Origem: Brasília, DF
Auto-retrato: "Fazemos um pop rock sincero, mais rock do que pop. Inegavelmente, nossa maior influência é Legião Urbana. Das bandas de fora, dá pra dizer que temos grande apreço por Red House Painters, Neil Young e Grant Lee Buffalo. Renato Russo e Carlos Drummond de Andrade são grandes fontes de inspiração para as letras".
Resumo crítico: *Sedutora* é a primeira demo oficial do Schirmer, mais um projeto do produtor musical multimídia Zé Pedro Gollo, ex-tecladista da Divine. Vários convidados da cena underground pintam na demo. Um deles é Omar Godoy (Six Degrees), que empresta sua voz a "Tesoura Do Desejo".
Produção: Muito boa
Contatos: Tel. (61) 349-2228
e-mail: zepedrogollo@hotmail.com

Fotos: Reprodução

Palanque supersônico

Notas de ⓪ a ⑩ dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

Música e política embaralham-se no manifesto do **Asian Dub Foundation**

ASIAN DUB FOUNDATION
Community Music ⑨
London/WEA

Continuando a tradição de integrar os problemas da sua época à música (que tem entre seus maiores expoentes grupos como MC 5 e The Clash), o Asian Dub Foundation é a banda politicamente mais engajada da Inglaterra, patrocinando causas que variam de libertação de presos políticos à ADF Education, programa de aulas de educação musical que seus integrantes da banda dão na periferia londrina e que já rendeu pelo menos uma grande revelação, o grupo Invasian, que está excursionando com o Primal Scream. Como se tudo isso já não bastasse para todos respeitarem seu trabalho, o Asian Dub Foundation ainda acaba de lançar seu melhor disco, *Community Music*.

Ilustração: Wellington Galvão

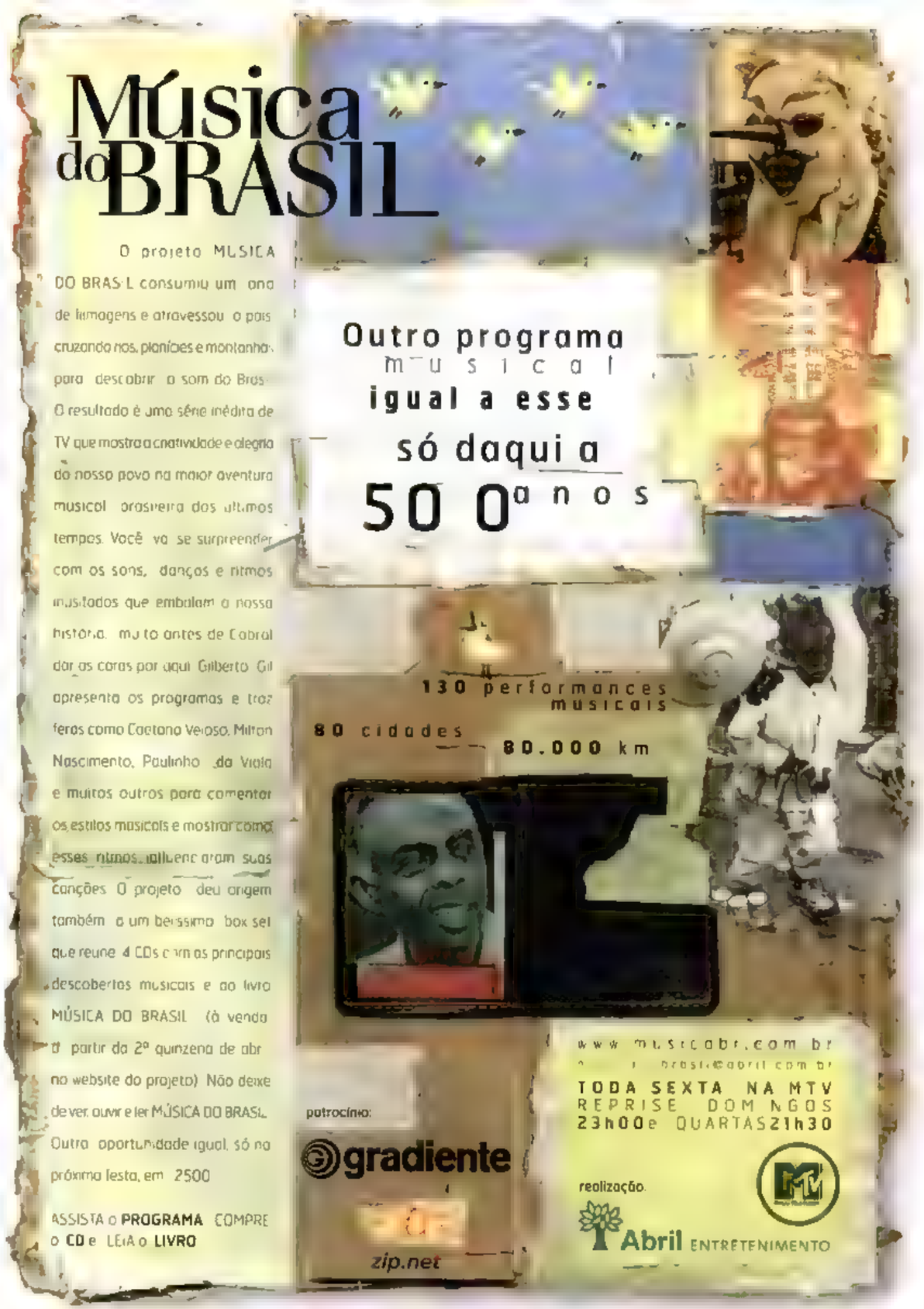
Impregnado de política (inicialmente, o título, *Musica Comunitária*, foi barrado pela gravadora, que queria algo menos "polêmico"), o álbum traz um verdadeiro caldeirão musical, onde os principais ingredientes são bhangra, dub, drum'n'bass, trip-hop e o bom e velho rock de guitarras pesadas e letras contestadoras.

É daqueles discos que são melhor aproveitados por quem tem algum conhecimento da língua de Shakespeare. Com letras que mais lembram manifestos, o disco abre com "Real Great Britain", uma crítica contundente à política do governo atual. "Officer XX" chega climática e angustiante, enquanto "New Way New Life" é a preferida da banda nos shows, com seu riff que gruda nos ouvidos. "Collective Mode", "Crash" e "Colour Line" priorizam o bom e velho dub, uma das marcas registrada do grupo, carregado pelo supercompetente baixo de Dr. Das.

Lançada originalmente na coletânea *Star Rise* (Real World), "Taa Deem" traz a reconstrução da música de mesmo nome de Nusrat Fateh Ali Khan, que nas mãos da banda virou um dub/drum n' bass matador. "The Judgement" começa com uma guitarra flamenca até virar um dos dubs mais pesados do disco.

Regravação de uma faixa de seu primeiro disco, "Rebel Warrior" mostra a evolução da banda, que conseguiu fazer uma boa música ficar ainda melhor cinco anos depois de seu lançamento original. "Truth Hides" é a faixa mais comercial, um trip-hop que não faria feio em nenhum disco do Massive Attack. Nunca política e música tiveram um casamento tão feliz como nesse *Community Music*.

Luciano Vianna



JUNGLE BROTHERS
V.I.P. (7)
GeeStreet/V2 IMPORTADO

Fusão de hip-hop com eletrônica fica na promessa

Desde 1988, os Jungle Brothers apresentam novas propostas para turbinar o rap. Naquele ano, seu disco de estréia (*Straight Out The Jungle*) ajudou a consolidar o movimento Native Tongues, a turma do hip-hop nova-iorquino que apostava em mensagens positivas, como De La Soul e A Tribe Called Quest. De lá para cá a dupla já bebeu do jazz e, com maior barulho, da eletrônica. Ficaram famosos o remix house de Todd Terry para "I'll House You" e o drum'n'bass que o DJ Aphrodite imprimiu em "Jungle Brother", de 1997. *V.I.P.* surge como a mais ambiciosa aventura de Afrika e Mike G no terreno techno, produzido por Alex Gifford do Propellerheads (leia-se big beat). Mas a expectativa de um embate entre hip-hop e eletrônico é frustrada pela fraca dez do produtor. Nas poucas vezes em que essa mão aparece, o resultado não comove. No mais, é rap impecável – "I Remember" Down With Jibez" e a candidata a hit "Freaxin' You" –, se bem que não era exatamente isso que os Jungle Brothers pretendiam com esse disco. O que eles queriam está no já citado remix de Aphrodite, que a dupla teve a manha de incluir neste álbum.

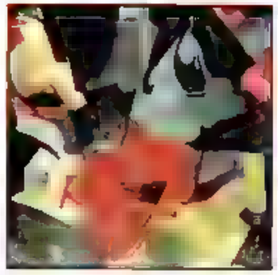
Emerson Gasperin

PATTI SMITH
Gung-Ho (8)
Giant/BMG

Canções militantes com convicção e vigor inauditos

Patti Smith é das poucas personalidades do mundo pop que ainda pode pronunciar a palavra "revolução" sem cair no ridículo. Em *Gung Ho*, ela fala bastante sobre tal assunto – e o bacana é que faz sentido. Com uma sonoridade básica sem frescuras, que faz lembrar o melhor da geração nova-iorquina do fim dos anos 70 (Television, Blondie), ela revista velhos temas caros ao rock, sem saudosismo. Pelo contrário: o que é surpreendente em canções como "Glitter In Their Eyes", "Strange Messengers" ou mesmo na longa faixa-título, é a capacidade de fazer o que parece ser a coisa mais velha do mundo hoje em dia: canções militantes com baixo, guitarra e bateria – com convicção e vigor inauditos. Digamos que é preciso perito para, em pleno ano 2000, compor uma música que conclama a "mais uma revolução" ("Gung-Ho") ou escrever uma letra como "Strange Messengers", em que ela assume o ponto de vista de um escravo e canta "We Will Be Heard". E, de quebra, Patti, aos 54 anos, está com a voz timbrada profunda, clara e precisa.

Bia Abramo



OLIVIA TREMOR CONTROL
Black Foliage (8)
Roadrunner

Malucos da terra do R.E.M. gravam mundo dos sonhos

Estes são os malucos de Athens, Geórgia (a mesma cidade do R.E.M.), que gravam todos seus sons e instrumentos esquisitos em quatro e oito canais e que convidam os fãs a enviar roteiros de sonhos para que eles componham faixas personalizadas. Há referências sonoras (Syd Barrett, Mutantes, Soft Machine, Beatles, Sonic Youth, Beach Boys), mas isso não é o ponto. Aliás, isso é o menos importante. Como o ouvinte de *Black Foliage* poderá notar, o assunto aqui é "sonho". Pequenos fragmentos de sonhos, confusos, cheios de altos e baixos – como uma longa noite de sono com o estômago cheio de lasanha. Ora a música é um ruído colorido como a marcha-folk "Holdeway" ou a polaróide-loop "Hilltop Procession", ora é uma avalanche de ruídos – como em "Bank And Below It" – que soa como se os pequenos personagens de seus pesadelos surgissem embaixo de seu cobertor e lhe fizessem cócegas. As 27 canções vão se alternando loucamente sem centro tonal muito definido, em que riffs e efeitos surgem aqui são suprimidos acolá e reaparecem, sorrateiramente, onde não deveriam estar feito personagens assassinos brincando de esconder no meio de algum lugar que você não conhece bem, mas que guarda semelhança com cantos escuros do seu cérebro. Que *Black Foliage* não é um disco de música normal, isso lá é verdade. Mas ninguém é muito normal no mundo dos sonhos.

Ricardo Alexandre

O gênio está no vermelho

LOU REED
Ecstasy (9)
WEA

Já imaginou o quanto seria ridículo o maior apóstolo do formato duas guitarras-baixo-bateria embarcando numa viagem puro êxtase? Calma, calma, passou, passou... Dessa droga Lou Reed não experimentou. Tirando um violoncelo aqui, uns metais ali, os arranjos seguem o molde roqueiro habitual. Aliás, a mixagem, os timbres das guitarras e do baixo do sempre exuberante Fernando Saunders, está tudo impecável, beirando a perfeição. (Palmas para Mike Rathke, guitarrista e fiel escudeiro, co-produtor do álbum.) Mas há algo de errado quando a melhor coisa de um disco de Lou Reed é a qualidade técnica. As letras, mordazes, espetam a combalida instituição do casamento e falam de sexo gay, prostituição e tédio doméstico. Ou seja, nada de novo no universo do ex-líder do Velvet Underground. À exceção de "Future Farmers Of America", um rock incendiário, os melhores momentos do disco estão mais para a placidez de um chill-out: as graciosas "Tatters" (candidata a clássica), "Baton Rouge" e "Turning Time Around". Quando tropeça, porém, Lou cai em níveis abissais e quase anula as boas impressões. "Mad", por exemplo, soa como uma bicha velha tendo ataque de pelanca ("isso me deixa maluco!", repetido vinte vezes); "Like A Possum" são 18 minutos de tédio, ruído e pretensão. Resumindo: não dá para escutar o disco sem pular faixas. Não é nada, não é nada, *New York*, último grande disco de Lou Reed, saiu há longínquos 11 anos. O gênio está devendo...

Pedro Sá

Lou Reed: há tempo sem um grande disco

"Crasse" A

RATOS DE PORÃO
Só Crássicos
RDS (7)

João, Boca e Gordo: quase 20 anos de punk

Uma coletânea com 16 "crássicos" do Ratos De Porão escolhidos a dedo? Demorou! Qual seria a melhor trilha sonora para acompanhar a trajetória caótica de João Gordo, o eterno maldito do underground, de revolucionário e "traidô" do movimento a *starlet* da TV? Agora, o séquito de novos fãs movidos a ondas eletromagnéticas propagadas pela MTV pode conhecer o trabalho do seu ídolo, além de chafurdar em seus problemas pessoais nas revistas de fofocas. *Só Crássicos* é como o nome diz. As datadas "Crucificados Pelo Sistema" e "FMI", porradas seminais ensaiadas em algum buraco de Pirituba (bairro de São Paulo) e registradas toscamente no primeiro álbum da banda, misturam-se a estupros auriculares mais recentes da fase *Carniceria Tropical*, como "Crocodilia" e "Bad Cake". Esta última talvez seja a razão de existir a banda Fantomas, de Mike Patton (ex-Faith No More), que é homenageado por suas videopreferências escatológicas em "Vídeo Macumba", "Beber Até Morrer", "Juventude Perdida", "AIDS, Pop, Repressão" e "Crise Geral", hinos do underground, também foram lembradas, bem como "Plano Furado II", "Velhus Decréptus" e "Suposicollor", que funcionam como aulas-relâmpago de História do Brasil contemporâneo. Vale ressaltar, ainda, que *Só Crássicos* registra quase 20 anos de um dos grupos mais resistentes do cenário brasileiro, em atividade desde 1981. Tempos áureos em que João Gordo ainda cabia no palco do Madame Satã.

Renato Yada

Polícia para quem precisa

VÁRIOS

The Very Best Of Reggatta Mondatta ③
Outlandos D'Americas ⑧
Universal

Disco-tributo é, por definição, um balaio-de-gatos onde o único homenageado é o diretor da gravadora, que fatura uns trocos combinando um repertório consagrado pelo tempo com artistas consagrados pelo mercado. *The Very Best Of Reggatta Mondatta* é irritantemente repleto daqueles jovens regueiros que praticam a "moderna" mistura do ritmo de Jah com funk-melody, digna de festa em coberturas de publicitários. Já *Outlandos D'America* é outra história. Desde a ótima idéia de unir a latinada em torno do repertório do Police até a ótima capa, o disco diverte e assombra pela qualidade. O requebro maneiríssimo do King Changó com "Venezuelan in New York" e Los Pericos, com "Oscuridad", dão de goleada. O azar dos *hermanos* é que o Skank passa feito um trator com "Estare Prendido Em Tus Dedos", um inacreditável amasso de *latinidad*, ska sem rango, potência rock e percussão desnorteante (a cargo do Uakti). Foi o sucesso desta música que forçou a Universal a lançar o disco por aqui, com dois anos de atraso.
Ricardo Alexandre

THE WHO

BBC Sessions ⑨
Polydor/Universal

Assalto sonoro de uma banda clássica do rock

Seu líder e principal compositor – o guitarrista Pete Townshend – traduziu perfeitamente a angústia e a rebeldia juvenil em canções afiadas nas quais o riff soprou extrato (acompanhado de movimentos manuais e sacolejos incríveis, quando não destruindo a própria guitarra) já expressavam o genuíno espírito do rock'n'roll. Como se não bastasse, atrás dele estava Keith Moon, talvez o baterista mais alucinado do pop, tanto por suas performances demolidoras (ou lembra de algum raro detonar literalmente seu kit) como pelo modo de vida bandido. Servindo de âncora, a segurança do baixista John Entwistle e a voz potente de Roger Daltrey davam o toque final. Enfim, um dos quartetos mais importantes do rock. Por isso, é impressionante este registro, que capta o Who tocando na principal emissora britânica. Entre os inéditos para rádio criados em cima de "My Generation" e "Bons The Spider" (que abrem e encerram o disco) o que se escuta é pura energia. "Anyway, Anyhow, Anywhere", "Substitute" (em duas versões), "I'm A Boy" (na qual Moon lota um show à parte), "The Seeker", "Long Live Rock". De quebra, ainda há versões inéditas para clássicos do soul como "Dancing In The Streets", "Leaving Here" e "Just You And Me, Darling".
Celso Pucci

BIQUÍNI CAVADÃO

Escuta Aqui ⑧
BMG

Cariocas conseguiram o som que perseguem há 15 anos

Dez faixas de versões pegajosas, um punhado de acordes de guitarra cortantes e uma bela poça de suor no chão do estúdio. Desdobrar a fórmula em palavras é pura preguiça. Fazer uma audição das 15 vezes por disco da carreira do Biquíni Cavadão dá uma canseira nos dedos. Mas um disco inteiro no ponto? Após 15 anos de carreira, o Biquíni Cavadão fez a mágica. *Escuta Aqui* tem tudo para levar o grupo muito além das fronteiras. Jorge de Altinho e companhia sempre se esmeraram em perseguir o seu pedaço ao longo da (bem) elogiada carreira, com simplicidade, semelhança e coerência. Como é o primeiro trabalho da banda produzido integralmente pelo inglês Paul Ralphes (*Siderado*, do Skank), vai haver quem lhe dê os parabéns. Ele merece. A guitarra de Coelho nunca esteve tão afiada, a massa sonora que vem de trás ganhou uma consistência inédita. Mas é preciso ser muito cego para não elogiar a banda da hora a graça de faixas como Problema, tudo leva o maior jeito de soar igualzinho ao bom sertanejo violão. Nas letras, pode haver mais transparência de propósitos do que sacadas geniais – a que as rendem vem de doações externas (Você Existe Em Sua Música, Pureza Carvalho, e "Pra Ter Você", inédita de Herbert Vianna). Mas quer saber? O ouvido, esse sátiro, não reclama não.
Jaime Biaggio

THERAPY?

Suicide Pact - You First ⑥
Universal

Sem frescura, irlandeses mantêm o clima soturno

Em 1994, com o aclamado álbum *TroubleGum* – fusão hipnotizante entre punk gótico de Joy Division com o metal vigoroso do Motörhead –, os irlandeses do Therapy? experimentaram seus 15 minutos de fama. Seis anos e dois discos mais tarde, a banda passou de grande aposta da mídia para o esquecimento do fama-extinguir. Nesse saltimo álbum, o Therapy? soa mais pesado e direto (entenda por heavy metal) e mal toca o clima soturno e sem frescura de sempre. O vocalista Andy Cairns continua cuspindo suas letras e postura sinistra, submete sua voz a várias facetas, fazendo-se, às vezes, de um Iggy Pop em Ten Year Plan, um Tom Waits amargo em 'God Knows' e evocando o caos na melhor faixa, escondida no final do CD.
Marco Bezzi

VÁRIOS

Heavy Metal FAKK 2 ⑥
BMG

Pouco som e muita pose para embalar projeto óbvio

A proposta é um tanto óbvia, mas pudera: lançar um filme do desenho *Heavy Metal – Universo em Fantasia II*. Mas a escolha dos artistas e/ou das faixas mostra-se equivocada. MDFMK (sim, as letras estão invertidas) e Billy Idol não fazem ninguém bater cabeça. Nota mais baixa ainda para os pseudogangsta-pseudo-rappers do Insane Clown Posse ("Dirt Ball") e para o pretensioso Days Of The New ("Touch Day"). Bem melhores são o thrash-comédia System Of A Down com a curta pornada "Storages", o Monster Magnet ("Silver Future") e o Machine Head ("Acholocaust"), mas nada para salvar o disco.
Bernardo Araujo

ICE T

7th Deadly Sin ④
Colúmbia/Roadrunner

Pouca coisa aproveitável no sétimo álbum do multimídia

Ice T e Will Smith de mau humor. Ambos iniciaram no rap, migraram para o cinema e hoje fazem da música mais um canal para seu talento multimídia. Em seu sétimo disco, salvam-se apenas os clamas de "NY, NY" e "Fuck It" e os timbres velha-guarda de Eve Of The Storm e "God Forgive Me". O resto é uma sensualidade sacal, reforçada pelo teclado sombrio em quase todas as faixas – mas aí toda a diferença. enquanto Smith chupa de Queen a Sister Sledge para lotar as pistas, Ice T anda fugindo com o papo de gangsta. O resultado a gente já sabia: um ótimo protagonista bem comportado só mais a dois. Eve está mais do outro lado, faz papéis de coadjuvante (foi mandado embora de uma grande gravadora. Ok, Ice T também não pode ser chamado de pobre. Mas terá de examinar a próstata antes de Smith. Questão de opção.
Emerson Gasperin

Quase lá

HANSON

This Time Around ⑥
Island/Universal

O que formou musicalmente Zac, Taylor e Isaac foi o bom e velho rhythm & blues que eles destrinchavam na discoteca dos pais. Por isso, o Hanson é uma banda retrô e só deixa de ser quando scratches invadem suas composições. Graças à influência de pilares da música americana, os meninos desenvolveram apreço por belas melodias pop, mas ainda falta sanar a ingenuidade romântica de suas letras. *This Time Around* abre com o soul de "You Never Know" e mostra o Hanson afinado com a latinidade que Santana consagrou. Com John Popper, do Blues Traveler, soprando uma irresistível gaitinha, "If Only" tem o frescor de "Mmm Bop", chiclete de fazer bola. A música título, escolhida para primeiro single, entrega que os garotos andam ouvindo muito Black Crowes, mas que, diferentemente dos roqueiros dos novos tempos (aqueles que acham Charlie Brown Jr. radical, pensam que "Alive" do Pearl Jam é uma porrada e têm o Metallica como uma banda animal), devem conhecer também Small Faces. Um dos pontos altos do disco, o rock emocionado "Runaway Run" faz a ponte entre duas bandas americanas tão bacanas quanto menosprezadas: Soul Asylum e Gin Blossoms. De todas as experiências com coral gospel, "Dying To Be Alive", de refrão pungente, é a que logra maior sucesso. Mas o ápice de *This Time Around* se dá na perfeita "Can't Stop", que se destaca pela excelência pop (sentida quando você escuta uma canção e tem vontade de ouvi-la mais quinhentas vezes). A produção ficou a cargo de Stephen Lironi (Black Grape), só que, no início, esse disco teve as mãos do mago dos sintetizadores Ric Ocasek, produtor de Weezer, Nada Surf e Guided By Voices. O ex-Cars não foi até o fim com o trio, mas certamente plantou sua sementinha, tamanha é a qualidade dos órgãos gravados no álbum.
José Flávio Júnior

Alternativos & matadores

PAVEMENT
Wowee Zowee (9)
Brighten The Corners (7)

SOLEX
Solex Vs. The Hitmeister (8)
Pick Up (8)

CORNELIUS
Fantasma (10)
CM (8)
FM (7)
Matador/Trama

Mesmo com todo acervo da melhor gravadora independente americana na mão desde o final do ano passado, a Trama só havia lançado três CDs da Matador no Brasil. Prometia atualizar todo o catálogo da gravadora no País, mas neste ritmo ia demorar um bom tempo. Agilizando as coisas, despejam um pacote de discos para acelerar o processo. No bolo, alguns dos melhores petiscos da gravadora dos últimos cinco anos. O mais antigo do pacote, o ótimo *Wowee Zowee* (1995), dos americanos do Pavement, é o disco que rachou os fãs da banda. Aos poucos abandonando o *lo-fi* (som que não preza pela produção), o grupo dá uma banana para a controvérsia e desfila seu mais variado leque de canções, num disco que ainda não teve seu brilho reconhecido. O álbum seguinte – *Brighten The Corners*, de 1997 – conforma-se com o rock e é o disco mais pop da banda. A ótima Elizabeth Esselink vem com suas duas odes ao pop torto: *Solex Vs. The Hitmeister* (1998) usa apenas samples de álbuns encalhados em sua loja de discos em Amsterdã e o recente *Pick Up* (1999) usa trechos de shows pirateados pela cantora e guitarrista. Cornelius – na verdade, o japonês Keigo Oyamada – abraçou a grandiloquência com o ótimo *Fantasma*, de 1998, no qual trata My Bloody Valentine, Clash, Beatles e o *Planetas Dos Macacos* como um Brian Wilson (Beach Boys) com um sampler e 128 canais. No embalo, ele celebra o formato remix nos discos *CM* (remixando) e *FM* (remixado), ao lado de nomes como Damon Albarn (do Blur), U.N.K.L.E., Coldcut e Money Mark. Para o começo, está bom. Que venham agora os discos do Mogwai, Red Snapper, Demolition Doll Rods, Guided by Voices, Arab Strap, Bardo Pond, Nightmares on Wax

Alexandre Matias

FU MANCHU
King Of The Road (7)
Mammoth · IMPORTADO

Hard rock chapado e retro sem pausa para pit stop

O reconhecimento que a banda Fu Manchu atinge após dez anos de carreira é bastante sintomático. Se estivéssemos na década de 70 na era de Sabbath e Zeppelin, esses californianos provavelmente passariam despercebidos ou ficariam restritos a meia dúzia de fãs do gênero. No cenário atual, em que bandas de rock pesado beiram o ridículo tentando se aproximar do hip-hop, o Fu Manchu transforma se num básis roqueiro e tem livre acesso em mundos distintos, como o Planeta Metal e o Planeta Alternativo. Paralelamente com o Kyuss, o grupo d.fund.u uma vertente que convencionou-se chamar de *stoner rock*, que nada mais é do que uma interpretação do tradicional heavy metal. O Fu Manchu pode não fazer o trabalho com a perfeição do Queens Of The Stone Age (que surgiu das cinzas do Kyuss), mas não é apenas um nome para engrossar a lista do *stoner rock* (iniciados devem tentar álbuns de representantes mais obscuros, como Unida e Goatsnake). É salutar dizer que nos cinco discos lançados pelo quarteto só existem músicas sobre carros, velocidade e estrada. Nunca existiu banda tão conceitual. Em *King Of The Road*, os títulos das músicas já entregam: "Hell On Wheels", "Boogie Van", "Drive" e por aí vai. O álbum agrada até visualmente, com soberba arte gráfica. Quem pegar um atalho até a última faixa ganha uma versão matadora de "Freedom Of Choice", do Devo

José Flávio Júnior

Eletrônica tropical

P18
Urban Cuban
Higher Octave · IMPORTADO

Primeiro veio o vocalista Manu Chao, com a colcha de ritmos do imperdível álbum *Clandestino*, de 1998, lançado recentemente no País. Agora, outro ex-integrante do Mano Negra assalta o universo pop com um disco esbanjando criatividade. É o tecladista Thomas Darnal, cabeça do P18 - um bando de malucos reunidos em um estúdio no 18º arrondissement (distrito) de Paris, daí o nome. Aqui, ele atualiza o punk "étnico" de seu ex-grupo com um estilo descrito como *electrópica* (eletrônica tropical), mas continua querendo falar com todo mundo, seja em espanhol, francês ou inglês. O encarte mata a charada: em uma página, a palavra "urban" sobre a imagem de um DJ. Na seguinte, "cuban" e um percussionista. No som, a combinação se traduz com o instrumental que batiza e abre o disco: tambores, eletrônica, metais e cadência latina. O conceito segue em "Kid Chocolate", que equilibra a vibração com drum'n'bass, e em "Oye Mulata", outra levada monstruosa, movida a batidas sintéticas, percussão e gravidade. Emenda em "Yayabo", enriquecida com metais e vocal feminino, característica que soma-se ao reggae envenenado de "Light And Fire". Mais reggae enraizado do bom ("La Verdolaga"), batucada de macumba ("Yemaya") e pop latino ("Somos El Futuro", com sample de discurso de Che Guevara) completam a pa,elança. Musica de e para todo o mundo.

Emerson Gasperin

VÁRIOS
Corra, Lola, Corra (7)
X Filme/Building

Trilha venenosa para deixar rolando na festa

De uns tempos para cá o cinema descobriu que a música eletrônica dá grandes trilhas. Só que a maioria destas ainda são coletâneas de canções já existentes de grandes nomes do gênero e que são colocadas no filme para dar uma cara contemporânea ao pacote. Iniciativas como esta aqui são bem mais interessantes: a trilha de *Corra, Lola, Corra* foi composta especialmente para o filme. No caso, não é só a trilha que é techno, mas o filme também (sim, existem filmes techno, *Matrix*, por exemplo). Quer dizer, ele é acelerado, oferece diferentes variações em cima de um tema básico e é futurista. Pode não ser um clássico, mas possui momentos muito divertidos. Além disso, a história toda vem da Alemanha, o que significa uma boa chance desse pessoal saber o que está fazendo. E a trilha é venenosa mesmo, do tipo de som que dá para deixar rolando numa festa tranquilamente. Tem faixas mais funkeadas, outras mais barulhentas e outras ainda mais viajandonas. Franka Potente, a Lola do filme, mostra seus dotes de DJ em alguns temas (e não faz feio, não), mas a maioria das músicas é de autoria de Tom Tykwer, Johnny Klimek e Reinhold Heil, meio que desconhecidos do mundo eletrônico - o que, pelo trabalho mostrado nesta trilha, trata-se de uma injustiça. Para os especialistas, vale saber que há um remix do Sun Electric no disco, uma dupla que trabalhou com The Orb e que andava sumida faz tempo.

Camilo Rocha

PANTERA
Reinventing The Steel (8)
WEA

Finalmente, Phil Anselmo toma vergonha na cara

O Pantera sempre atuou em uma fronteira ingrata: não era macho o suficiente para assumir o death metal e ao mesmo tempo não era bobola o bastante para pôr melodia nas canções e virar uma ilha de metal tradicional no meio das tendências todas. Toda essa insegurança (além dos boatos sobre as preferências sexuais do vocalista Phil Anselmo) pode ter vindo antes do contrato com uma grande gravadora, quando os rapazes maquiavam-se mais do que o Poison, a Cher e o Rubens Ewald Filho somados. Então os neomachões ficavam naquilo: bons riffs, ótima bateria, muitos berros guturais (e *chaturais*) e aquela batida com medo de ser funkeada no pára-começa, pára-começa... Pois bem, o Pantera começou a tomar vergonha na cara. Finalmente, Phil Anselmo está cantando como em "Yesterday Don't Mean Shit" e "Revolution Is My Name" (que lembra o Anthrax dos anos 80, pesada e com refrão grudento). As estrelas do disco são, como sempre, os dois irmãos: o guitarrista Dimebag Darrell varia as palhetadas como uma serra elétrica, inventa boas harmonias, sola no lom e fora dele, faz o diabo. Já Vinnie Paul é quase um baterista progressivo, alternando sutileza e cavalice, levadas complicadas e retes. Destaque ainda para a porradaça "Goddam Electric" com solo de Kerry King, do Slayer, "It Makes Them Disappear", com direito a deadhado com som setentista, e "We'll Grind That Axe For A Long Time"

Bernardo Araujo

Caipira era sua avó

JOSH ROUSE
Home (9)
Ryko/Trama

LAMBCHOP
Nixon (9)
City Slang - IMPORTADO

16 HORSEPOWER
Secret South (6)
Glitterhouse - IMPORTADO

SMOG
Dongs of Sevotion (7)

WILL OLDHAM
Guarapero/Lost Blues Vol. 2 (8)
Domino
IMPORTADO

No começo dos anos 90, enquanto o resto do mundo era engolido pela onda do grunge, um grupo de garotos americanos deixava o peso das guitarras de lado para se aprofundar nas raízes da música country. Bandas como Palace, Lambchop e Smog misturavam o tradicionalismo do gênero com uma sonoridade moderna, criando um novo tipo de música, que a imprensa americana convencionou chamar de *alt-country*. Há alguns anos esse estilo está se espalhando cada vez mais pelo mundo, primeiro na Europa e agora até mesmo no Brasil, com o lançamento de *Home*, o segundo álbum do garotão de Nashville Josh Rouse, pela Trama. Fugindo um pouco do *alt-country* mais tradicional e com grandes influências de Wilco e Elliott Smith, Josh criou um dos discos mais gostosos de se ouvir este ano, com melodias pop grudentas e letras profundas, principalmente em músicas como "Marvin Gaye" e "Hey Porcupine".

Outro grupo que cada vez mais foge do *alt-country* de raiz mais tradicional é o Lambchop. *Nixon* é o sexto disco da banda liderada por Kurt Wagner (que no ano passado lançou o excelente miniálbum *Chester*, com Josh Rouse) e que é um dos principais expoentes do estilo no mundo. Misturando Burt Bacarach com Carpenters, os 14 (!) integrantes do Lambchop criaram uma obra-prima repleta de delicadeza melódica. Por falar em belas canções, o Smog (alter ego de Bill Callahan) também faz bonito em *Dongs Of Sevotion*. Apesar de não manter o mesmo pique dos dois excelentes álbuns anteriores (*Red Apple Falls* e *Knock Knock*), fica claro que esse é um disco de transição na carreira de Callahan, outro que também está abraçando um contexto mais universal na produção de suas músicas. Já quem parece que nunca vai fazer isso é o genial Will Oldham. Seja em seus grupos (Palace, Palace Music e Palace Brothers), em seu alter ego (Bonnie "Prince" Billy, responsável por um dos cinco melhores discos lançados em 1999) ou em seus trabalhos-solo, Oldham é o mestre maior do *alt-country* tradicional, daqueles de ouvir em casa, com voz desafinada, triste e com letras sombrias falando de decepções e morte. *Guarapero/Lost Blues Vol. 2* é uma compilação de canções antigas de Oldham, dando ênfase a músicas raras, out-takes e ao vivo. Depois do deprê de Will Oldham, é a vez da energia do 16 Horsepower, que em *Secret South* retoma a pegada mais roqueira do estilo com um disco mediano, sem chegar aos pés da força de seus discos anteriores. Quem disse que música country é chata?

Luciano Vianna

LUCAS SANTTANA
EletroBenDodó (7)
Natasha

Baiano sobra na turma que está renovando a MPB

Suspensa pela chamada linha evolutiva pela banda larga da eletrônica, uma nova MPB se equilibra feito trapezista. Pena que essa vasta distância que vai de Lenine a Otto, grande parte dos saltos e metade do gás de cena. Nessa turma, o baiano Lucas Santana está sobrando. De todas as óbras dispostas a plugar a tradição brasileira a uma "internacionalidade popular" (expressão do próprio Lucas, sua estreia é a que mais avança musicalmente, fundamentando-se num bom quarteto de ritmos. Voz pequena, por vezes tímida, Lucas amarra tudo com um violão que "gira a Deus, finalmente" honra a escola de Jorge Ben. Mas o Gal dos anos 70 é a verdadeira entidade Brown do disco. E Lucas, inteligentemente, costura uma versão *pão gilbertiana* de "Mensagem de Amor" dos Paralamas. O preço é o excesso de referências (com Wim Wenders e Peter Greenaway) grifados incorretamente no encarte, sobretudo nas letras que forçam um caráter de "manifesto cultural". Com o talento que possui, Lucas pode deixar esses truques para os outros.

Pedro Só

FISHBONE (8)
Psychotic Friends Nuttwerx
Hollywood Records - IMPORTADO

Malucos voltam com vários brothers, mas sem ousadia

Se Santana pode, por que não o Fishbone? A banda americana responsável por manter o ska respirando entre a segunda e a terceira onda tenta iniciativa semelhante à do guitarrista chileno para voltar ao circuito. Angelo Moore, Norwood Fisher e Walter Kibby II, remanescentes da formação original, contaram com a simpatia de artistas como Flea, Gwen Stefani, George Clinton e Perry Farrell nesse esforço. O resultado ficou bem aquém do número de pessoas talentosas envolvidas. Quem acompanhou a evolução da carreira do Fishbone se acostumou a álbuns que exploravam a música negra de um extremo ao outro. Sem abandonar o ska, o grupo acrescentou rock, funk, jazz, gospel e muito mais numa mistureba que ebuliu em *Give A Monkey A Brain* de 1993. Or tão lento, esse *Psychotic* quase não decola. Charme extra só na baladinha "Everybody Is A Star" e em "One Planet People", porque onde Gabriel do Fabulosos Cadillacs colocava a voz, sai coisa boa.

José Flávio Júnior

Chuchu beleza

KID ABELHA
Coleção (6)
Wea

E lá vem o Kid Abelha, desfilando uma coerência quase obscena se comparada à trajetória de seus colegas de geração. Seus integrantes não ficaram pelados em Santos, não estiveram em puro êxtase, não beijaram a mão de Caetano Veloso. Só não escaparam da praga que assola seus contemporâneos: o disco requentado. *Coleção* nada mais é do que a reunião de músicas já gravadas pela banda para tributos, projetos especiais ou songbooks. Destas, não há como não achar bonitinhas e, vá lá, fofas, canções como "Pingos De Amor" (de Paulo Diniz, lançada como tema de chinelo mauricinho), "Telefonema" (encontrada em *Memê & Eles*) e "Quem Tem Medo De Brincar De Amor" (dos Mutantes, presente na homenagem *Triângulo Sem Bermudas*). Claro, Paula Toller não precisava regravar "Mas Que Nada" (que nem a canja do autor, Jorge Ben, salvou) ou "Mamãe Natureza" (de Rita Lee), mas o mundo é assim mesmo. Ah, sim, há cinco "inéditas" – sendo duas sobras ("Eu Sei Voar", de *Autolove*, e "Um Momento Só", de *lê lê lê*), versões de "Pare O Casamento" (da ternurinha Wanderléa) e de "O Telefone Tocou Novamente" (de Jorge Ben), e "Deve Ser Amor", a única inédita real. Sacanagem é alguém exigir pensamentos sérios sobre elas. Afinal, são todas chuchu beleza...

Emerson Gasperin

"A música pop pode tudo"

Todas as bandas de sua geração vêm investindo em discos de material reciclado. Por quê?
Paula Toller: No auge dessa tendência, lançamos *Autolove* (1998), totalmente inédito. Nosso disco de carreira mais vendido é um inédito, *Meu Mundo...* (1996). O próximo lançamento também será inédito, portanto não se pode comparar, por exemplo, com os Titãs, que estão no terceiro CD de regravações. **George Israel:** Temos o lado autoral, mas também é divertido interpretar. Existe o prazer de redescobrir canções e levá-las ao público, que por sua vez tem curiosidade de saber o que ouvimos ou como tocaríamos tal música. As escolhas têm de funcionar como uma surpresa, uma novidade.

Quando vocês surgiram, pop era palavrão. Hoje, todo mundo quer ser pop...
Paula: Fazemos o que queremos desde o início. Ninguém fica dizendo o que a gente deve fazer para "dar certo". O pessoal do *business* respeita nosso trabalho. **George:** Sempre fizemos o pop artesanal, de quem gosta do que faz, sempre olhando para a frente. A música pop pode tudo em termos de sonoridade.

Que tipo de som vocês andam escutando?
Paula: Ultimamente, ouvi todos os lançamentos brasileiros, e o preferido foi Lenine. Tenho ouvido muito Björk, Pretenders e Santana, além de Bach, Beethoven e canteras como Maria Callas e Renata Tebaldi. **George:** Tenho ouvido muito Lenine, Manu Chao e *Run Devil Run*, o último disco do Paul McCartney.

E mais...

Nosso panorama mensal é invadido por remanescentes do tempo dos dinossauros, promessas não cumpridas e aquele circo de horrores habitual

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
HURRICANE - O FURACÃO (MCA/Universal)	Descolados como o rapper Black Star e a cantora Me'Shell Ndegéocello e figurões como Gil Scott-Heron, Bob Dylan e Ray Charles.	Na trilha do filme homônimo, em que o ator Delzel Washington é Rubin Carter, pugilista nos anos 60 acusado de um crime que não cometeu.	A seqüência de clássicos – "The Revolution Will Not Be Televised", "Hurricane"e "Hard Times No One Knows" – cai que é uma beleza.
LATTER DAYS (Atlantic/ Warner)	Uma bandinha aí que começou outro dia, um tal de Led Zeppelin.	No segundo volume de mais uma coletânea do grupo, desta vez a partir do disco *The Houses Of The Holy* (1973) até o fim da banda.	"Kashmir", "Nobody Fault But Mine", "The Song Remains The Same"... Funciona tão bem que as mesmas músicas são relançadas todo ano.
LIFE AND TIMES OF S. CARTER (Def Jam/ Universal)	Jay-Z, um daqueles rappers que só pegam nos Estados Unidos.	Fazendo rap do mesmo jeito que uns 400 grupos que vagam pelo mercado e que só pegam nos Estados Unidos.	Só nos Estados Unidos.
RECOLLECTION (Abril Music)	Creedence Clearwater Revisited, com dois integrantes do Creedence original, o baixista Stu Cook e o baterista Doug "Cosmo" Clifford.	Do único jeito que poderia ser: recheando dois CDs com os hits do velho Creedence.	Para quem prefere uísque paraguaio a escocês, sim.
BLACK DIAMOND (Arista/BMG)	Angie Stone, jovem cantora coroada como "a rainha do funk" pela revista *Elle* (?) americana.	Em seu disco de estréia, mais para R&B do que qualquer outra coisa.	Tudo que o mundo não precisa agora é de mais uma Toni Braxton.
TODAS AS GAROTAS DE IPANEMA (Abril Music)	O elenco da gravadora: Los Hermanos, Ira!, Ultraje A Rigor, Rajja & Cabong, mundo livre s/a, Mauricio Manieri...	Com cada artista adaptando o clássico de Tom Jobim e Vinicius de Moraes para o seu estilo. São dez vezes a mesma música!	Claro. Para decorar a letra. Imagine você que é do Rajja & Cabong a melhor versão.
RESSURRECTION (Hollywood/ Roadrunner)	Chris Perez Band, vencedor do Grammy na categoria melhor álbum de rock latino.	Em uma série de rockinhos e ambalinhos pop.	É tudo caprichado etc. e tal, mas ninguém vai morrer se perder músicas como "Noches En Vela", "Refugio" e "Resurrection"
NEVERMIND THE BOSSA NOVA.. (Trama)	Os escoceses-manguaça do Bloco Vomit.	Na ressaca criativa que originou o samba-punk de seu disco de estréia.	Em duas situações: depois da terceira caipirinha ou para se exibir com os amigos.
THE MAGICAL SOUNDS OF... (Gecko/Nikita)	Banco De Gaia, na verdade o inglês Toby Marks.	Em um disco com suaves batidas eletrônicas emoldurando melodias às vezes orientais, às vezes puro ambient.	Numa relax, numa tranqüila, numa boa. Ou num chill-out.
ROCK O' THE IRISH (Abril Music)	Só bandas e artistas irlandeses. U2, Pogues, Cranberries, Boomtown Rats, Waterboys, Fatima Mansions...	Numa coletânea de 14 faixas que dá um bom panorama do que rolou durante as décadas de 80 e 90 no cenário pop rock daquele país	Funciona, principalmente por conter faixas preciosas de três bandas que nunca foram lançadas no Brasil: Ash, High Llamas e Frank And Waters.
HEAD MUSIC (Epic/Sony)	A banda inglesa Suede.	Em seu quarto e menos inspirado álbum, com o vocalista e compositor Brett Anderson se repatindo. No Brasil com oito meses de atraso.	O fã de Suede comprou o importado na época e quem não é fã não vai virar por causa desse disco.
ACÚSTICO (Sony)	A provocante colombiana Shakira.	Tentando entrar nos Estados Unidos com a manjada estratégia do disco acústico. A produção é de Emilio Estefan Jr., chapa de Daniela Mercury.	Erm... A voz de Shakira é tida por alguns como inigualável e por outros como insuportável. Mas "Pies Descalzos" é uma bela canção.
A ARCA DOS BICHOS (Universal)	Zeca Baleiro, Ed Motta, Chico César, Claudinho & Buchecha e outros animais pagando mico (ópsi) num álbum de canções infantis.	Cada artista encarna um bichinho, conforme sua missão na Terra. Então, Beto Jamaica é um porco; Chico César, um canguru, e assim vai.	Rende umas risadas (duas, para ser exato), mas faltaram jumentos, muares e outros quadrúpedes de nobre plumagem.

Este é o DJ Patife.

A nova música brasileira já tem pista cheia.

"... cool é uma definição que se encaixa nesse disco sem grandes arroubos, mas elegante, classudo." Maurício Negromonte - Folha de São Paulo
"From Brazil - two every different, but equally slammin' twelves of breakbeat action. O Discurso is label boss Bruno E's project and here he throws down a Chemical's style blend of tribal vocals." Knowledge

"...um disco que está sendo esperado ansiosamente por luminares do d&b, como DJ Fábio e o MC Dynamite." - Silvio Essinger - Jornal do Brasil
"Sambaloco Records has surfaced as the channel for this fresh new style of dance music. More than a record label." - Knowledge

Já à venda nas melhores lojas.

TRAMA
Uma empresa

Ao Vivo

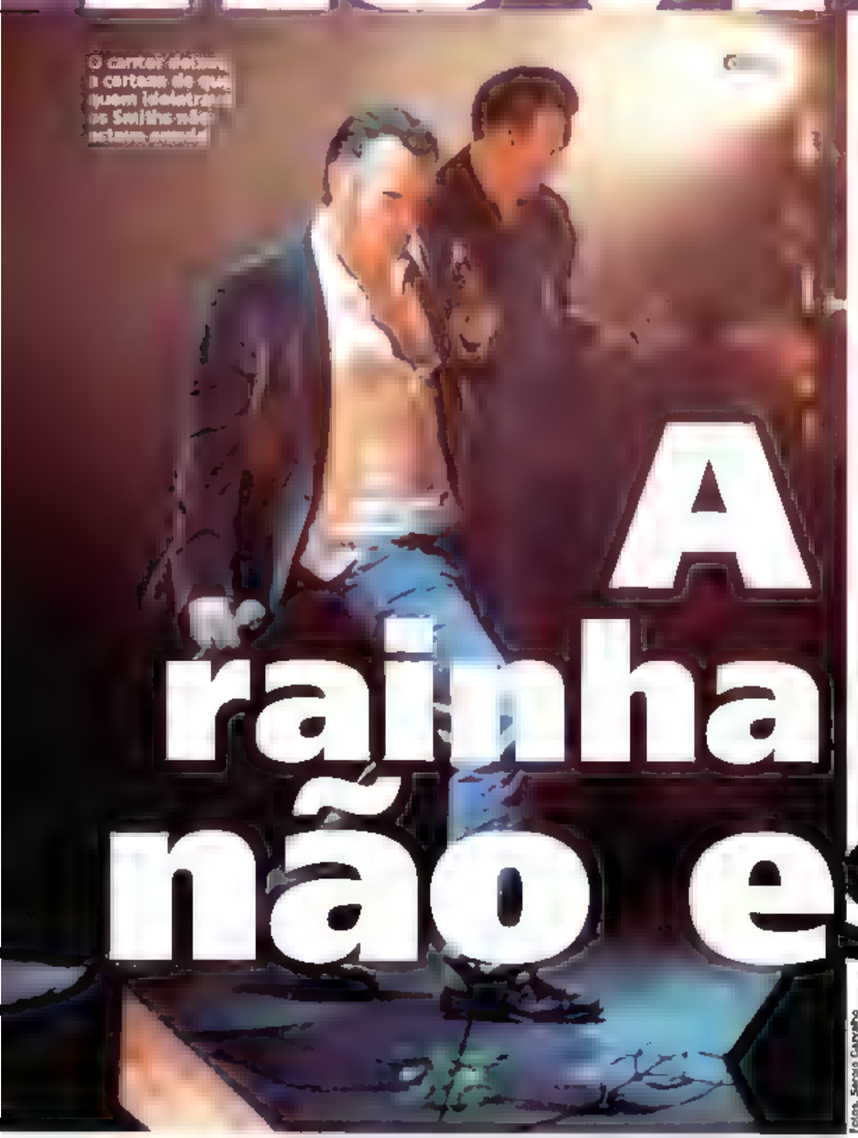


Foto: Sergio Carvalho

A rainha não está morta

Morrissey

Opinião, Porto Alegre (RS), 31/3

Ainda que o show do Echo & the Bunnymen, realizado no mesmo Opinião em que Morrissey se apresentou pela primeira vez no Brasil, tenha mostrado como é possível envelhecer com dignidade, e apesar de terem me garantido que o show da biba que mais sofre (sofria?) no mundo era muito bom, a indisfarçável desconfiança de que a apresentação do ex-Smiths pudesse ser mera nostalgia ou algo anacrônico como o cabelo espetado e "dark" do Robert Smith dos anos 80 era muito forte. Dos Smiths, aquela banda do vinil clássico de Truman Capote pulando feito uma gazela (Morrissey?) na capa, podia se esperar tudo. De Morrissey, uma década depois do fim da amizade/parceria com Johnny Marr, eu esperava pelo menos dignidade. Vi muito mais do que isso.

A impressão inicial de decadência na melhor linha Elvis (de um Morrissey mais gordo e de longas suíças) foi tão logo estilhaçada que já deu para ficar emocionado com os acordes iniciais da banda de rockabilly mais cool do planeta. Alegre como convém a quem atraca na capital sulista, Morrissey foi interativo ao ponto de eu questionar o quão falsa era sua tristeza gay dos velhos tempos de Smiths. Performático feito um crooner de cabaré sob um cenário de *Twin Peaks*, Morrissey justificou a fita gravada com "My Way" no final do espetáculo antes mesmo de ele chegar à metade. Lotado, o Opinião vibrava numa frequência muito especial, entre o saudosismo e a satisfação, e as cinco canções dos Smiths interpretadas funcionaram como prêmio, nunca consolo. O Morrissey que Porto Alegre esperou tanto tempo para ver, ainda que sem os Smiths, desmentiu seu "everyday is like sunday" numa sexta memorável. Não por ser um ícone, mas por se manter um mestre do entretenimento. Não por recorrer a canções clássicas de sua ex-banda (e olha que isso é o que não falta), mas por recuperar para a minha memória a beleza poética de "Half A Person" ou destilar petardos do vôo-solo como "The More You Ignore Me" e arrancar lágrimas que eu não fiz a mínima questão de esconder (afinal "boys don't cry" é bobagem daquela outra banda bacana dos anos 80).

Em um teatro-bar com capacidade para 1 600 pessoas, eu vi Morrissey a poucos metros de distância e concluí que estava certo quando idolatrava os Smiths. Sua visita demorou. Mas não foi tardia.

Marcelo Ferla

Olympia, São Paulo (SP), 4/4

Assim como Elvis, Moz não morreu. Tanto nos corações dos fãs quanto no plano físico, ao contrário do rei do rock. Há grandes semelhanças entre ambos: como a idolatria desmedida, o eterno culto ao astro, os timbres de voz marcantes. Mas se Presley foi acabar balofo, cantando para endinheirados em boates de Las Vegas com ternos roupas cheias de lantejoulas e golas ridículas, Morrissey ainda tenta preservar seu charme original dos tempos dos Smiths.

Claro que ele está com 40 e poucos, uns bons quilinhos a mais e até o topete – outra associação imediata com The Pelvis – anda meio ralo. Mas isso não impediu que uma legião de aficionados adentrasse incondicionalmente o ídolo no Brasil. Fui vê-lo em São Paulo, mas uma garota de Curitiba, conhecida de amigos meus, me ligou dizendo que tinha adorado tanto o show que estava voando para cá para vê-lo novamente. Pediu dicas de como se deslocar do aeroporto de Congonhas ao Olympia e chegamos até a marcar um encontro, mas ela acabou não vindo.

Este fato específico não foi único: vide as duas americanas que estão acompanhando a atual turnê *Oye Esteban!* pelo mundo afora, uma delas assistindo a mais de 70 shows do cantor. Sem falar na babação de ovos praticada pela imprensa em geral, para quem Morrissey é o "maior inglês vivo", "único", "incomparável" e por aí afora. Tudo isso fazia supor que aquele seria um espetáculo sensacional, inesquecível, imperdível.

OK, não foi bem isso o que aconteceu. O público do local não se restringia apenas a viúvas dos Smiths, na faixa dos 40 havia desde pessoas de mais idade até adolescentes que deviam estar nascendo quando o ex-grupo de Moz lançava o seu primeiro disco. Porém, todos comungavam na veneração total ao cantor, que não fez concessões ao público e apresentou praticamente um show padrão em todas suas performances por aqui.

Claro que as músicas de sua carreira-solo têm valor e são as coisas que mais se aproximam dos antigos trabalhos dos Smiths. Afinal, o que fez Johnny Marr desde que saiu do grupo, exceto acompanhar outros artistas e formar o esquálido Electronic, com Bernard Sumner, do New Order? Canções como "Ouija Board, Ouija Board", "I Am Hated For Loving" e "November Spawned A Monster" levaram a platéia ao delírio, devidamente escoradas pelas guitarras de Boz Burrell e Alain Whyte, que substituíram Marr a contento.

Mas a atração principal era a relação do cantor com seu público fiel. Flores, cartazes, álbuns de fotos eram atirados incessantemente ao palco e retribuídos por camisetas jogadas por Moz, imediatamente estraçalhadas pela platéia. Alguns gaiatos conseguiram até subir ao palco e só não foram retirados aos tapas pelos seguranças por interferência do próprio Morrissey. O cara pode até ser "sensível", mas grande parte de seus admiradores se assemelham a uma horda de fanáticos.

Em uma das poucas músicas dos Smiths em seu repertório, estava o libelo vegetariano "Meat Is Murder", postura que Moz assume radicalmente. Chegou a ser dito que ele pararia o show ou simplesmente não subiria ao palco se soubesse que estava sendo vendido algum tipo de comida com carne nas casas onde se apresentasse. No entanto, na lanchonete do Olympia uma funcionária informava que o cachorro-quente era R$ 5,00 e a porção de churrasco saía por R$ 15,00.

Celso Pucci

Bacalhau, Ulisses, Alf e Beto (da esq. para a dir.): o quarteto arrancou pulos, suspiros e lingerie do público paulistano

Som na caixa, sutiã no palco

Rumbora
Palace, São Paulo (SP), 13/4

Foi um daqueles shows que mereciam maior público do que o que rodou as catracas. A abertura coube ao rapper carioca (devidamente enturmado em terras paulistas) Black Alien, lado a lado com outro conterrâneo, o rapper Speed. Mas a noite era do Rumbora, recebido com coro de estádio de futebol por sua "fiel" torcida.

Mesmo "queimando" seu hit "Chapirous" logo na segunda música – o refrão "Vou tentar aproveitar..." ecoou no Palace por um longo tempo –, o quarteto conseguia manter a temperatura à beira da ebulição. Em meio ao frenesi, alguns sutis abandonavam suas donas e aterrissavam no palco. Quem não era tragado pelo som no talo, era magnetizado pela produção de primeiríssima – no fundo do palco, telões projetavam com incrível definição imagens lisérgicas extraídas da capa e do encarte do disco da banda, o nervoso *71*.

A matemática do Rumbora é simples: marcação implacável do baixo somada com a da bateria, multiplicada pela pegada forte e veloz das duas guitarras. Alinhavando tudo, construções rítmicas simples e o vocal prático de Alf e Beto que se revezam ao microfone. Nada de extraordinário, mas com uma vocação *teen* tão afiada quanto o entendimento do quarteto em cena.

"Akidô" traz Black Alien e Speed de volta ao palco para uma participação especial. "Esses aqui tão em casa", endossa Beto. Nem só do material de *71* viveu o show – quem foi ao Palace em busca apenas de músicas conhecidas levou de brinde cinco inéditas: "Tudo Certo", "Vem Nimim", "Flou", "Veste" e "Laderão", além de uma releitura de "Dança Do Semáforo", faixa pouco conhecida da malvada Plebe Rude. "Essa é uma homenagem à Plebe e a todas as bandas de Brasília", exultou Alf, advogando em causa própria. Outro momento bacana foi a intervenção do guitarrista Ulisses "Iommi", que, com um apelo desses, só poderia estar ali com uma intenção: "Iron Man", do Black Sabbath, que causou catarse.

Mas ainda havia mais. Na reta final, "Skaô", "Pereba" e "Ó Do Borogodó" emendadas, tiraram o fôlego de todo mundo. O bis começou com a balada "Mal Do Mundo" (com direito a isqueirinhos e tudo), passou por nova execução de "Chapirous" e terminou com "Que País É Esse?", da Legião Urbana, cantada por Dinho, do Capital Inicial, arrancado à força do meio do público. Para qualquer fã do Rumbora, a noite estava mais do que ganha.

Carlos Eduardo Oliveira

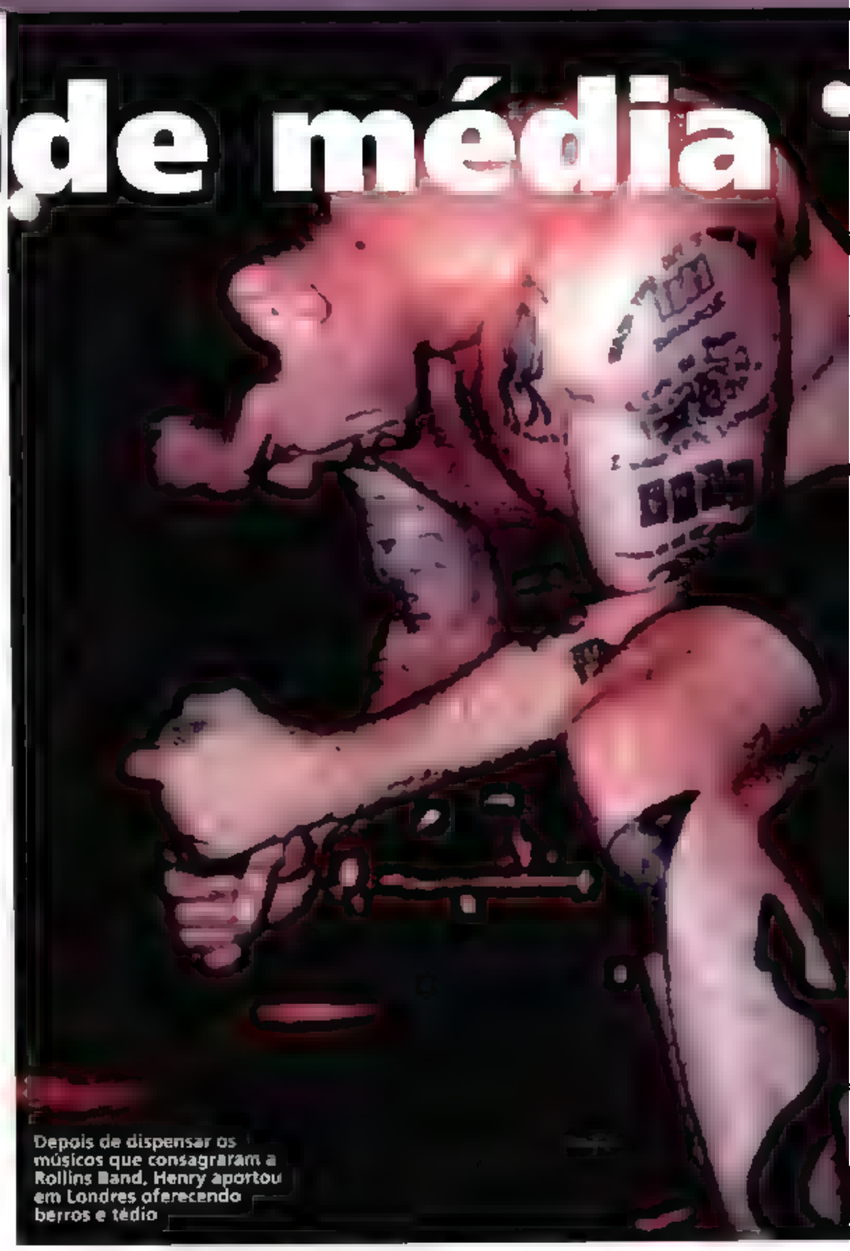
Grande média

Rollins Band
Forum, Londres, 25/3

Na saída do show londrino da nova turnê da Rollins Band pela Europa, não dava para deixar de pensar em apenas uma coisa: por que tem gente que morre sem ser por cima enquanto a banda dá tempo? Excelente escritor, palestrante renomado e cantor de rock nas horas vagas, assim poderia ser escrito o alterego cartão de visitas de Henry Rollins, o mítico ex-vocalista da banda americana de hardcore Black Flag e líder da Rollins Band. Para se ter uma ideia da importância de seu antigo grupo, basta dizer que o grunge só surgiu depois que a banda fez um show em Seattle que impressionou tanto a garotada da cidade que logo todo mundo por lá estava tentando assimilar a lentidão que o Black Flag introduziu no hardcore da época.

Dito isto, realmente dá pena ver uma verdadeira lenda se sujeitar a fazer shows assim aos 40 anos de idade. Musicalmente, o espetáculo podia ser dividido em dois tipos: músicas rápidas, com Rollins berrando e pulando pelo palco; e músicas lentas, com Rollins berrando e pulando pelo palco. Ou seja, com vinte minutos já estava dando tédio em todos os que não eram fãs ferrenhos do grupo, que em sua versão 2000 traz Rollins e mais três integrantes recrutados numa banda de hard rock chamada Mother Superior (ahas, que debilide mental era aquela do guitarrista vestindo uma camiseta do Charles Manson???).

Em alguns momentos até parecia que ia engrenar, como quando Rollins mandou "You Let Yourself Down" e "Your Number Is One", ou ainda no punk "Change It Up". Mas mesmo com todo o seu carisma e anos de prática em cima do palco, não dava para conter a insatisfação em covers desnecessários como "Are You Ready?" ou "The Rocker", ambas do Thin Lizzy, ou a tediosa "Hotter And Hotter", escrita por ele em parceria com o amigo Wayne Kramer (lendário ex-guitarrista da banda MC 5).



Depois de dispensar os músicos que consagraram a Rollins Band, Henry aportou em Londres oferecendo berros e tédio

Sem dar a mínima pinta de quem vai aposentar as chuteiras (durante o show ele tocou várias músicas de *Get Some Go Again*, novo álbum da Rollins Band que não mostra nenhuma mudança no tedioso e previsível som da banda atualmente), Henry Rollins corre o risco de se tornar o John Lydon da sua geração. Nota 4 para o show, 10 para a história do moço, média 7. Por enquanto, ainda passa raspando.

Luciano Vianna

Santistas e australianos na onda

Nacional

Shin Shikuma

É o Charlie Brown Jr. não perde tempo. Nem bem "Confisco" desgrudou das rádios, os *bad boys* de Santos já emplacaram outro sucesso, "A Grande Volta", quarta música do álbum *Preço Curto, Prazo Longo* a entrar na parada. A melhor banda nacional de 1999 (segundo os leitores de SHOWBIZZ) continua em turnê, com shows conturbados e muita bagunça por onde passa, mas sempre sucesso de público. Os garotos dos Los Hermanos também têm motivo para comemorar: duas ao mesmo tempo é areia demais para o caminhãozinho deles.

		mês anterior
1	"Papo De Jacaré" / P.O. Box	1º
2	"Bem Querer" / Maurício Manieri	2º
3	"Anna Julia" / Los Hermanos	3º
4	"Primavera" / Los Hermanos	8º
5	"Pensando Em Você" / Maurício Manieri	5º
6	"Te Encontrar De Novo" / Vinny	4º
7	"Me Lambe" / Raimundos	6º
8	"Perdendo Dentes" / Pato Fu	•
9	"Estaré Prendido En Tus Dedos" / Skank	12º
10	"Me Deixa" / O Rappa	•
11	"Amor De Verdade" / Paulo Ricardo	11º
12	"O Vento" / Jota Quest	7º
13	"A Grande Volta" / Charlie Brown Jr.	•
14	"Meu Reggae É Roots" / Natiruts	•
15	"O Carcará E A Rosa" / Natiruts	9º
16	"Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)" / O Rappa	17º
17	"A Mais Pedida" / Raimundos	•
18	"Praia Nudista" / Tihuana	13º
19	"Hoje A Noite Não Tem Luar" / Legião Urbana	10º
20	"Quando O Sol Bater Na Janela..." / Barão Vermelho	•

Internacional

Divulgação

Carinha bonita, balada bonita... Será que é preciso mais alguma coisa para se alcançar o sucesso? Para o Silverchair, não. Aí está a prova: "Miss You Love", terceiro hit do álbum *Neon Ballroom*, subiu três posições. O raciocínio também serve para o Red Hot Chili Peppers, em quinto com "Otherside". Já o Moloko, no 17º posto, revive um fenômeno comum nos anos 80: comerciais de cigarros colocando músicas na parada. O trip-hop "Sing It Back" está conquistando fumantes e não-fumantes por causa da propaganda do Lucky Strike.

		mês anterior
1	"El Arbi" / Khaled	2º
2	"Smooth" / Santana com Rob Thomas	3º
3	"Simarik" / Tarkan	8º
4	"American Pie" / Madonna	5º
5	"Otherside" / Red Hot Chili Peppers	16º
6	"Miss You Love" / Silverchair	9º
7	"Sexbomb" / Tom Jones With Mousse T	•
8	"Against All Odds (Take A Look At Me Now)" / M. Carey	1º
9	"Heartbreaker" / Mariah Carey com Jay-Z	11º
10	"I Knew I Loved You" / Savage Garden	4º
11	"The Ground Beneath Her Feet" / U2	15º
12	"Black Balloon" / Goo Goo Dolls	•
13	"Run To The Water" / Live	•
14	"All The Small Things" / Blink 182	•
15	"Ojos Así" / Shakira	•
16	"Go Let It Out" / Oasis	20º
17	"Sing It Back" / Moloko	•
18	"Summer Moved On" / A-Ha	•
19	"Learn To Fly" / Foo Fighters	6º
20	"Next Year" / Foo Fighters	•

Crowley

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em 12 rádios FM do Rio de Janeiro e 12 rádios FM de São Paulo, no período de 1º a 31 de março de 2000. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização da CBAB

• estréia

COM O TROCO, VÊ SE CORTA O CABELO.
UOL POR R$17,50* AO MÊS PARA ESTUDANTES
COM CARTEIRINHA DA UMES.
Faça sua carteirinha de estudante pelo site www.uol.com.br/umes ou ligue para 0XX11 289-7411. Você ganha desconto na assinatura e e-mail grátis, com a qualidade de acesso e o conteúdo exclusivo do maior provedor do Brasil.
UMES
www.umes.org.br
ASSINE JÁ: 0800 175757
www.uol.com.br
UOL
O MELHOR DA INTERNET.
* Desconto de 50% na assinatura do plano ilimitado de R$ 35.

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP, e-mail: showbizz@simbolo.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Alanis Morissette: Camila Mendes – Rua Georges Gebrail, 155 – Diadema, SP – CEP 09972-310

Beck e Blur: Paula Bassi – Rua Rio Tietê, 227 – Jardim Aclimação – São José do Rio Preto, SP – CEP 15091-400

Cranberries e Cher: Günther Paz Gitzel – Rua Cel. José Maria Machado, 1475 – Vila Progresso – Manoel Viana, RS – CEP 97640-000

Cure e Shelter: Mariana Tramontina Morais – Rua 50, quadra A, lote 17, casa 47 – Cidade Jardim – Goiânia, GO – CEP 74410-080

Doors: Juliana Oiola - Rua São João, 128 – Jardim São Paulo – São Bernardo do Campo – SP – CEP 09715-240

Elastica e Oasis: Florencia Libertini – Rua Visconde de Pirajá, 462/302 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22410-002

Nenhum De Nós: Janaina Catia Silva – Rua Andrônico Pereira, 27 – Camboriú, SC – CEP 88340-000

Rage Against The Machine: Marcos Alberto Golçalvez – Rua Nerino Coracino, 556 – Jardim São José – Vargem Grande do Sul, SP – CEP 13880-000

Red Hot Chilli Peppers: Gláucia Zóia de Castro – Rua Avelino Esteves da Silva, 105 – Candelária, Venda Nova – Belo Horizonte, MG – CEP 31510-120

Silverchair e Pearl Jam: Vanessa Calvo – Rua Uruçuca, 151 – Tatuapé – São Paulo, SP – CEP 03412-080

Slayer e Kreator: Adair Júnior Thauneur Bueno – Rua João M. Pinto, 100 – Centro – Fortaleza dos Valos, RS – CEP 98125-000

Soulfly e Sepultura: Caio Castro Silva – Rua Carlo Carra, 279 – Vila Santa Catarina – São Paulo, SP – CEP 04367-000

Stray Cats: fã no sul do país

Stray Cats: Juliano de Abreu – Rua Rolante, 323 – Sapucaia do Sul, RS – CEP 93214-170

U2 e Guns N' Roses: Gisele Marinho Gomes – Rua Nancir F. de Oliveira, 371 – Praia Grande, SP – CEP 11719-130

PROCURO

Bob Dylan: Estou atrás de qualquer material sobre o artista – Thiago Barrozo – Rua Doutor Jacy Barbosa, 43, Vila Carrão – São Paulo, SP – CEP 03447-000

Bush e Nine Inch Nails: Procuro material das duas bandas e também do Goo Goo Dolls – Carina Lebou – Rua Cruz e Sousa, 335, casa 10 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20745-000

Paralamas do Sucesso: Procuro material da banda, principalmente gravações de shows, CDs em espanhol e cartazes – Vanessa Cezanoski – Rua Reskala Snege, 187 – Curitiba, PR – CEP 81850-080

Rita Lee: Material mais antigo e fã-clube em São Paulo, CDs lançados no exterior, gravações em VHS, reportagens, fotos – Tamy Maris – Rua Américo Brasiliense, 830, apto 32 – São Bernardo do Campo, SP – CEP 09715-022

Titãs: Procuro fotos, reportagens, CDs e pôsteres, principalmente do tecladista Sérgio Britto – Camila Teixeira – Rua Cicantã, 38, Campo Limpo – São Paulo, SP – CEP 05756-300

FÃS-CLUBES

Beatles: Beatles Forever Fan Club – Rua Bruxelas, 146 – São Paulo, SP – CEP 01259-020

Janis Joplin: Pérola Cósmica – Cláudia Palmeira – QNN 38 Conj. E, casa 36 – Gariroba, DF – CEP 72220-385

Legião Urbana: Fã-Clube Filósofos Suicidas – Rua Santo Antônio, 193-A – Vila Ressaca – Mogi das Cruzes, SP – CEP 08840-270

Michael Jackson: Michael Jackson The King Of The Universe Fã-clube – Alameda das Chananas, 102, Cidade 2000 – Fortaleza, CE – CEP 60190-360

Roxette: Roxette Fã-Clube da Bahia – Rua Maria Luiza, 82 – Iguape, lote 02/quadra B – Ilhéus, BA – CEP 45650-000

Toy Shop: Fã-Clube Oficial Toy Shop – Rua Itamar, 292 – Jardim Marilu – Itapecerica da Serra, SP – CEP 06850-000

Wilsom Sideral: Fã-Clube Totalmente Sideral – Rua Benedito Fernandez, 152, ap. 103, bloco A – Jardim Martini – São Paulo, SP – CEP 04746-110

FANZINES

Reggae: Dennis Brown, Gregory Isaacs, Jacob Miller & Cia. – Antonio Carlos Braga – Rua Dr. J. J. Seabra, 426/302, Centro – SSA, BA – CEP 40025-001

Rock Independente: MagaZine – Rua Visconde Inhomirim, 714 – São Paulo, SP – CEP 03120-001 – E-mail: magazine@uol.com.br

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar 40 palavras.
Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

Stamp Rockwear

CAMISETAS OFICIAIS
ESTAMPAS DE ALTA QUALIDADE
TEL : 0**11 6979 7344

RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR
FAX : 0**11 6979 5456

FRETE GRÁTIS
PROMOÇÃO ESPECIAL
VÁLIDA ATÉ 30/06/2000
stamp@uol.com.br

R$ 19,90 cada camiseta

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU CARTA) CORRETAMENTE PREENCHIDO PARA A STAMP:
RUA HELIODORA, 321 CEP 02022-051 SÃO PAULO,SP

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

ACEITAMOS TROCA EM CASO DE DEFEITO OU TAMANHO.

TAMANHOS P, M, G.

DESCONTO PARA REVENDEDORES

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME:
END:
CEP: CID: EST:
TEL: ASSINATURA:

MAIO/00

Barulhinho bom

Com *Daydream Nation*, o **Sonic Youth** previu tudo o que de mais ousado rolou no rock dos anos 90

Influentes, precursores, revolucionários e muito, mas muito barulhentos

Divulgação

Performance

Ano de lançamento: 1988
Produção: Nicholas Sansamo e Sonic Youth
Músicas: "Teen Age Riot" • "Silver Rocket" • "The Sprawl" • "Cross the Breeze" • "Eric's Trip" • "Total Trash" • "Hey Joni" • "Providence" • "Candle" "Rain King" • "Kissability" • "Trilogy: a) The Wonder b) Hyperstation z) Eliminator Jr."

Além de *Daydream Nation*, a carreira do produtor Nicholas Sansamo conta com *Amerikkka's Most Wanted* (primeiro disco solo do rapper Ice Cube), *It Takes A Nation Of Millions To Hold Us Back* (o melhor disco do Public Enemy) e *Generation Terrorists* (estréia do Manic Street Preachers). O Sonic Youth mais tarde gravaria com Chuck D, do Public Enemy, no álbum sucessor (*Goo*).

Daydream Nation
Sonic Youth

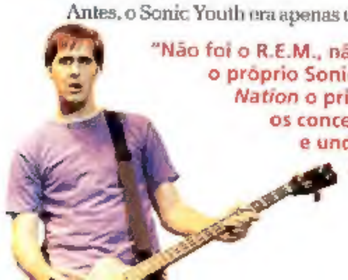
Felizmente, os anos 90 serviram para rachar os muros preconceituosos que a década de 80 carinhosamente erigiu. E foi entre julho e agosto de 1988 que uma banda nova-iorquina iniciou o terremoto, capaz de chacoalhar os alicerces da música pop, convergindo rap, pop inglês e rock underground americano para um mesmo objetivo (em 1991, *Nevermind*, do Nirvana, selaria o fenômeno). Depois que o Sonic Youth derrubou todas as barreiras entre as diversas vertentes do rock, usando a microfonia como aríete, ele nunca mais foi o mesmo.

Antes, o Sonic Youth era apenas um dos principais representantes da cena pós-punk nova-iorquina, uma geração com mais de um rótulo – pigfuck, noise, no wave – que primava pelo barulho fora de controle como principal idioma. Ao lado do Big Black, Minutemen, Pussy Galore e Butthole Surfers, o Sonic Youth tinha uma grande reputação entre os seguidores daquela geração. Mas foi a partir da entrada do baterista Steve Shelley, que completou para sempre o trio formado pelo casal Thurston Moore e Kim Gordon, mais o guitarrista Lee Ranaldo, que o grupo começou a desequilibrar. Discos como *EVOL* e *Sister* antecipavam um grande abalo sísmico, capaz de destruir todas as noções atuais dos limites da guitarra – sempre um tabu na história do rock.

Com o duplo *Daydream Nation*, o quarteto nova-iorquino atingiu o rock como uma bomba atômica subterrânea sob os pilares do que conhecíamos por rock. Os três vocalistas cuspiam letras como palavras de ordem, misturando literatura marginal e rock'n'roll primitivo, preocupados mais em atingir seu alvo do que com a sujeira que o tiro poderia causar. Mas o centro do álbum são as guitarras: um enxame de microfonia que consegue soar caótico, melódico, bucólico, aterrador e brutal – muitas vezes em poucos minutos, como na introdução de "Cross the Breeze" e o meio de "The Wonder".

Propulsionado por um dos mais subestimados bateristas do pós-punk, o trio central do grupo (que se identificava com símbolos no rótulo do disco, à Led Zeppelin) atravessava terrenos tão diferentes quanto hardcore, vanguarda, heavy metal, folk, pós-punk inglês, progressivo, psicodelia e punk rock, com suas guitarras e baixo citando referências sonoras como se contassem a sua versão da história do rock, abrangendo todos os gêneros como frutos do mesmo som. Um ruído incômodo, que incomoda ao mesmo tempo que provoca, que está no centro do melhor rock, seja de que tipo for.

Alexandre Matias



"Não foi o R.E.M., não foram os Pixies nem o próprio Sonic Youth. Foi *Daydream Nation* o primeiro a destruir todos os conceitos entre mainstream e underground, comercial e artístico, punk e pop". Krist Novoselic

501®

Original jeans. Original people.

www.levi.com - Ligue Levi's: (0XX11) 3066-3663

LEVI'S®